



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Ciências Sociais – ICS  
Departamento de Sociologia – SOL  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia - PPGSOL

FLÁVIA DE SOUSA OLIVEIRA

**A política institucional morreu para juventude? O ativismo político dos estudantes da Universidade de Brasília**

BRASÍLIA  
2023

FLÁVIA DE SOUSA OLIVEIRA

**A política institucional morreu para juventude? O ativismo político dos estudantes da Universidade de Brasília**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Sociologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Débora Messenberg Guimarães.

Brasília, Março de 2023

FLÁVIA DE SOUSA OLIVEIRA

**A política institucional morreu para juventude? O ativismo político dos estudantes da Universidade de Brasília**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Sociologia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Débora Messenberg

Banca Examinadora:

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Débora Messenberg (Presidente) – PPGSOL/UnB

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Sayonara de Amorim Gonçalves Leal (Avaliadora Interna) – PPGSOL/UnB

Prof. Dr. Luíz Gustavo da Cunha de Souza (Avaliador Externo) – PPGSP/UFSC

Suplente:

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Haydée Glória Cruz Caruso – PPGSOL/UnB

BRASÍLIA  
2023

*À minha mãe Elvira  
e a todos, todas e todes interessados pelas percepções juvenis  
quanto a sua realidade e sociedade.*

## AGRADECIMENTOS

O processo de escrita dessa dissertação mobilizou muitos afetos, muita ansiedade, dúvidas e crise de impostora, mas me proporcionou também bons encontros que me fizeram crescer como pessoa. Foi uma jornada e tanto. E, com certeza, saio muito diferente de quando ingressei no mestrado. Dito isso, preciso agradecer às pessoas que me ajudaram a chegar até aqui e que, portanto, ajudaram a edificar esse trabalho:

Primeiramente, gostaria de agradecer de forma profunda a duas pessoas: minha mãe e minha orientadora Débora Messenberg. As duas acreditaram e confiaram em mim e em meu potencial em momentos em que eu mesma não acreditava em mim. Além disso, me forneceram suporte e acolhimento nos momentos em que mais necessitava. Bem como me ajudaram a reorganizar meus pensamentos toda vez que minha ansiedade, dúvidas e síndrome de impostora atacaram. Não tenho palavras para agradecer o que vocês fizeram por mim nessa trajetória, mas deixo aqui meu sincero agradecimento. Muito Obrigada!

Também gostaria de agradecer, à minha família por todo apoio, suporte e momentos felizes que sempre me proporcionaram ao longo da minha existência.

Agradeço também a meus amigos Nicolas e Luís Filipe que conseguiam me fazer pensar em outra coisa que não os textos que tinha que ler. Além de sempre me apoiarem, acreditarem em mim e me proporcionarem momentos de muita alegria e felicidade mesmo quando passamos um certo tempo sem nos encontrarmos.

Agradeço ao meu amigo Vitor Astavros. Não nos encontramos muito nesses últimos anos, mas suas postagens no *instagram* sempre aqueciam meu coração e me provocavam boas risadas. Além disso, amo acompanhar seu projeto Gracyanne Barbosa.

Agradeço também ao Bidu, esse serzinho de quatro patas, que muitas vezes se deitava ao lado da mesa onde escrevo/leio. E outras tantas vinha até o quarto ver como eu estava, claro, exigindo um cafuné em troca.

Agradeço também a Sayonara Leal e Luíz Gustavo da Cunha que compuseram a banca da minha qualificação e me forneceram insights, orientações e conselhos que foram fundamentais na consolidação do meu pensamento e na produção desta dissertação. Muito Obrigada!

Agradeço também a Sayonara Leal pelas conversas e pela iniciativa do grupo de estudos “Crítica e Pragmatismo nas Ciências Sociais” em que realizamos a leitura conjunta da obra *A Justificação* de Boltanski e Thévenot um livro que me ajudou muito na construção do meu

pensamento. Além disso, as trocas realizadas nos encontros eram muito ricas e proveitosas. Aproveito para agradecer às outras meninas que participaram do grupo.

Agradeço ao professor Luiz Gustavo pela conversa que tivemos sobre minha pesquisa. Suas orientações foram fundamentais para pensar a estruturação de minha pesquisa e no entendimento da teoria honnethiana.

Agradeço também as meninas do grupo *Mulheres Acadêmicas* pelas conversas, risadas, desabafos e compartilhamento de angústias. Então, obrigada Daniela, Gabriela, Larissa, Júlia, Simone, Larissa Bastos e Thais.

Agradeço aos meus colegas do PET com quem compartilhei o final da minha trajetória nesse espaço, que foi tão importante em minha formação e nas amizades que construí. Então, obrigada Gabi, Bia, Daniel Maia, Daniel Olinda, Júlia, Matheus, Ruy, Isabella, Laura, Lucas e à professora Ana Collares.

Agradeço à Patrícia Rodrigues e Gabriella que sempre nos ajudaram com as burocracias do mestrado e com os trâmites dos processos. A ajuda de vocês foi fundamental para deixar a trajetória do mestrado mais tranquila.

Agradeço os professores do Instituto de Ciências Sociais, principalmente, aqueles e aquelas que me acompanharam nessa jornada. Então, obrigada professora Tânia Mara, Ana Collares, Sayonara Leal e aos professores Carlos Benedito, Emerson Rocha, Stefan Klein.

Agradeço ao departamento do programa de pós-graduação de Sociologia pela concessão da extensão de prorrogação do mestrado para que pudesse concluir minha pesquisa.

Agradeço à CAPES e ao CNPQ pela concessão da bolsa durante meu período de mestrado que foi fundamental para produção dessa dissertação.

Agradeço ao rico encontro com os professores Filipe Campello, Mariana Fischer, Érico Andrade, Gabriel Peters, Cibele Barbosa e Alexandre de Jesus. Apesar de todos os problemas decorrentes da pandemia, foi muito bom poder acompanhar as suas discussões mesmo aqui de longe.

Agradeço, também, a todos e todas os(as) interlocutores(as) dessa pesquisa pela colaboração, disposição e tempo para me conceder uma entrevista. Bem como agradeço por compartilharem comigo suas experiências.

Agradeço à Vinícius Venancio e Ana Clara Damásio pela conversa sobre dicas de como viver essa experiência que foi o mestrado e pela inspiração.

Por fim, agradeço aos colegas que reencontrei no Instituto de Ciências Sociais (ICS) após 2 anos de pandemia: Flávia da Costa, Flávio Borges, Andreza Benila, João Pedro Peleja e Eduardo Rodrigues.

*“O que você vê?  
Qual a intenção?  
Sou uma invenção?  
O que é real?  
O que é projeção?  
Eu quis mudar o jeito de pensar,  
o jeito de agir [...]”  
(Karla – O que você vê, 2020)*

*“You got to make a change  
You got to make a change  
We got to make a change  
We got to make a change”  
(Durand Jones & The Indications – make a change, 2018)*

## RESUMO

Esta dissertação busca seguir um caminho contrário ao comumente adotado quando se trata da relação entre juventude e participação política. Nesse sentido, ao invés de averiguar o que afasta os jovens da política convencional e o que explica seu baixo engajamento e interesse nessa forma de ação política, preocupa-se mais diretamente sobre o que leva os jovens, hoje, a participarem da política de uma maneira organizada em um contexto produtor de subjetividades individualistas. Para tanto, realizou-se um estudo empírico com os jovens universitários(as) da Universidade de Brasília (UnB), os quais integraram as organizações estudantis *A Gente que Lute* e *Aliança pela Liberdade*, constituídos para a eleição da diretoria do espaço de representação discente do Diretório Central dos Estudantes (DCE) Honestino Guimarães, no ano de 2019, período que representa a última disputa eleitoral discente polarizada ocorrida na universidade. Com o propósito de responder as seguintes questões: Qual o perfil dos jovens estudantes da UnB que se interessam e exercem a política institucional universitária? O que os move para atuarem nessa política institucional, bem como, quais os afetos se encontraram mobilizados para o exercício desta atividade? Nesse sentido, a operação investigativa move-se em dois eixos: 1) A compreensão do que fez esses jovens se mobilizarem para a adesão ao grupo político; 2) O que esses jovens queriam desses grupos. Conclui-se que as experiências de como cada interlocutor da pesquisa chegou ao grupo político são diversas e singulares, pois se relacionam intrinsecamente com os ambientes em que cada um circula, com as relações que cada um tece. Contudo, o ponto em comum entre elas e que possibilita entender a postura polarizada entre os grupos, está nas gramáticas morais utilizadas por eles para julgar o ambiente universitário e sua problemática, o papel do DCE e a função da universidade.

**Palavras-chave:** Participação Política. Juventude. Motivações. Gramáticas Sociais.

## ABSTRACT

This dissertation seeks to follow a path contrary to that commonly adopted when it comes to the relationship between youth and political participation. In this sense, instead of investigating what keeps young people away from conventional politics and what explains their low engagement and interest in this form of political action, it is more directly concerned with what leads young people today to participate in organized politics in a context that produces individualistic subjectivities. To this end, an empirical study was conducted with university students from the University of Brasília (UnB), who integrated the student organizations A Gente que Lute and Aliança pela Liberdade, formed for the election of the student representation space's board of the Central Directory of Students (DCE) Honestino Guimarães in 2019, a period that represents the last polarized student electoral dispute that occurred at the university. To answer the following questions: What is the profile of young UnB students who are interested in and engaged in institutional university politics? What motivates them to act in this institutional politics, as well as which affects are mobilized for the exercise of this activity? In this sense, the investigative operation moves along two axes: 1) Understanding what made these young people mobilize to join the political group; 2) What these young people wanted from these groups. It is concluded that the experiences of how each research participant arrived at the political group are diverse and singular because they are inherently related to the environments in which each circulates, with the relationships that each weaves. However, the common point between them that makes it possible to understand the polarized stance between the groups lies in the moral grammar they use to judge the university environment and its problems, the role of the DCE, and the function of the university.

**Keywords:** Political Participation. Youth. Motivations. Social Grammar.

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

<i>Figura 1 - Quantidade de alunos ativos e matriculados no 1/2021</i> .....	42
<i>Figura 2 - Evolução da população universitária por categoria para o ano 2020</i> .....	43
<i>Figura 3 - Logomarca do grupo Aliança pela Liberdade</i> .....	45
<i>Figura 4 - Logomarca do grupo A Gente que Lute</i> .....	47
<i>Figura 5 - Princípios e Valores da Aliança pela Liberdade</i> .....	94

## ÍNDICE DE TABELAS

<i>Tabela 1 - Perfil Interlocutores.....</i>	<i>50</i>
<i>Tabela 2 - Fases da Estrutura da Entrevista Narrativa.....</i>	<i>51</i>
<i>Tabela 3 - Perfil Jovens da Aliança pela Liberdade.....</i>	<i>56</i>
<i>Tabela 4 - Perfil Jovens A Gente que Lute.....</i>	<i>74</i>

## LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

BCE	Biblioteca Central
BSAN	Bloco de Salas de Aula Norte
CA	Centro Acadêmico
CEB	Conselho das Entidades de Base
CEPE	Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão
CIEE	Centro de Integração Empresa-Escola
Concentro	Federação das Empresas Juniores do Distrito Federal
CsF	Ciências sem Fronteiras
DCE	Diretório Central dos Estudantes
DF	Distrito Federal
DS	Democracia Socialista
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
FUB	Fundação Universidade de Brasília
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
JR	Juventude e Revolução
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais
LOLA	<i>Ladies of Liberty Alliance</i>
MEC	Ministério da Educação
MNU	Movimento Negro Unificado
PAS	Programa de Avaliação Seriada
PT	Partido dos Trabalhadores
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
RA	Região Administrativa
RU	Restaurante Universitário
UBES	União Brasileira dos Estudantes Secundaristas
UES-DF	União dos Estudantes Secundaristas do Distrito Federal
UJC	União da Juventude Comunista
UJL	União da Juventude Livre
UJS	União da Juventude Socialista
UnB	Universidade de Brasília
UNE	União nacional dos Estudantes

## SUMÁRIO

Índice de Ilustrações .....	10
Índice de Tabelas .....	11
Lista de Abreviações e Siglas .....	12
Sumário .....	13
INTRODUÇÃO: POR QUE estudar a participação política juvenil? .....	15
Estrutura da Dissertação .....	20
1 Os alicerces da pesquisa .....	21
1.1 Pensando o engajamento militante .....	21
1.2 A inspiração honnethiana .....	23
1.3 O self e a capacidade crítica .....	30
1.4 Agência, Experiência e Afetos .....	35
2 O campo e os atores .....	40
2.1 O Palco da Investigação .....	40
2.2 Os jovens da pesquisa .....	43
2.2.1 Aliança pela Liberdade .....	45
2.2.2 A Gente que Lute .....	47
3 Os procedimentos da pesquisa .....	48
3.1 Técnica de Pesquisa e Coleta de dados .....	50
3.2 Análise de Dados .....	52
3.3 Considerações Éticas .....	53
4 Perfil geral dos interlocutores .....	53
4.1 Conjunto Geral dos Interlocutores .....	53
4.2 Perfil Jovens da Aliança pela Liberdade .....	54
4.3 Perfil Jovens da A Gente que Lute .....	55
5 As motivações .....	56

5.1	Os jovens da Aliança pela Liberdade .....	56
5.1.1	As dinâmicas familiares e seu impacto na socialização política .....	57
5.1.2	As trajetórias até o ingresso no grupo.....	60
5.2	Os jovens da A Gente que Lute .....	74
5.2.1	As dinâmicas familiares e seu impacto na socialização política. ....	74
5.2.2	As trajetórias até o ingresso no grupo.....	76
5.3	Conclusões gerais .....	90
6	Indo além das experiências subjetivas: o que está em jogo?.....	91
6.1	A gramática da Aliança Pela Liberdade .....	91
6.2	A gramática da A Gente que Lute .....	97
6.3	O que está em jogo?.....	100
7	Considerações Finais.....	101
	Referências Bibliográficas.....	104
	Anexos .....	110
	Roteiro das Entrevistas.....	110
	Questionário Socioeconômico .....	112
	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	116

## INTRODUÇÃO: POR QUE ESTUDAR A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA JUVENIL?

O homem é a-político. A política surge no entre-os-homens; portanto, totalmente fora dos homens. Por conseguinte, não existe nenhuma substância política original. A política surge no intra-espaço e se estabelece como relação. (ARENDRT, 2002, p. 23)

A política, como retratada por Hannah Arendt (2002; 1991), não é um produto próprio ou natural ao indivíduo, ela é uma construção fundamentalmente social. Uma vez que é baseada e consolidada pelas relações tecidas entre os homens no mundo e marcada pela pluralidade de perspectivas, de orientações, de sentidos, de valores e de desejos que esses expressam e elaboram sobre o mundo no qual estão imersos. Arendt chama, assim, a atenção para centralidade e importância da ação dos indivíduos como via para fundação, preservação e mudança de corpos políticos.

Ora, tendo em mente que a política não é algo inato nem natural aos indivíduos, então a própria ideia de participação política e engajamento político se tornam questões para análise científica. Assim dizendo, há que se perguntar o que, afinal, levaria os indivíduos a participarem politicamente. Tal questionamento, por sua vez, nos remete a “um tema caro à sociologia, que é a interpretação do sentido subjetivo que os atores sociais dão às suas próprias ações” (MESSEMBERG, 2015, p. e4). Essas percepções individuais, contudo, como demonstra o próprio campo da sociologia e teoria social, não são desenvolvidas de forma desengajada de seu ambiente histórico e cultural, mas por meio de mediações intersubjetivas atravessadas por moralidades, afetos e experiências práticas com o meio externo objetivo (HONNETH, 2009; TAYLOR, 1985, 2013; QUÉRÉ; MOTLOW, 1995).

Isto posto, no que diz respeito, especificamente, à participação política juvenil, a literatura estrangeira e nacional tem se dedicado a compreender os fatores responsáveis pelas mudanças nas formas e nos níveis da participação juvenil ao longo das transições geracionais ocorridas da década de 1950 até a atualidade (BOGHOSSIAN; MINAYO, 2009; CASTRO, 2008; BORELLI; OLIVEIRA, 2010; ALBACETE, 2014; HENN; FOARD, 2012). De tais investigações, depreende-se um afastamento dos jovens, na contemporaneidade, dos espaços institucionais tradicionalmente vinculados ao fazer política (SILVA FILHO, 2017). O que contribui para alimentar “ansiedades sobre os efeitos de tal desinteresse sobre a coesão social e o futuro da democracia.” (CASTRO, 2008, p. 255).

Esse distanciamento e fraco envolvimento dos jovens com a política institucional foi explicado, de modo geral, tanto pelos estudos brasileiros como internacionais, em torno de duas

perspectivas divergentes: 1) As novas gerações de jovens não se interessam e não participam politicamente de forma institucional, devido a sua desilusão global para com a política; 2) Os jovens do final do segundo milênio e os do século XXI participam politicamente de uma nova maneira por meio de diferentes canais e formas de ação (BOGHOSSIAN; MINAYO, 2009; MAYORGA, 2013; ALBACETE, 2014; HENN; FOARD, 2012).

Com relação ao primeiro ponto de vista, as interpretações desenvolvidas (HENN; WEINSTEIN; FORREST, 2005; HENN; FOARD, 2012; OLIVEIRA, 2015; MESSENBURG, 2015; SOLANO; ROCHA, 2022) indicam haver, na contemporaneidade, uma baixa participação juvenil em formas convencionais de atuação política, evidenciada nas baixas taxas de adesão juvenil a organizações políticas e partidárias. As razões desse desengajamento juvenil referem-se ao profundo desencanto e descrença dos jovens com os atores e processos da política formal. Tal desconfiança é entendida como o cerne do sentimento dos jovens de alheamento e exclusão da política, bem como de melancolia e tristeza, que os afastam do interesse de participação, uma vez que acreditam que sua participação em nada alteraria os rumos da política do Estado.

De outro lado, o segundo enfoque tende a criticar as pesquisas inseridas na ótica anterior. Taxando-as de excessivamente pessimistas com relação a juventude corrente. Para os(as) pesquisadores(as) ligados(as) a essa visão, o exame da participação política juvenil precisa levar em consideração tanto a conjuntura histórica e política que se apresenta para os grupos juvenis (GOHN, 2015), quanto a expansão do repertório de ação política disponível a eles (VAN DETH, 2001; WEISS, 2020). Essa abordagem aponta para o desvinculamento dos jovens dos espaços institucionais tradicionais da política e a sua adesão a outros espaços e formas de fazer política (BOGHOSSIAN; MINAYO, 2009; CASTRO, 2008; BORELLI; OLIVEIRA, 2010), na medida que houve uma ressignificação da esfera pública e das formas de engajamento, assim como no sentido das formas de agir e viver o político para a juventude (SILVA FILHO, 2017; MAYORGA, 2013).

Tais mudanças na atuação política da juventude vincula-se, segundo as investigações enquadradas nesse quadro teórico, ao fato de que os jovens das novas gerações seriam mais propensos a se engajarem em modos de ação política mais horizontais e menos burocráticos, mais diretos e voltados às micropolíticas do cotidiano próximas da experiência prática do sujeito (BORELLI; OLIVEIRA, 2010; GROPPA et al., 2019). À vista disso, destaca-se a preferência pelo uso de métodos de manifestação e associação política menos institucionalizados, como por exemplo: a realização de protestos, boicotes, ocupações, atos efetuados por meio de redes sociais e interfaces digitais e afiliação a coletivos, grupos culturais

e de voluntariado (GROPPO et al., 2019; HENN; FOARD, 2012). Além disso, o próprio envolvimento organizado em agrupamentos políticos guiar-se-ia por um estilo de ativismo “mais voltado para a adesão a uma causa [específica], sem a necessária vinculação a uma configuração ideológica totalizante” (SPOSITO; TARÁBOLA; GINZEL, 2021, p. 5). Por conseguinte, “seriam mais comuns os engajamentos efêmeros, rescindíveis a qualquer momento, duráveis tanto quanto uma tarefa a cumprir” (SPOSITO; TARÁBOLA, 2016, p. 1016).<sup>1</sup>

Contudo, algumas análises recentes sobre o comportamento político da juventude do século XXI procuram problematizar ambas as concepções apontadas acima. Elas afirmam que, embora não se deva compreender os jovens enquanto apáticos em relação a assuntos políticos e sociais<sup>2</sup>, os jovens contemporâneos também apresentam baixos níveis de participação e adesão à movimentos sociais, ONGs e formas mais conflituosas de ação política, como por exemplo, protestos, manifestações e ocupações. Ao invés disso, as novas gerações juvenis encontram-se inseridas em um contexto de franco individualismo provocado pela neoliberalização da sociedade global. Tal fato põem em questão o envolvimento político em operações e movimentos coletivos, visto que atividades que reclamam grande esforço e dispêndio de tempo tendem a ser rechaçadas (ALBACETE, 2014; SOLANO; ROCHA, 2022; GRASSO, 2018).

No tocante a esse último juízo, torna-se evidente como a presente época histórica, no interior da qual os jovens se formam e vivem, marcada por uma razão de mundo neoliberal e profunda crise de representação política afeta as condutas e práticas políticas executadas pelos indivíduos. Em relação ao primeiro aspecto, destaca-se a produção de subjetividades extremamente individualistas e “empreendedoras de si” ou, em outras palavras, personalidades focadas somente em seus ganhos pessoais e enxergando os outros sempre como concorrentes potenciais para os seus empreendimentos pessoais (DARDOT; LAVAL, 2016; SAFATLE; DA SILVA JUNIOR; DUNKER, 2021).

A razão neoliberal, para além da produção de sujeitos individualistas e extremamente marcados pela concorrência, assenta-se também como um “projeto desdemocratizador”, pois

---

<sup>1</sup> A singularidade desse modelo de engajamento, conforme Sposito e Tarábola (2016) e Gohn (2015), encontra-se na possibilidade do indivíduo resguardar sua própria autonomia e identidade, estando, assim, livre em relação a obrigações e deveres jurídico-institucionais permanentes para com uma organização política. Ademais, ganham destaque, sob esta perspectiva, mobilizações políticas que contemplam questões relativas ao meio ambiente, ao desenvolvimento humano e ao respeito e reconhecimento de identidades e culturas juvenis.

<sup>2</sup> Uma série de trabalhos empíricos evidenciam que os jovens, apesar de descrentes da política institucional, possuem interesse em questões políticas e sociais, além de valorizarem a democracia e processos políticos que ouçam realmente a população e a juventude. Confira: SOLANO e ROCHA (2022), OLIVEIRA (2015), HENN, WEINSTEIN e WRING (2002) e HARRIS, WYN e YOUNES (2010).

se trata de “um projeto político-moral que visa proteger as hierarquias tradicionais negando a própria ideia de social e restringindo radicalmente o alcance do poder político democrático nos Estados-nação” (BROWN, 2019, p. 23). A governamentalidade neoliberal se opõe a uma democracia robusta - que inclui presença de movimentos sociais, participação política direta ou demandas democráticas ao Estado – e se volta para uma contenção do político e sua subordinação e submissão às métricas econômicas, bem como procura despolitizar a sociedade atacando a própria ideia de “sociedade”, uma vez que remeteria, segundo tal doutrina, a ideia da redução da liberdade em nome de uma igualdade tirânica. (BROWN, 2019; SAFATLE; DA SILVA JUNIOR; DUNKER, 2021).

A crise de representação política, por sua vez, encontra-se relacionada à desilusão de populações das democracias ocidentais, sejam as mais ou menos consolidadas, com a eficiência não só de seus representantes políticos, mas das próprias instituições políticas representativas. Tal desilusão e perda de credibilidade, baseia-se na descrença de que suas demandas e necessidades sejam, realmente, levadas em consideração pelos representantes políticos, de forma geral, de modo que possam gerar políticas públicas que atendam o que os cidadãos solicitam e desejam (BAQUEIRO; VASCONCELOS, 2013; DE MATOS MESSIAS, 2014). Em cenários como esses, há a tendência de a sociedade internalizar disposições que desvalorizam as instituições representativas, o que contribui para colocar as últimas em um estado de permanente descrédito (BAQUEIRO; VASCONCELOS, 2013).

Dessa maneira, o estado da arte acerca da participação política da juventude expõe um panorama de queda dos espaços institucionais tradicionalmente vinculados ao fazer política. Ademais, projeta dúvidas e luzes pessimistas sobre o próprio futuro do envolvimento em ações coletivas ou que demandem solidariedade de grupo. Contudo, percebe-se, como avalia Brenner (2011), que “as mobilizações estudantis e partidárias continuam ocupando a cena pública” (Ibidem, p. 20).

Diante disso, torna-se interessante e intrigante perguntar: Quem são os jovens que se interessam em participar da política institucional? Por que eles se interessam em envolver-se nessa forma de fazer política? Uma vez que a política e o campo político convencionais são tão malvistos e desacreditados atualmente pela sociedade brasileira e pela juventude, em particular.

Em vista dessas indagações, a presente dissertação busca seguir um caminho contrário ao comumente adotado quando se trata da relação entre juventude e participação política. Ou seja, ao invés de averiguar o que afasta os jovens da política convencional e o que explica seu baixo engajamento e interesse nessa forma de ação política, preocupa-se mais diretamente sobre

o que leva os jovens, hoje, a participarem da política de uma maneira organizada em um contexto produtor de subjetividades individualistas.

Desse modo, a dissertação irá se dedicar a responder as seguintes questões: Qual o perfil dos jovens estudantes da Universidade de Brasília (UnB), que se interessam e exercem a política institucional universitária? O que os move para atuarem nessa política institucional, bem como, quais os afetos se encontraram mobilizados para o exercício desta atividade?

Para tanto, realizou-se um estudo empírico com os jovens universitários(as) da UnB, os quais integraram as organizações estudantis *A Gente que Lute* e *Aliança pela Liberdade*, constituídos para a eleição da diretoria do espaço de representação discente do Diretório Central dos Estudantes (DCE) Honestino Guimarães no ano de 2019, período que representa a última disputa eleitoral discente polarizada ocorrida na universidade<sup>3</sup>.

Dessa forma, a operação investigativa fundamenta-se em dois eixos: 1) Compreensão do que fez esses jovens se mobilizarem para a adesão ao grupo político; 2) O que esses jovens esperavam desses grupos. Para tanto, num primeiro momento, é necessário se dedicar a alcançar as expectativas desses jovens que não foram correspondidas pela realidade empírica ou que foram rompidas por essa realidade. E, ao mesmo tempo, é necessário apreender o que esses jovens esperavam dos grupos aos quais se engajaram ou esperavam dos ambientes sociais aos quais estão/estavam inseridos.<sup>4</sup>

Nessa perspectiva, a presente dissertação baseia-se em uma pesquisa qualitativa e compreensiva norteada para a captação das trajetórias dos jovens até o engajamento nos grupos políticos e para a interpretação que eles fazem de sua situação social, de seus valores e intuítos. A escolha de ancorar o projeto em uma abordagem qualitativa de investigação deveu-se ao discernimento de que a “investigação qualitativa é encarada como uma incursão ao mundo da subjetividade, porquanto reconhece e valoriza as significações sociais elaboradas pelos atores, através das quais são captadas as experiências, idealizações e representações da realidade” (SILVA, 2013, n.p). Assim, reconhece-se que as metodologias qualitativas se voltam para “a problemática do sujeito e da interpretação que ele faz de sua situação social” (MARTINS, 2004, p. 298). Nesse último ponto, nota-se que as abordagens qualitativas partem do entendimento de que:

---

<sup>3</sup> No ano de 2022, ocorreu uma nova eleição para gestão do DCE, após um período de suspensão do processo de eleição de nova gestão decorrente do contexto de pandemia vivenciado a partir de 2020. Contudo, nessa eleição de 2022, somente uma chapa concorreu à gestão do diretório central estudantil da universidade, a Chapa “*A UnB é nossa*” (composta por estudantes que também integraram a ex-chapa “*A Gente que Lute*”). Além disso, todo o processo eleitoral foi realizado de forma remota por meio das redes sociais do DCE e da Chapa “*A UnB é nossa*”.

<sup>4</sup> Agradece-se à Luíz Gustavo da Cunha de Souza por elucidar e explicitar esse insight operacional em uma conversa realizada em outubro de 2021.

“O objeto da investigação [a ação humana] não é um dado inerte e neutro (...), mas, pelo contrário, portador de significações atribuídas pelos atores sociais. Neste sentido, a investigação assume o caráter contextual e subjetivo da construção da realidade tendo em conta que esta é dada pelo modo como é socialmente captada” (SILVA, 2013, n.p).

Desse modo, as investigações qualitativas privilegiam os microprocessos na medida em que não se voltam a produzir grandes generalizações, mas a desenvolver um estudo em profundidade e amplitude sobre as interpretações dadas pelos atores sociais aos diferentes aspectos de suas relações (MARTINS, 2004; SILVA, 2013). Nesse sentido, a metodologia qualitativa inclina-se, em especial, para estudos de caso, biografias, observações direta e participante, entrevistas, grupos focais e etnografias. No entanto, privilegiar os sentidos subjetivos produzidos pelos atores não significa abandonar a perspectiva social, pois

Por sentido[s] subjetivamente visado[s] não se deve compreender processos privados ou psíquicos internos; pelo contrário, os atores do cotidiano atribuem significados a suas ações e à realidade social a partir da apropriação de estoques de conhecimento social ao longo da socialização. (ROSENTHAL, 2014, pp. 46-47, Edição do Kindle).

## **Estrutura da Dissertação**

Antes de prosseguirmos, no entanto, cabe expor a estrutura que conforma o trabalho. A dissertação se assenta em 7 capítulos, sendo:

*Capítulo 1* - Nesse primeiro capítulo são apresentados ao leitor (a) as bases teóricas sobre as quais a dissertação se fundamenta e utilizadas para coletar critérios e ideias aplicados, posteriormente, aos dados levantados. Assim, no primeiro tópico é explorada a ideia de engajamento militante como um processo relacional e complexo; no segundo tópico, é apresentada a teoria do reconhecimento honnethiana que serviu de inspiração para pensar toda a interrelação entre gramáticas societárias e constituição identitária, bem como sua relação com os afetos; no terceiro tópico, inicia-se a mineração da teoria honnethiana, ou seja, chama-se atenção para a teoria da intersubjetividade e sua relação com a formação do *self*, destacando o aspecto moral de tal formação; no quarto tópico, são apresentados conceitos que nos ajudam a capturar a dimensão moral na ação social.

*Capítulo 2* – Nesse capítulo é realizada a caracterização do espaço que serviu de objeto e local onde foram aplicados os procedimentos de pesquisa e de onde se selecionou os sujeitos que se constituem como os (as) interlocutores (as) da investigação. Além disso, define-se qual grupo juvenil está sob análise nesta dissertação e a importância dessa definição, segundo os saberes da área da Sociologia da Juventude.

*Capítulo 3* - São apresentados os procedimentos da pesquisa de campo. Discute-se os sujeitos da pesquisa e o processo das entrevistas, a técnica de pesquisa adotada; informações sobre a análise dos dados e as considerações éticas.

*Capítulo 4* – Aqui são exibidos o perfil geral dos interlocutores da pesquisa e os perfis referentes aos jovens associados à *Aliança pela Liberdade* e o relativo aos jovens da *A Gente que Lute*.

*Capítulo 5* – É realizada a imersão nas experiências subjetivas dos jovens de cada grupo de modo a explorar os motivos e as trajetórias que os levaram a adesão aos grupos políticos em foco.

*Capítulo 6* – são exploradas as gramáticas morais mobilizadas pelos atores e atrizes para fundamentar aquilo que julgam como apropriado ou não apropriado, justo ou injusto, certo ou errado. E que, conseqüentemente, impactam a sua interpretação sobre os fatos do mundo social, no caso específico, as funções do DCE.

*Capítulo 7* – São feitas as considerações finais sobre o decorrido na dissertação.

## **1 OS ALICERCES DA PESQUISA**

Antes de adentrarmos às apurações obtidas da pesquisa empírica realizada e às questões concretas que elas despertam, faz-se necessário apresentar as bases conceituais e teóricas que alicerçaram os procedimentos e técnicas de pesquisa utilizados, bem como a própria orientação e inspiração que geraram esta dissertação. Tal exposição é feita com o objetivo de colher os critérios e *insights* a serem aplicados, posteriormente, sob os dados levantados.

### **1.1 Pensando o engajamento militante**

Um ponto de partida propício, para a compreensão do ordenamento intelectual que guiou a investigação aqui expressa, acha-se nas ponderações quanto a própria dimensão de análise sob a qual se localizaria o foco do exame proposto, assim como os limites que ela engendra.

Dessa maneira, o primeiro passo foi assimilar o que é engajamento militante e como se poderia estudá-lo. Nessa lógica, recorreu-se às formulações da chamada sociologia do militantismo no que diz respeito a como conceber o envolvimento militante de forma cuidadosa e atenta às suas propriedades e particularidades. Isto posto, esse campo de estudo sociológico compreende o engajamento como um processo relacional complexo no qual as interações sociais e o entendimento do desenvolvimento do indivíduo dentro de um contexto amplo relacional são centrais e essenciais para apreender o fenômeno do engajamento (RUSKOWSKI,

2012).<sup>5</sup> Com isso, tal vertente sociológica afirma que o engajamento militante não é um fenômeno natural, mas uma construção, um tornar-se militante cujos níveis de intensidade do engajamento podem variar ao longo do tempo (BRENNER, 2018).

O engajamento é concebido como “toda forma de participação duradoura em uma ação coletiva que vise à defesa ou à promoção de uma causa” (SAWICKI; SIMÉANT, 2011, p. 201). Do ponto de vista analítico, o estudo do processo de envolvimento em ações e grupos coletivos é complexo, pois implica a consideração de histórias individuais, instituições e contextos de modo a conjugar dimensões macro e microestruturais de análise, condições objetivas e subjetivas do engajamento, trajetórias individuais e coletivas (RUSKOWSKI, 2012; SAWICKI; SIMÉANT, 2011; SEIDL, 2011).<sup>6</sup> Desse modo, o estudo de processos de engajamento apresenta o desafio de articular três níveis de observação do fenômeno: “os níveis micrológico (os indivíduos e suas interações mútuas), mesológico (os grupos e as organizações mais ou menos institucionalizadas) e macrológico (as transformações socioeconômicas, culturais e políticas).” (SAWICKI; SIMÉANT, 2011, p. 221).

O envolvimento militante, portanto, é instituído a partir de um mosaico de fatores (BRENNER, 2018). Como muito bem apresentado no modelo exposto por Ruskowski (2012), para o exame analítico do fenômeno do engajamento, é necessário preliminarmente a apreciação das peculiaridades do contexto sociocultural do ator, o qual pode lhe incentivar a aderir ou não a uma ação coletiva (além de constituir o espaço onde acontece a ação e no qual o indivíduo é socializado.). Bem como o relacionamento do indivíduo com a organização a qual se associa e a interação que se consolida no interior dessa coletividade<sup>7</sup>. Além dessas dimensões mais estruturais e objetivas (o contexto e os grupos), há que se considerar a influência da motivação subjetiva do indivíduo para se engajar, o que é de suma importância para sua disposição em realizar contato com a organização de seu interesse.

Em vista disso, a dissertação, focalizada em apreender o que move jovens estudantes da UnB para atuarem na esfera política institucional de sua universidade, intenciona debruçar-se sobre uma análise da dimensão micrológica do fenômeno do engajamento. Isto é, pretende

---

<sup>5</sup> A sociologia do militantismo é fortemente marcada por uma sociologia da ação social atenta à historicidade e às particularidades, conforme Seidl (2011).

<sup>6</sup> Tal entendimento se faz presente na sociologia do militantismo, principalmente, a partir de 1990 com a instauração do paradigma interacionista, para melhor entendimento da renovação da sociologia do engajamento militante confira Sawicki; Siméant (2011).

<sup>7</sup> Neste nível mesológico, é preciso considerar uma série de fatores que podem influenciar o engajamento dos indivíduos em um grupo militante. Entre eles, destacam-se as redes de amizade que podem mediar a entrada dos indivíduos no grupo e mantê-los engajados; a socialização realizada pelo próprio grupo, que ajuda a manter a coesão e a motivação dos seus membros; os quadros interpretativos das organizações, que conectam as ações do grupo aos acontecimentos do contexto social mais amplo e fornecem interpretações desses eventos aos afiliados, entre outras questões relevantes. Para uma melhor visualização desses aspectos, confira Ruskowski (2012).

voltar-se para o estudo das motivações subjetivas dos indivíduos, mais do que uma investigação sobre os grupos propriamente ditos e os seus mecanismos de engajamento e seleção e além de um exame de mudanças contextuais e seu impacto na participação política geral.<sup>8</sup>

## 1.2 A inspiração honnethiana

A abordagem da sociologia do militantismo francesa<sup>9</sup>, a despeito de oferecer uma conceituação e divisão bastante robusta e rica das várias dimensões e mecanismos que compõem o processo de engajamento em organizações e movimentos coletivos, apresenta limitações no tocante à compreensão do *impulso* que leva as pessoas a aderirem a grupos políticos e mobilizações contestatórias.

Isso se sucede, pois essa perspectiva sociológica explana a associação em movimentos sociais e entidades políticas mediante uma ótica que “visa a identificar os processos de socialização dos envolvidos e a ativação e/ou inibição de certas disposições que contribuem para o engajamento em determinados contextos” (RUSKOWSKI, 2012, p. 39). Desse jeito, essa vertente sociológica trabalha na captação de como disposições são produzidas e de que maneira elas podem vir a serem acionadas pelo contexto social presente de modo a levar ao engajamento militante.

Nesse sentido, a sociologia do militantismo encontra-se associada ao campo de estudos sobre movimentos sociais e mobilizações coletivas. Tendo, em seus primeiros anos de surgimento, o foco em caracterizar organizações e movimentos quanto a sua estrutura social com destaque, assim, para pesquisas de cunho mais quantitativo (SAWICKI; SIMÉANT, 2011). É somente a partir de 1980/1990, em decorrência do esgotamento dos paradigmas marxista e estruturalista, que essa vertente sociológica passa a se interessar menos pelas organizações e movimentos em si e volta-se para análise do fenômeno militante e das lógicas de engajamento propriamente ditas (SAWICKI; SIMÉANT, 2011).

Com esse novo direcionamento, tal vertente da sociologia integra em seu quadro “a análise das interações entre indivíduos e entre indivíduos e contextos de ação” (SAWICKI; SIMÉANT, 2011, p. 209). Como resultado, a literatura sobre os processos de engajamento

---

<sup>8</sup> As três dimensões analíticas do fenômeno do engajamento militante (micrológica, mesológica e macrológica) são vistas de forma separada apenas para fins de auxílio na inteligibilidade científica acerca dos aspectos da ação de participação em organizações política. Assim, na situação empírica, tais componentes não são separados uns dos outros. Pelo contrário, eles se interceptam e se unem. Logo, apesar do objeto de interesse da pesquisa ser sobre as motivações subjetivas, é inevitável fazer referência a aspectos contextuais e dos grupos associativos que impactam a experiência subjetiva das individualidades.

<sup>9</sup> Essa dissertação utiliza a apresentação e caracterização da sociologia do militantismo francesa oferecida pelos seguintes trabalhos acadêmicos: Sawicki; Siméant (2011); Ruskowski (2012); Silva; Ruskowski (2016) e Brenner (2018).

acabou desenvolvendo quatro perspectivas para explicar o fenômeno de modo a não o naturalizar como processo automático de certos sujeitos ou posições sociais (SILVA; RUSKOWSKI, 2016). Essas perspectivas foram: a disposicional, a identitária, a relacional e a retributiva (SILVA; RUSKOWSKI, 2016). Elas permitiram a produção de compreensões mais realistas acerca do engajamento militante, pois possibilitaram “a identificação dos mecanismos causais (as entidades e suas atividades) [que influem e] produzem o processo sob investigação [no caso específico, o processo de engajamento militante]” (SILVA; RUSKOWSKI, 2016, pp. 189-190).

Desta maneira, a perspectiva disposicional “ênfatiza a importância de atributos/características previamente construídos ao longo das trajetórias de vida dos indivíduos, os quais tenderiam a gerar a propensão de determinados indivíduos ao engajamento.” (SILVA; RUSKOWSKI, 2016, p. 194). Tem-se destaque, assim, nesses estudos, a perspectiva teórica de Bernard Lahire (SILVA; RUSKOWSKI, 2016; SAWICKI; SIMÉANT, 2011). Já a perspectiva identitária, chama atenção para o processo de construção da identidade coletiva assumida por um movimento ou grupo coletivo, com atenção aos seus conflitos e obstáculos e mesmo mudanças ao longo do tempo (SILVA; RUSKOWSKI, 2016). O argumento relacional, por sua vez, frisa a dimensão interacionista do processo de envolvimento militante (SILVA; RUSKOWSKI, 2016; SAWICKI; SIMÉANT, 2011). E a retributiva se preocupa com as retribuições que possibilitam e mantêm o engajamento na coletividade (SILVA; RUSKOWSKI, 2016).<sup>10</sup>

Assim, o estudo da materialização de um engajamento se daria, de forma sumária, pela descrição e consideração de “(i) formação de potenciais disposições para o engajamento; (ii) formação e ativação de redes de mobilização; (iii) ativação da motivação para o engajamento e (iv) remoção das barreiras à participação” (BRENNER, 2018, p. 242).

Tal prisma de investigação exhibe, todavia, certos limites quando se pensa ação e agência. O principal é que essas reflexões amparadas na ideia de disposições tendem a pensar o senso prático como imbuído de um baixo nível de reflexividade ((EMIRBAYER; MISCHÉ, 1998) e, por conseguinte, não o relacionam com o agir estratégico de atores e atrizes sociais frente aos problemas e/ou injustiças que encontram em seus meios sociais ou em suas expectativas com

---

<sup>10</sup> O modelo de análise do processo de engajamento militante concebido e apresentado por Ruskowski (2012) e, posteriormente, enfatizado por Silva e Ruskowski (2016) fundamenta-se na união das 4 perspectivas desenvolvidas pela literatura sobre o envolvimento militante, a saber: disposicional, identitária, relacional e retributiva. Para visualização do modelo completo, confira Ruskowski (2012) e Silva; Ruskowski (2016).

relação ao futuro, seja seu futuro pessoal, seja o futuro da sociedade entendida em uma dimensão ampla.

Com isso, quer-se dizer que, embora a sociologia do engajamento militante se baseie no conceito de disposições de Bernard Lahire (SAWICKI; SIMÉANT, 2011; RUSKOWSKI, 2012; SILVA; RUSKOWSKI, 2016), que enfatiza a pluralidade das disposições possuídas e desenvolvidas por um indivíduo - visto que "em sociedades complexas e heterogêneas, os indivíduos se encontram inseridos em espaços sociais diferenciados que produzem socializações distintas e, por vezes, divergentes" (SILVA; RUSKOWSKI, 2016, p. 195) -, essa abordagem acaba deixando de lado considerações sobre as críticas e os julgamentos que os próprios sujeitos fazem constantemente sobre a realidade social. Dessa maneira, o engajamento em organizações políticas, por vezes, aparece como um simples encontrar de uma janela de oportunidade perfeita para participação/ingresso no grupo político aos indivíduos que já possuiriam disposições latentes para o envolvimento político.

Nesse sentido, elas tendem a focar apenas a dimensão iterativa<sup>11</sup> da ação, ou seja, aquele componente em que o passado é o tom mais ressoante. E deixam de lado, portanto, a capacidade imaginativa, crítica e estratégica dos indivíduos (EMIRBAYER; MISCHÉ, 1998).

Por causa disso, a capacidade agêntica dos sujeitos é percebida de forma limitada e a ação social ganha uma textura rígida. Em direção oposta, identifica-se na teoria do reconhecimento de Honneth (2009) um modelo teórico com o propósito de recuperar a agência criativa dos atores e sua capacidade crítica de julgar injustiças e descompassos em horizontes de expectativas. Dessarte, a ação, no pensamento honnethiano, ganha maior flexibilidade, uma vez que se tem em mente os vários subtons<sup>12</sup> que a compõem e que variam no decurso da passagem de uma situação para outra e ao longo do transcurso temporal (EMIRBAYER; MISCHÉ, 1998). Além disso, favorece a intelecção do processo de mudança e reprodução social.

Dessa forma, a teoria honnethiana nos fornece conceitos que auxiliam na compreensão do modo teórico-imanente, o qual os atores sociais fundamentam aquilo que eles compreendem como injusto na realidade social ou mesmo aquilo que eles vivenciam enquanto uma forma de

---

<sup>11</sup> Esse termo faz referência ao conceito de agência desenvolvido por Emirbayer e Mische (1998). Esse conceito compreende a agência como o resultado da interação de três dimensões: a iterativa (voltada ao passado), a projetiva (direcionada ao futuro) e a prático-avaliativa (concernente ao presente).

<sup>12</sup> Essa visão dos subtons que modelam a ação social evidenciam que o motivo da adesão, por exemplo, a um grupo político nem sempre se dá por puro interesse racional, em um sentido utilitarista, de obter maiores ganhos futuros, nem porque encontrou-se uma janela de oportunidade perfeita. Mas, em envolvimento emocional e morais frutos de sentimentos de desrespeitos ou preocupação com o estado das coisas e seu impacto no futuro social e/ou em projetos individuais.

sofrimento social inaceitável. Destarte, a teoria do reconhecimento de Honneth exprime uma promissora construção teórica para se pensar as “fontes motivacionais [socialmente mediadas] do descontentamento e resistência social”<sup>13</sup>(HONNETH, 2003, p. 125, tradução nossa), que podem, conseqüentemente e como diz o autor, impulsionar indivíduos para a entrada em grupos políticos e movimentos contestatórios (HONNETH, 2009).

Legatário da tradição intelectual da Teoria Crítica da Sociedade<sup>14</sup>, Honneth propõe com sua teoria uma transformação hermenêutica e compreensiva dessa vertente teórica (HOLMES, 2009; HONNETH, 2003), apoiada em uma inflexão sociológica e histórica para os julgamentos e as experiências subjetivas de injustiça ou descontentamento. Para tanto, Honneth permanece no giro intersubjetivista trazido por Habermas. Todavia, situa o elemento pré-teórico da emancipação não nas regras de linguagem da pragmática universal (como o faz Habermas), mas o localiza nas relações de reconhecimento e nos sentimentos de desrespeito social. Para Honneth, “as experiências morais não se inflamam pelo estreitamento de competências linguísticas” (HONNETH, 2018, p. 31), mas devido a um dano daquilo que podemos observar como as expectativas morais dos sujeitos desenvolvidas durante a socialização individual, ou seja, ferimentos no “*moral point of view*” dos atores e atrizes sociais (HONNETH, 2018).

Para uma compreensão do modelo normativo de análise do social proposto por Axel Honneth, é necessário, antes, situá-lo em sua conjuntura de nascimento. A produção da teoria do reconhecimento social de Honneth encontra-se, assim, inserida, de um lado, na ampla discussão acerca da crise da sociedade do trabalho e da emergência de um novo paradigma do conflito social, cuja marca são os movimentos sociais das décadas de 1960 e 1970, associados às lutas por identidade e assimilados segundo a denominação de “novos movimentos sociais” (NEVES; DE SOUZA, 2018).

De outro lado, enquadra-se num projeto de reatualização da chamada Teoria Crítica da Sociedade com objetivo de resgatar o projeto original de Max Horkheimer – apresentado em seu texto canônico de 1937 intitulado “Teoria tradicional e teoria crítica” - e o hegelianismo de esquerda no que toca à necessidade de fundamentar empiricamente o aspecto normativo da crítica social na descoberta e dependência de um elemento pré-científico de emancipação já

---

<sup>13</sup> Tradução de: “but rather an improved insight into the motivational sources of social discontent and resistance” (HONNETH, 2003, p. 125).

<sup>14</sup> A Teoria Crítica da Sociedade é marcada pelo rompimento com o modelo de racionalidade instrumental, especialmente, por frisar a importância de uma teoria preocupada com suas finalidades e, assim, preocupada em auxiliar na promoção de mudanças sociais rumo a sociedades mais progressistas (BAHIA, 2017). Então, é compreendida como uma teoria social com intenção emancipatória cujo objetivo é não somente descrever e explicar a realidade social presente, com atenção aos seus conflitos e aspirações, mas também deve possuir um compromisso de normatizar a realidade através da apresentação de uma crítica àquilo que é entendido como suas patologias sociais (ZURN, 2015; BAHIA, 2017).

presente na realidade social. Ou seja, na possibilidade de encontrar um elemento imanente à própria realidade social que dá sustentação não só à crítica teórica, mas representa em si um momento de possível transcendência intramundana, ou, em outros termos, um potencial de provocar mudanças e a emancipação da sociedade (HONNETH, 2018; DE SOUZA, 2018).

Sob tais panos de fundo contextuais, Honneth, em seu empreendimento teórico, não apenas localizará o elemento pré-científico de emancipação nos sentimentos de desrespeitos social, mas também, e a partir de uma perspectiva voltada para o conflito, reabrirá a Teoria Crítica para o seu princípio fundamental, qual seja: a afirmação de que dentro de uma sociedade há elementos que possibilitam a presença de críticas prático-morais e, desta forma, a transcendência intramundana (HONNETH, 2018).

Para Honneth (2018), as gerações anteriores de teóricos críticos elaboraram proposições insatisfatórias para dar conta das exigências teórico-metodológicas de uma prática científica voltada para a promoção de uma crítica teórica-imanente das patologias sociais e sua capacidade de originar transformações societárias. Assim, elas tanto negligenciaram as expectativas normativas dos sujeitos em relação à sociedade, como ficaram presas à suposição de um círculo tão fechado de dominação capitalista e manipulação cultural dentro da sociedade, que induz à conclusão de que, dentro de tais sociedades, já não haveria espaço e possibilidade de surgimento de críticas sociais e/ou sistêmicas (HONNETH, 2018, 2003).

Neste sentido, e em sua avaliação, a primeira geração frankfurtiana (confinada às premissas histórico-filosóficas do marxismo) presumia demais acerca dos interesses morais dos sujeitos. Já a segunda geração, voltada ao procedimentalismo e à pragmática da linguagem, “há [...] muito pouca orientação prévia para ser capaz de perceber qualquer estrato de expectativas normativas” (HONNETH, 2003, p. 128, tradução nossa)<sup>15</sup>.

Esses panoramas, perdiam, portanto, a visão “que toda sociedade requer justificação da perspectiva de seus membros, na medida em que tem que cumprir uma série de critérios normativos que surgem de reivindicações profundas no contexto da interação social” (HONNETH, 2003, p. 129, tradução nossa).<sup>16</sup> E que, quando os indivíduos veem tais expectativas normativas reconhecidas e legitimadas na esfera pública da sociedade, sentem-se a si mesmos (ou seja, em sua individualidade) reconhecidos; caso contrário, sentem-se

---

<sup>15</sup> Tradução de: “Whereas earlier too much was presumed about subjects' predetermined interests, here there is too little prior orientation to be able to perceive any stratum of normative expectations whatsoever” (HONNETH, 2003, p. 128).

<sup>16</sup> Tradução de: “namely, that every society requires justification from the perspective of its members to the extent that it has to fulfill a number of normative criteria that arise from deep-seated claims in the context of social interaction” (HONNETH, 2003, p. 129).

desrespeitados, injustiçados (HONNETH, 2003) e podem pender a articular/juntar-se a uma luta por reconhecimento.

A sistematização dessa última posição é cometida em sua obra mais afamada, a saber *“Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais”* (HONNETH, 2009), nela Honneth têm o intuito de denotar não só a constituição social da identidade do Eu, mas também a própria gênese e modificação social da comunidade ética (HONNETH, 2009; ZURN, 2015; CAMPELLO, 2014).

Em *“Luta por reconhecimento”*, Honneth (2009) procura atualizar, sob um quadro pós-metafísico de pensamento, exigido na contemporaneidade, o projeto teórico do jovem Hegel sobre uma luta por reconhecimento como motor de uma evolução moral da sociedade. Para isso, ele acolhe a psicologia social de George Herbert Mead de onde retira uma teoria da subjetividade. Sendo assim, Honneth (2009) demonstra que Mead, através de sua concepção intersubjetivista da autoconsciência humana, argumenta que a personalidade individual é formada por duas dimensões, denominadas “Me” e “Eu”, que se relacionam constantemente de forma dialógica.

A dimensão correspondente ao “Me” é designada como “a imagem cognitiva que o sujeito recebe de si mesmo, tão logo aprenda a perceber-se da perspectiva de uma segunda pessoa” (HONNETH, 2009, p. 133). Não sendo, portanto, uma formação primeira inata que é projetada para o exterior posteriormente, mas sim uma “importação do campo dos objetos sociais para o campo amorfo, desorganizado, do que nós designamos experiência interna” (HONNETH, 2009, pp. 131-132).

Ao “Me”, corresponde, aliás, a instância do “outro generalizado” que é interiorizado durante o processo de desenvolvimento individual através da socialização e reflete/simboliza o conjunto dos “padrões socialmente generalizados de comportamento” (HONNETH, 2009, p. 134) de um grupo social tidos como válidos/aceitos. A esse “Me”, todavia, Honneth (2009), por meio de Mead, nota que tal instância da personalidade não concerne apenas a uma autoimagem cognitiva, mas também relaciona-se a uma autoimagem prática, pois o “Me” não representa um campo neutro, do contrário, “contém as expectativas normativas de seu ambiente pessoal” (HONNETH, 2009, p. 133). Com isso, ele constata que o processo de socialização individual também produz e está ligado a uma “consciência moral” (MARCELO, 2009).

É justamente por interiorizar as normas sociais do “outro generalizado” que um indivíduo chega à compreensão de ser uma pessoa de direito, pois “pela via da interiorização de suas atitudes normativas, ela própria pode saber-se reconhecida como um membro de seu contexto social de cooperação” (HONNETH, 2009, p. 136). Isto porque à interiorização do

“outro generalizado” corresponde a uma autorrelação prática, entendida como dignidade e relacionada ao reconhecimento mútuo, que diz respeito ao fato de aprender não só quais obrigações deve-se cumprir com respeito aos outros membros da sociedade, mas um “saber sobre os direitos que lhe pertencem, de modo que [...] pode contar legitimamente com o respeito de algumas de suas exigências” (HONNETH, 2009, pp. 136-137), uma vez que sabe que o “outro generalizado” as satisfará (HONNETH, 2009).

Contudo, o indivíduo não apenas é moldado pela sociedade, mas também influi em sua sociedade. E tal fato é explicado levando em conta a outra dimensão da personalidade representada pelo “Eu” que se caracteriza como a instância das divergências criativas que de seu atrito com o “Me” origina o conflito moral do sujeito com seu ambiente (HONNETH, 2009). Tal conflito simboliza a procura constante do sujeito de ampliar as normas convencionais instituídas em sua sociedade, uma vez que as normas convencionais existentes o limitam na expressão de sua ação e/ou nas pretensões de seu “Eu” (HONNETH, 2009).

Esse conflito moral se desencadeia, segundo Honneth (2009), devido a experiência do desrespeito, que sinaliza, exatamente, a denegação ou privação de reconhecimento e constitui “a base motivacional afetiva na qual está ancorada a luta por reconhecimento” (HONNETH, 2009, p. 220). O desrespeito, portanto, ocorre quando não se consegue chegar a uma autorrelação bem-sucedida que ancora o sentimento de dignidade e de saber reconhecida sua dignidade (HONNETH, 2009). E, de forma mais precisa, o desrespeito “se desencadeia [...] pelo fato de que são desapontadas as expectativas que o sujeito ativo acreditou poder situar na disposição do seu defrontante para o respeito” (HONNETH, 2009, p. 223).

Com base na presente teoria da subjetividade, Honneth (2009) tece sua tipificação das três esferas do reconhecimento que levam às três distintas formas de autorrelação prática do desrespeito. A primeira esfera do reconhecimento é a do amor. Ela alude à forma de reconhecimento primária e é tida como responsável por desenvolver a autorrelação prática da autoconfiança, que possibilita uma autonomia ao indivíduo para a posterior condução de sua vida após a vivência com a família, principalmente, com a mãe (HONNETH, 2009). O tipo de desrespeito que corresponde a essa esfera de reconhecimento são os maus-tratos físicos que ferem gravemente a confiança em si e no mundo (HONNETH, 2009).

A segunda e terceira esferas do reconhecimento são diferenciadas por Honneth (2009) a partir da separação, realizada na modernidade, entre os direitos universalmente válidos e a estima social. Alicerçado nessa separação, ele estabelece o direito como a segunda esfera do reconhecimento. Sendo ela responsável por proporcionar a autorrelação prática do autorrespeito, que faz surgir no indivíduo a consciência de poder respeitar a si próprio, porque

também sabe que merece o respeito dos outros. O tipo de desrespeito que figura nessa segunda esfera de reconhecimento são as privações de direitos ou exclusões que significam uma lesão no status de parceiro em pé de igualdade na interação social (HONNETH, 2009).

A terceira e última esfera do reconhecimento é caracterizada pela solidariedade, entendida como a autorrelação prática desenvolvida a partir da estima social que, por sua vez, diz respeito as propriedades e características particulares que distinguem os indivíduos uns dos outros (HONNETH, 2009). O terceiro tipo de desrespeito são as degradações valorativas de certos padrões de autorrealização individual que levam os indivíduos a uma perda da autoestima pessoal (HONNETH, 2009).

### 1.3 O self e a capacidade crítica

A teoria do reconhecimento, retratada no conjunto da obra *“Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais”* (HONNETH, 2009), nos atrai a pensar a respeito de uma sociologia do indivíduo com atenção às experiências dos atores e atrizes e às consequentes quebras de expectativas morais deles(as) frente às suas experiências de mundo. Ou seja, uma sociologia preocupada em compreender *o que afeta os sujeitos* e, como efeito, explicita o motivo deles(as) adotarem determinada ação/atitude (CAMPELLO, 2017).

Tal traço inconfundível de seu trabalho intelectual, tocante ao reconhecimento social, oportuniza a visualização da intenção de seu projeto teórico para relevância de uma postura do sociólogo ou teórico social próximo ao exercício de uma terapêutica social<sup>17</sup> sobre os afetos em circulação na comunidade e seu impacto no comportamento prático. Contudo, isso suscita a problemática de como analisar essa relação entre afeto-ação-conflito social de modo a não “enclausurá-lo imediatamente em um subjetivismo sentimental, preocupado com os estados singulares da alma do “ator” e distante de qualquer determinação social” (LORDON, 2015, p. 9). Mas também, por outro lado, que não a aprisione a vontades coletivas que suprimem a agência pessoal, pois, nesse caso, como poderíamos pensar a mudança e o desacordo.

Um caminho para a solução desse dilema é feito por Honneth através do acolhimento de uma abordagem praxeológica do *self*, da ação e da comunicação social. Manifesta na concepção de intersubjetividade<sup>18</sup>. O viés intersubjetivo coloca-se como um contraponto aos pressupostos cartesianos e às concepções atomistas da tradição contratualista, que concebiam

---

<sup>17</sup> Tal ideia é salientada por Heribaldo Maia, licenciado em história e mestrando em filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco, em uma aula virtual intitulada *“Política e Identidade: uma introdução à teoria do reconhecimento de Axel Honneth”* promovida no dia 13 de fevereiro de 2023.

<sup>18</sup> Conceito que fundamenta o caráter imanente da teoria normativa do reconhecimento de Honneth.

os indivíduos como seres, desde o nascimento, independentes e isolados uns dos outros sob os quais através do fruto exclusivo de suas racionalidades (ou de uma forma externa à vida social) produziam uma comunidade ética (HONNETH, 2009; DE SOUZA, 2011).

Diferencialmente, a teoria intersubjetivista preconiza a impossibilidade da existência do sujeito e da comunidade ética sem o laço com o ambiente externo no qual eles existem e sem a convivência e contato com os outros. Desse jeito, tanto a subjetivação como a sociabilidade são construções, definidas recíproca e simultaneamente, e não fatos dados (DE SOUZA, 2011; QUÉRÉ; MOTLOW, 1995). Então,

Não toma a objetividade do mundo e a subjetividade dos agentes (isto é, tanto sua interioridade quanto sua condição de sujeitos autônomos e responsáveis) como dados; ela os relaciona a uma 'atividade organizadora' que é simbolicamente mediada e realizada conjuntamente por membros de uma comunidade de linguagem e ação no quadro de coordenação de suas ações práticas (QUÉRÉ; MOTLOW, 1995, p. 118, tradução nossa)<sup>19</sup>.

Por isso, ela irrompe como um enfoque teórico que manifesta que a personalidade individual é essencialmente e, desde sua origem, constituída e desenvolvida por meio da interação e comunicação social com os demais membros da comunidade, uma vez que é somente devido ao comportamento reativo do outro para comigo, que se pode desenvolver a consciência de si mesmo e de suas ações (HONNETH, 2009).

A comunicação, todavia, ante esse prisma, deixa de ser confinada a um esquema representacionista, no qual é tida, quanto ao seu âmago, apenas como aquisição, processamento e transmissão de informações que estão fora da mente, em um processo de codificação e decodificação (QUÉRÉ; MOTLOW, 1995), para se tornar “uma questão de 'modelagem mútua de um mundo compartilhado por meio da ação conjunta' (QUÉRÉ; MOTLOW, 1995, p. 118)<sup>20</sup>.

Outrossim, como demonstrado na seção anterior, Honneth (2009) adverte que a construção dessa perspectiva comum (de status transcendental e mediada pela linguagem), assumida como ‘comunalidade da comunicação’ (QUÉRÉ; MOTLOW, 1995), não alude unicamente a uma autoimagem cognitiva de signos linguísticos e representações. Porém, remete a uma autoimagem prática, pois o “Me” não representa um campo neutro, do contrário, “contém

---

<sup>19</sup> Tradução de: “It does not take the objectivity of the world and the subjectivity of agents (i.e. both their interiority and their status as autonomous and responsible subjects) as given; it relates them to an 'organizing activity' that is symbolically mediated and jointly carried out by members of a commonality of language and action in the framework of co-ordinating their practical actions” (QUÉRÉ; MOTLOW, 1995, p. 118).

<sup>20</sup> Tradução de: “communication becomes a matter of 'the mutual modelling of a shared world through joint action'” (QUÉRÉ; MOTLOW, 1995, p. 118).

as expectativas normativas de seu ambiente pessoal” (HONNETH, 2009, p. 133). Diante disso, essa comunalidade passa a ser permeada por “instrumentos simbólicos intersubjetivamente partilhados” (PETERS, 2020, p. 180) enriquecendo a ideia de linguagem na incorporação de outros componentes, como por exemplo, costumes, moralidades, normas, entre outros.

Com essa postura, Honneth se aproxima de Taylor (1985, 2013) na agnição de que os seres humanos não são simples ponderadores de alternativas em termos da escolha de qual é a mais atraente ou qual gera menores consequências, mas avaliadores fortes. Isto é, pessoas que se definem e orientam segundo vocabulários de valores. É essa qualidade de avaliadores fortes que notabiliza os indivíduos enquanto sujeitos engajados em seu meio social e articulados para dialogar com os outros (e localizar-se) nas várias situações sociais.

Avaliações fortes “envolvem discriminações acerca do certo ou errado, melhor ou pior, mais elevado ou menos elevado, que são validadas por nossos desejos, inclinações ou escolhas, mas existem independentemente destes e oferecem padrões pelos quais podem ser julgados” (TAYLOR, 2013, p. 16). Elas ligam-se a articulações/configurações de preferência em relação a qualidade e modos de vida.

O que venho chamando de configuração incorpora um conjunto crucial de distinções qualitativas. Pensar, sentir, julgar no âmbito de tal configuração é funcionar com a sensação de que alguma ação ou modo de vida ou de sentir é incomparavelmente superior aos outros que estão mais imediatamente a nosso alcance. Estou usando “superior” aqui em sentido genérico. O sentido daquilo em que consiste a diferença pode assumir diferentes formas. Uma forma de vida pode ser vista como mais plena, outra maneira de sentir e de agir pode ser julgada mais pura, um modo de sentir ou viver como mais profundo, um estilo de vida como mais digno de admiração, uma dada exigência como sendo uma afirmação absoluta em oposição a outras meramente relativas. (TAYLOR, 2013, p. 35).

Em vista disso, as avaliações fortes remetem à quadros sociais descritivos que “ajuda[m] a definir as exigências a partir das quais as pessoas julgam sua vida e medem, por assim dizer, sua plenitude ou nulidade” (TAYLOR, 2013, p. 31). Possibilitando, então, serem harmonizadas como o vocabulário relativo a algo como uma gramática social <sup>21</sup> compreendida como “um sistema sígnico determinado por habituações pragmáticas” (HOLMES, 2009, p. 139) e responsável, então, por designar esse “horizonte semântico [socialmente] compartilhado” (CAMPELLO, 2021, p. 63, tradução nossa),<sup>22</sup> ao qual os atores e atrizes sociais fazem referência em sua ação.

---

<sup>21</sup> O conceito de gramática social surge na teoria social como desdobramento da virada linguística na filosofia e ciências sociais (MELLO, 2017; HOLMES, 2009).

<sup>22</sup> Tradução de “[...] critique does not mean to criticize them in an isolate manner, as individual choices, but to insert them in a shared semantic horizon” (CAMPELLO, 2021, p. 63).

Esse último traço da gramática social frisa que ela deve ser apreendida como uma metafísica moral que funciona como um princípio superior comum responsável por viabilizar a coordenação de comportamentos das pessoas (BOLTANSKI; THÉVENOT, 2020). E, portanto, “fundamental para confeccionar uma relação social” (BOLTANSKI; THÉVENOT, 2020, p. 168).<sup>23</sup> Essas metafísicas morais, desta forma, ordenam a ação, pois conferem campos semânticos empregados pelos atores e atrizes sociais para captarem as informações e gestos dos outros, bem como para tornar suas ações e pontos de vista inteligíveis aos outros. Logo, elas servem para respaldar justificações sobre o caráter justo/harmônico de algo ou injusto/desarmônico ao viabilizar que os sujeitos se localizem nas situações sociais (BOLTANSKI; THÉVENOT, 2020).

Isso acontece porque as gramáticas sociais proporcionam, com seus sistemas de discriminações qualitativas, horizontes de expectativas daquilo que uma pessoa pode “dirigir legitimamente [a] todos os outros, assim como quais são as obrigações que ele[s] tem que cumprir justificadamente em relação a [ela]” (HONNETH, 2009, p. 135). Isto posto, elas não somente facultam a “generalização das expectativas de comportamento” (HONNETH, 2009, p. 135), como alicerçam noções de dignidade e respeito.

Em termos gerais, poder-se-ia tentar discernir três eixos daquilo que se pode denominar, no sentido mais amplo, pensamento moral. Assim como os dois que acabamos de mencionar - nosso sentido de respeito pelos outros e de obrigação perante eles e nossos modos de compreender o que constitui uma vida plena -, há também a gama de noções relacionadas com a dignidade. Com isso, reporto-me às características mediante as quais pensamos em nós mesmos como merecedores (ou não merecedores) do respeito das pessoas que nos cercam. Aqui, o termo “respeito” [não se limita] [...] ao respeito a direitos, no sentido da não violação, que podemos denominar respeito “ativo”, mas ao pensar bem de alguém, até mesmo admirá-lo, que é o que está implícito quando dizemos na linguagem comum que alguém tem o nosso respeito. (Chamemos esse tipo de respeito de “atitudinal”). (TAYLOR, 2013, p. 29).

É a ideia de dignidade e respeito que possibilita o reconhecimento de “um modo de autorrelação prática [positivo] no qual o indivíduo pode estar seguro do valor social de sua identidade” (HONNETH, 2009, p. 137). Ou, ao contrário, uma autorrelação prática negativa

---

<sup>23</sup> Aproxima-se aqui os conceitos de gramática social moral com o de “cités” proposto por Boltanski e Thévenot (2020), uma vez que ambos tratam de esquemas metafísicos morais socialmente construídos composto de normas, regras e convenções utilizados pelos indivíduos na orientação de suas condutas. Contudo, cumpre informar que a ideia de “cités” busca chamar atenção, também, para o fato de que essas metafísicas criam mundos que se materializam em certos dispositivos, como por exemplo, manuais de conduta. Para uma visão mais detalhada sobre o assunto, além da obra de Boltanski e Thévenot (2020), sugere-se a leitura do artigo de Alexandre Werneck (2013) intitulado “*Sociologia da moral como sociologia da agência*” e o trabalho de Victor Pimentel Ferreira (2022) titulado “*O que organizar quer dizer? Observações preliminares de um estudo sociológico sobre a ação de organizar*”.

sentindo-se desrespeitado (HONNETH, 2009). Elas também ressaltam que não é qualquer coisa que fazemos que será vista como aceitável socialmente (TAYLOR, 2013).

No entanto, é imprescindível atentar ao fato que as gramáticas sociais “emanam das práticas sociais, enredadas de jogos de percepção, linguagem e poder, e carregam consigo, às vezes, a aspereza dos terrenos em que emergem” (MELLO, 2017, p. 192). Além disso, essas gramáticas não são atemporais, mas sofrem modificações ao longo do percurso histórico.

Ademais, consoante ao que vem sendo expresso nos últimos parágrafos, temos que pensar em gramáticas no plural e não gramática como unidade singular (TAYLOR, 2013; BOLTANSKI; THÉVENOT, 2020). Visto que,

O que, precisamente, julgamos constituir nossa dignidade? Pode ser nosso poder, nosso sentido de dominar o espaço público; ou nossa vulnerabilidade diante do poder; ou nossa autossuficiência, o fato de nossa vida ter seu próprio centro; ou o fato de sermos queridos e admirados pelos outros, um centro das atenções. É, no entanto, muito comum que o sentido de dignidade possa fundamentar-se em algumas das mesmas concepções morais que mencionei acima. Por exemplo, minha visão de mim mesmo como chefe da casa, pai de família, detentor de um emprego, provedor de meus dependentes; tudo isso pode ser a base do meu sentido de dignidade. Do mesmo modo como sua ausência pode ser catastrófica, capaz de abalá-lo ao solapar por inteiro meu sentimento de valor pessoal. (TAYLOR, 2013, p. 30).

Para mais, as gramáticas, enquanto construções sociais que adquiriram status transcendental, podem ser criadas a partir daquilo que Boltanski e Thévenot (2020) denominam de arranjos e rearranjos particulares. Aqui, crê-se poder olhar, por exemplo, para gramáticas feministas, antirracistas, etc, que colocam em questão gramáticas mais antigas, como a patriarcal e as do racismo. O que indica: que a multiplicidade de gramáticas que compõem a sociedade, encontra-se, adicionalmente, em tensão contínua (CAMPELLO, 2022).

Um último ponto, antes de prosseguirmos, compete à imagem que se têm acerca da definição de *self* quando assumimos o mencionado acima. Nessa lógica, nós humanos somos, antes de tudo, seres autointerpretes, detentores de uma capacidade reflexiva e autorreflexiva que nos permite apreender e julgar tanto os fenômenos societários quanto nós mesmos (TAYLOR, 1985, 2013). Aceito isso, não se pode falar em *self* sem falar em construção de identidade. E essa última “define-se, essencialmente, pela maneira como as coisas têm significação para mim” (TAYLOR, 2013, p. 52).

Assim, um fato crucial sobre um *self* ou pessoa que sobressai de tudo isso é que ele não é um objeto no sentido comumente entendido. Não somos um *self* da mesma maneira como somos organismos, nem temos um *self* tal como temos um coração e um fígado. Somos seres vivos com esses órgãos de uma forma bem independente de nossas autocompreensões ou autointerpretações, ou dos sentidos que as coisas têm para nós. Mas só somos um *self* na medida em que nos movemos em

certo espaço de indagações, em que buscamos e encontramos uma orientação para o bem (TAYLOR, 2013, p. 52).

O que emerge de tudo isso, é a identificação de que:

[os *selves*] não são objetos neutros, pontuais; só existem num determinado espaço de indagações, mediante determinadas preocupações constitutivas. As indagações ou preocupações referem-se à natureza do bem pelo qual me oriento e à maneira como estou situado em relação a ele. Mas, então, o que conto como unidade será definido pelo escopo da preocupação, por aquilo que está precisamente em questão. E o que está em questão é, em geral e de modo característico, a forma de minha vida *como um todo*. Não se trata de algo passível de determinação arbitrária. (TAYLOR, 2013, p. 74, grifo do autor).

Nesta perspectiva, o sujeito do qual Honneth (2009) fala é um sujeito reflexivo no fundamento de que é um ator social imerso “em um vocabulário [social] que transcende [sua] singularidade” (CAMPELLO, 2021, p. 64, tradução nossa)<sup>24</sup> e que está o tempo todo atento a esse vocabulário e às rupturas desse vocabulário. Assim, a reflexividade é tida aqui como alusivo a uma capacidade crítica e deliberativa que os indivíduos possuem e que varia de intensidade conforme diga respeito a um momento crítico em que uma ruptura com a expectativa e/ou com o cotidiano é observada ou tem a ver com uma ação rotineira que ocorre conforme o esperado (CORRÊIA; TALONE, 2021).

#### 1.4 Agência, Experiência e Afetos

Enquanto seres reflexivos e autointerpretes, fica patente que “grande parte de nossa motivação - nossos desejos, aspirações e avaliações – não são simplesmente dados. Damos-lhe uma formulação [descritiva e interpretativa]” (TAYLOR, 1985, p. 36, tradução nossa)<sup>25</sup>. Destaca-se, então, o nexos indissolúvel entre nossas formulações e experiências (TAYLOR, 1985).

Que a descrição e a experiência estejam unidas nessa relação constitutiva admite influências causais em ambas as direções: às vezes pode nos permitir alterar a experiência chegando a um novo insight; mas, mais fundamentalmente, circunscreve o insight através da forma profundamente arraigada/incorporada da experiência para nós. (TAYLOR, 1985, p. 37, tradução nossa)<sup>26</sup>

---

<sup>24</sup> Tradução de “The list of our experiences, the more particular as they might be, are inscribed in a vocabulary which transcends our singularity” (CAMPELLO, 2021, p. 64).

<sup>25</sup> Tradução de: “Much of our motivation – our desires, aspirations, evaluations – is not simply given. We give it a formulation in words or images”. (TAYLOR, 1985, p. 36).

<sup>26</sup> Tradução de: “That description and experience are bound together in this constitutive relation admits of causal influences in both directions: it can sometimes allow us to alter experience by coming fresh insight; but more fundamentally it circumscribes insight through the deeply embedded shape of experience for us.” (TAYLOR, 1985, p. 37).

Em vista disso, a importância e substância da experiência traduz-se na produção de articulações, por parte do sujeito, quanto a um objeto e/ou situação, desejos, propósitos e interações (TAYLOR, 1985; DEWEY, 1997). Nossas articulações são concebidas, aqui, como a instituição de nossa interpretação singular em relação às coisas e à realidade. O sentido de constituir uma articulação não é apenas fazer uma descrição simples e objetiva de algo, mas envolve análises subjetivas e atribuições de significados e valores que nunca são totalmente inalterados, nem absolutamente isentos de incertezas e imprecisões (TAYLOR, 1985). Portanto,

As articulações são tentativas de formular o que é inicialmente rudimentar, ou confuso, ou mal formulado. Mas esse tipo de formação ou reformulação não deixa seu objeto inalterado. Dar uma certa articulação é moldar nosso senso do que desejamos ou do que consideramos importante de uma certa maneira. (TAYLOR, 1985, p. 36, tradução nossa).<sup>27</sup>

Porém, como podemos assimilar essa produção de articulações através da experiência? Uma boa maneira de começar a raciocinar sobre essa questão, é por meio da lucidez de que “cada experiência é uma força motriz” (DEWEY, 1997, p. 38, tradução nossa)<sup>28</sup>. Ou seja, um dos princípios constitutivos da experiência é o da continuidade (ou *continuum experiencial*) exprimindo que “toda experiência tanto absorve algo daquelas que aconteceram antes quanto modifica de alguma forma a qualidade daquelas que vêm depois.” (DEWEY, 1997, p. 35, tradução nossa)<sup>29</sup>. Logo, qualquer experiência seja aquela praticada, seja a sofrida, modificam o indivíduo que age ou sofre, já que afeta a qualidade das experiências posteriores (DEWEY, 1997).

Cada experiência afeta, para melhor ou pior, as atitudes que ajudam a decidir a qualidade de outras experiências, estabelecendo certa preferência e aversão e tornando mais fácil ou mais difícil agir para este ou aquele fim. Além disso, cada experiência influencia, em algum grau, as condições objetivas sob as quais outras experiências são vivenciadas. (DEWEY, 1997, p. 37, tradução nossa).<sup>30</sup>

---

<sup>27</sup> Tradução de: “On the contrary, articulations are attempts to formulate what is initially inchoate, or confused, or badly formulated. But this kind of formation or reformulation does not leave its object unchanged. To give a certain articulation is to shape our sense of what we desire or what we hold important in a certain way.” (TAYLOR, 1985, p. 36).

<sup>28</sup> Tradução de: “Every experience is a moving force” (DEWEY, 1997, p. 38).

<sup>29</sup> Tradução de: “[...] The principle of continuity of experience means that every experience both takes up something from those which have gone before and modifies in some way the quality of those which come after” (DEWEY, 1997, p. 35).

<sup>30</sup> Tradução de: “Every experience affects for better or worse the attitudes which help decide the quality of further experiences, by setting up certain preference and aversion, and making it easier or harder to act for this or that end. Moreover, every experience influences in some degree the objective conditions under which further experience are had.” (DEWEY, 1997, p. 37).

Outro pressuposto das experiências corresponde ao fato de que elas não acontecem e transcorrem no vácuo (DEWEY, 1997). Assim, “existem fontes fora de um indivíduo que dão origem à experiência. [E] Ele é constantemente alimentado por essas fontes.” (DEWEY, 1997, p. 40, tradução nossa)<sup>31</sup>. Isso, por sua vez, dirige atenção ao segundo princípio da experiência referente à interação entre os estados internos e as condições ambientais objetivas, que, tidos de forma conjunta, criam o que se chama de situação (DEWEY, 1997).

A afirmação de que os indivíduos vivem em um mundo significa, concretamente, que eles vivem em uma série de situações. [...] Significa, mais uma vez, que a interação está ocorrendo entre um indivíduo e objetos e outras pessoas. As concepções de *situação* e de *interação* são inseparáveis uma da outra. Uma experiência é sempre o que é por causa de uma transação que ocorre entre um indivíduo e o que, no momento, constitui seu ambiente, quer este último consista em pessoas com quem ele está falando sobre algum tópico ou evento, o assunto falado também é uma parte da situação; ou os brinquedos com os quais ele está brincando; o livro que está lendo (no qual suas condições ambientais na época podem ser a Inglaterra ou a Grécia antiga ou uma região imaginária); ou os materiais de um experimento que ele está realizando. O ambiente, em outras palavras, são quaisquer condições que interajam com necessidades, desejos, propósitos e capacidades pessoais para criar a experiência que se tem. Mesmo quando uma pessoa constrói um castelo no ar, ela está *interagindo* com os objetos que constrói em sua imaginação. (DEWEY, 1997, pp. 43-44, grifo do autor, tradução nossa).<sup>32</sup>

Do entroncamento desses dois princípios: continuidade e interação, provém os critérios do valor das articulações, que assenta a qualidade da experiência. Por intermédio de tais enfoques, tocantes ao sujeito moral reflexivo e o elo entre suas articulações e experiências, realça-se a capacidade agêntica dos atores e atrizes sociais, assim como irrompe um sentido de responsabilidade sobre a ação deles e delas (TAYLOR, 1985).

No que diz respeito a esse último aspecto,

A responsabilidade recai sobre nós no sentido de que é sempre possível que novos insights possam alterar minhas avaliações e, portanto, até a mim mesmo para melhor. De modo que, dentro dos limites da minha capacidade de mudar a mim mesmo por uma nova percepção, dentro dos limites da primeira direção de influência

---

<sup>31</sup> Tradução de: “There are sources outside an individual which give rise to experience. It is constantly fed from these springs.” (DEWEY, 1997, p. 40).

<sup>32</sup> Tradução de: “The statement that individuals live in a world means, in the concrete, that they live in a series of situations. [...] It means, once more, that interaction is going on between an individual and objects and other persons. The conceptions of *situation* and of *interaction* are inseparable from each other. An experience is always what it is because of a transaction taking place between an individual and what, at the time, constitutes his environment, whether the latter consists of persons with whom he is talking about some topic or event, the subject talked about being also a part of the situation; or the toys with which he is playing; the book he is reading (in which his enviroing conditions at the time may be England or ancient Greece or an imaginary region); or the materials of an experiment he is performing. The environment, in other words, is whatever conditions interact with personal needs, desires, purposes, and capacities to create the experience which is had. Even when a person builds a castle in the air he is *interacting* with the objects which he constructs in fancy.” (DEWEY, 1997, pp. 43-44, grifo do autor).

causal, sou responsável, no sentido ‘moderno’, pleno e direto, por minhas avaliações. (TAYLOR, 1985, p. 39, tradução nossa).<sup>33</sup>

No que tange ao primeiro, por seu turno, exige uma noção ampla de ação social que contemple “as diferentes maneiras pelas quais a agência realmente molda a ação social” (EMIRBAYER; MISCHE, 1998, p. 963, tradução nossa)<sup>34</sup>. Em face disso, adere-se à conceituação desenvolvida por Emirbayer e Mische (1998) em que a agência é concebida como:

Um processo de engajamento social incorporado temporalmente, informado pelo passado (em seu aspecto habitual), mas também orientado para o futuro (como uma capacidade de imaginar possibilidades alternativas) e para o presente (como capacidade de contextualizar hábitos passados e projetos futuros dentro das contingências do momento). (p. 963, tradução nossa).<sup>35</sup>

Tal sabedoria permite identificar os atores e atrizes sociais enquanto sujeitos que agem dentro de ambientes estruturais e, devido a sua capacidade agêntica, tanto os reproduzem quanto os transformam “*em resposta interativa aos problemas colocados pelas mudanças das situações históricas*” (EMIRBAYER; MISCHE, 1998, p. 970, grifo do autor, tradução nossa)<sup>36</sup>. Sendo a operação de transformação realizada pela inteligência reflexiva deles e delas. (EMIRBAYER; MISCHE, 1998; DEWEY, 1997).

Por fim, de volta à Honneth (2009), resta ainda uma breve ponderação a respeito de como nossas experiências e, conseqüentemente, nossas articulações e interpretações são atravessadas por afetos e emoções que nos movem de determinada maneira nas situações sociais. Afinal, “Honneth defende que a precedência do reconhecimento indica que à uma relação teórico-cognitiva precede uma relação intersubjetivo-afetiva” (CAMPELLO, 2017, p. 109). Pois, tão logo, uma afirmação positiva da última seja rompida ou não satisfeita, o indivíduo pode experimentar sentimentos negativos e até sofrimento (HONNETH, 2009).

Esses sentimentos, em sequência, podem desviar sua atenção para suas próprias expectativas internas, permitindo que ele se torne consciente do caráter cognitivo do que lhe está sendo negado ou não cumprido socialmente (HONNETH, 2009). O que, por sua vez,

---

<sup>33</sup> Tradução de: “Responsibility falls to us in the sense that it is always possible that fresh insight might alter my evaluations and hence even myself for the better. So that within the limits of my capacity to change myself by fresh insight, within the limits of the first direction of causal influence, I am responsible in the full direct, ‘modern’ sense for my evaluations.” (TAYLOR, 1985, p. 39).

<sup>34</sup> Tradução de: “[...] that one loses sight of the different ways in which agency shapes social action” (EMIRBAYER; MISCHE, 1998, p. 963).

<sup>35</sup> Tradução de “[...] a temporally embedded process of social engagement, informed by the past (in its habitual aspect), but also oriented toward the future (as a capacity to imagine alternative possibilities) and toward the present (as a capacity to contextualize past habits and future projects within the contingencies of the moment).” (EMIRBAYER; MISCHE, 1998, p. 963).

<sup>36</sup> Tradução de: “[...] *in interactive response to the problems posed by changing historical situations*” (EMIRBAYER; MISCHE, 1998, p. 970, grifo do autor).

possibilitaria a criação da motivação para adesão em movimentos contestatórios ou grupos políticos, caso encontrassem um entorno político e cultural favorável a isso (HONNETH, 2009).

Infere-se a partir dessas passagens que estar em sociedade é estar em constante interação afetiva com os outros e com o próprio meio. Consequentemente, de que maneira podemos analisar sociologicamente os afetos? O ponto de partida da resposta acha-se ao levar em conta que: “A emoção em sua totalidade é um modo de comportamento que é proposital, ou tem um conteúdo intelectual, e que também se reflete em sentimentos ou afetos, como a avaliação subjetiva daquilo que é objetivamente expresso na ideia ou propósito.” (DEWEY, 1895, p. 15, tradução nossa)<sup>37</sup>.

Dessa maneira, é comum que as emoções sejam captadas, de início e usualmente, como condizente com um modo de comportamento, uma disposição. Contudo, a experiência emocional concreta também abrange um objeto ou conteúdo intelectual, integrado a um sentir (DEWEY, 1985).

A emoção é sempre 'sobre' ou 'para/ em direção a' algo; é 'em' ou 'por causa de' alguma coisa, e esta referência preposicional é uma fase integral do único pulso de emoção; pois a emoção, assim como a ideia, vem como um todo carregando suas distinções de valor dentro de si. (DEWEY, 1985, p. 17, tradução nossa).<sup>38</sup>

Acrescenta-se a isso, ainda, que a reação emocional não se desenrola em virtude do objeto ou ideia em si, isto é, em sua essência, em sua imagem/símbolo físico ou intelectual. Mas, em “um certo *ato de ver*, que por hábito, herdado ou adquirido, estabelece outros atos. É o tipo de *coordenação de atos* que, levado à consciência sensorial, constitui [...] um objeto [como] amedrontador, risível ou indiferente.” (DEWEY, 1985, p. 19, grifo do autor, tradução nossa)<sup>39</sup>. Portanto, conectada à interpretação de valores, por sua vez, ligada a uma noção de bem (DEWEY, 1985).

---

<sup>37</sup> Tradução de: “Emotion in its entirety is a mode of behavior which is purposive, or has an intellectual content, and which also reflects itself into feeling or Affects, as the subjective valuation of that which is objectively expressed in the idea or purpose.” (DEWEY, 1895, p. 15).

<sup>38</sup> Tradução de: “The emotion is always ‘about’ or ‘toward’ something; it is ‘at’ or ‘on account of’ something, and this prepositional reference is an integral phase of the single pulse of emotion; for emotion, as well as the idea, comes as a whole carrying its distinctions of value within it.” (DEWEY, 1895, p. 17).

<sup>39</sup> Tradução de: “[...] but a certain *act of seeing*, which by habit, whether inherited or acquired, sets up other acts. It is the kind of *coordination of acts* which, brought to sensational consciousness, constitutes the bear a fearful or a laughable or indifferent object.” (DEWEY, 1895, p. 19, grifo do autor).

Perante o exposto acima, então, um olhar sociológico a respeito dos afetos se estabelece sobre o modo como eles se *semantizam*<sup>40</sup>, ou seja, ao que ou à quem eles fazem referência. Ou, dito de outra forma, se volta “ao vocabulário que cria e performa o horizonte semântico dos modos como somos afetados” (CAMPELLO, 2022, p. 38).

## 2 O CAMPO E OS ATORES

Nesta seção, procuramos caracterizar qual juventude foi selecionada para constituir os sujeitos da pesquisa, bem como apresentar por que é importante essa definição de qual juventude a pesquisa irá tratar. Além disso, apresentamos o espaço que constitui o objeto de investigação e o local ao qual os sujeitos estão inseridos, antes de prosseguir para outros dados da pesquisa.

### 2.1 O Palco da Investigação

A pesquisa teve como palco da investigação - isto é, como local onde se desenvolveu os procedimentos da pesquisa e de onde se selecionou as(os) jovens que se constituirão como as(os) interlocutoras(es) da pesquisa - a Universidade de Brasília (UnB). A UnB foi criada no dia 15 de dezembro de 1961 quando foi sancionada, pelo presidente João Goulart, a lei nº 3.998, que instituía a Fundação Universidade de Brasília (FUB), e nomeava Darcy Ribeiro como reitor e Anísio Teixeira como vice-reitor.

A Universidade de Brasília nasceu da ambição de Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira – os pais idealizadores da universidade – no ensejo de criação de “uma universidade tão inovadora no plano cultural, quanto o era a própria Brasília no plano urbanístico e arquitetural” (RIBEIRO, 1995, pp. 125-126) e que revisse toda a estrutura obsoleta da universidade tradicional. Contudo, a consolidação dessa universidade inovadora tal qual planejava Darcy Ribeiro, não ocorreu de forma tão simples na realidade, quanto talvez tenham imaginado seus pais fundadores, uma vez que, após dois anos de sua inauguração, a universidade necessária de Darcy Ribeiro se viu interrompida pela ditadura militar.

No dia 9 de abril de 1964, a UnB teve seu *campus* invadido, pela primeira vez, por tropas do exército e da polícia militar de Minas Gerais, após o golpe de Estado realizado em 1 de abril de 1964 (BOMENY, 2016; MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2017). Nesta ocasião, os militares armados invadiram salas de aula, detiveram doze professores e interditaram a biblioteca e salas

---

<sup>40</sup> Tal noção foi elaborada e apresentada recentemente por Sayonara de Amorim Gonçalves Leal durante a mesa-redonda “Política, Emoções e Conservadorismo no Brasil” ocorrida no 20º Congresso Brasileiro de Sociologia, em 17 de julho de 2021.

de trabalho de professores. Além disso, Anísio Teixeira e Almir de Castro – respectivamente, reitor e vice-reitor da UnB - foram demitidos e o governo militar nomeou Zeferino Vaz como reitor (BOMENY, 2016). Após esse episódio, a universidade seria invadida por militares mais quatro vezes até o fim do período da ditadura militar e o início da redemocratização, bem como teve sua autonomia limitada durante o período militar.

Após 21 anos de ditadura militar, “a democracia na UnB foi retomada, em 1984, com a eleição do reitor Cristovam Buarque” (BOMENY, 2016, p. 1024). A gestão de Buarque teve a intenção e orientação de restaurar a autonomia da UnB, mediante a libertação da universidade do conservadorismo que marcou o período da ditadura militar e a retomada do status da universidade, como instituição de vanguarda presente no projeto de criação da UnB e idealizado por Darcy Ribeiro (LONGE, 2014; UnBTV, 2022).

Nas décadas de 1990 e 2000, a Universidade de Brasília desenvolveu ações voltadas para sua expansão e democratização do acesso. No que tange a sua expansão, o período foi marcado pelo crescimento horizontal da instituição (com a criação de três novos *campi*) e vertical (crescimento da unidade sede da universidade). (SOARES, 2017). Já, no que diz respeito a democratização do acesso, observou-se a adoção de programas, por parte da universidade, que contemplaram as duas acepções presentes para a democratização do acesso, quais sejam: a ampliação da oferta, seja de cursos e/ou vagas e a adoção de mecanismos de inclusão social para diversificação do ingresso e perfil do corpo discente (MELO, 2013; MELO; SOUSA, 2009).

Como exemplo de alguns dos frutos desse período de desenvolvimento e democratização do acesso, pode-se citar: a instituição do Programa de Avaliação Seriada (PAS) em 1996; a aprovação, no dia 6 de junho de 2003, do Plano de Metas para Integração Social, Étnica e Racial pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) que estabeleceu, dentre outras coisas, que 20% das vagas do vestibular seriam destinadas a candidatos(as) negros(as) e previu a reserva de 10 vagas para estudantes indígenas (CAIXETA, 2016); o estabelecimento do convênio de cooperação entre a UnB e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) garantiu o ingresso e permanência de indígenas por meio do vestibular indígena; e as inaugurações dos *campi* UnB Planaltina, Gama e Ceilândia que transformaram a UnB em uma universidade multicampi. Apresentam-se abaixo, informações recentes sobre a comunidade acadêmica da Universidade de Brasília<sup>41</sup>.

---

<sup>41</sup> Elas encontram-se disponíveis no Anuário Estatístico de 2021 (FUB, 2022) e em dados disponíveis no site *Avaliação UnB*. O Anuário Estatístico de 2021 da UnB contém dados sobre a comunidade acadêmica referentes ao ano de 2020. Contudo, devido ao descompasso entre o calendário acadêmico da universidade e o ciclo anual,

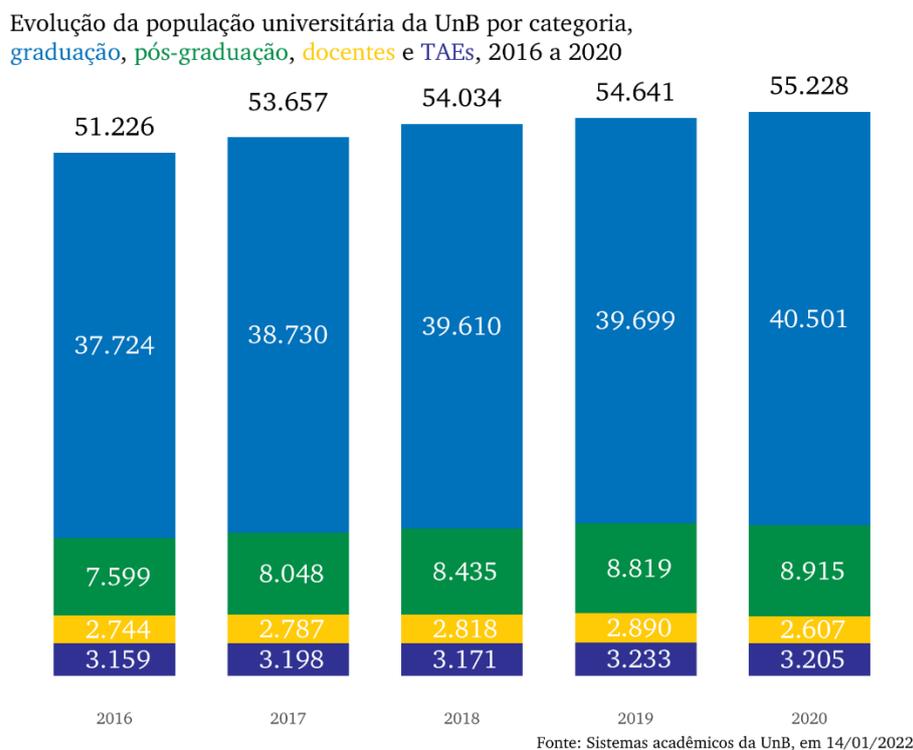
**Figura 1 - Quantidade de alunos ativos e matriculados no 1/2021**

Quantidade de alunos ativos e matriculados no 1º semestre de 2021				
Nível	Situação	Presencial	EaD	Total
Graduação	Ativos	35.840	735	36.595
	Matriculados	34.921	737	35.658
Mestrado	Ativos	3.010		3.010
	Matriculados	2.873		2.873
Doutorado	Ativos	2.046		2.046
	Matriculados	1.963		1.963
Residência médica	Ativos	81		81
	Matriculados	81		81
Total	Ativos	40.977	755	41.732
	Matriculados	39.838	737	40.575
Fonte: SIGAA (27/12/2021) e SIGRA (14/01/2022)				
Nota: alunos matriculados exclui os trancamentos				

Fonte: AVALIAÇÃO UNB. **Números da UnB**. 2021. Disponível em: <https://avaliacao.unb.br/index.php/avaliacao-interna/numeros-da-unb>. Acesso em: 30 jun. 2022.

os dados são referentes ao período de: 17 de agosto de 2020 até 22 de maio de 2021 (período que marca o fim do 2º semestre de 2020 no calendário acadêmico da UnB). Em relação aos dados do site *Avaliação UnB*, eles podem ser visualizados no seguinte link: <https://avaliacao.unb.br/index.php/avaliacao-interna/numeros-da-unb>. Acesso em: 30 jun. 2022. E referem-se a dados da população da UnB relativos ao período do 1º semestre de 2021. Informa-se, também, que o primeiro semestre letivo do ano de 2021 corresponde ao período que vai de 19 de setembro de 2021 até 06 de novembro de 2021.

**Figura 2 - Evolução da população universitária por categoria para o ano 2020**



Fonte: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (FUB). **Anuário Estatístico 2021**. Brasília: UnB, 2022.

## 2.2 Os jovens da pesquisa

A sociologia da juventude encara o desafio “da desconstrução (desmistificação) sociológica de alguns aspectos da construção social (ideológica) da juventude” (PAIS, 1990, p. 146), a qual nos é oferecida no âmbito do senso comum e frequentemente associada à ideia equivocada de que a juventude é um grupo homogêneo, espontâneo e natural, que se deve ajustar aos futuros papéis sociais dos adultos. Logo, o objetivo central dessa área da sociologia é “dotar sua categoria central – a *juventude* – de maior precisão conceitual e analítica” (WEISHEIMER, 2013, p. 9, grifo do autor).

Dentro desse campo, a representação sobre juventude e seus estágios variou ao longo do tempo. E, de forma semelhante, o modo como a juventude é estudada sociologicamente também se modificou, saindo do entendimento homogeneizador e funcionalista, em direção a estudos, cada vez mais numerosos, pautados no entendimento plural de seus sujeitos e na compreensão do caráter ativo e protagonista do jovem em sua realidade social.

Neste sentido, os modelos contemporâneos de análise sociológica da juventude enfatizam as relações sociais de poder e dominação que constituem a condição juvenil. E, assim,

realçam as condicionantes históricas e sociais que produzem diferenciação entre os grupos e segmentos juvenis, nos levando a falar não em juventude, mas sim em juventudes no plural (WEISHEIMER, 2013). Daí, juventude passa a dizer respeito a estilos de vida e representações sociais diversas e trazem foco para dimensão de análise da experiência, do processo, da situação social (GROPPO, 2010; PAIS, 1990). Tem-se, como resultado, a consideração dos jovens como sujeitos, isto é, como indivíduos que interpretam o mundo e lhes dão sentidos, bem como agem sobre o mundo e suas realidades (DAYRELL, 2007).

Também se destaca, nos estudos sobre juventude, o conceito de geração. Mannheim (1982), define geração como correspondendo a um grupo de indivíduos (estabelecido segundo critério etário) que compartilham uma situação social-histórica comum/similar dentro de uma determinada sociedade. Portanto, o fato de pertencer a uma mesma geração ou grupo etário propicia aos indivíduos a experiência de uma situação comum no processo histórico e social e, com isso, os dispõem a possibilidade de um modo característico de pensamento e experiência e a um tipo singular de ação historicamente relevante (MANNHEIM, 1982). Isso leva a se falar em cultura juvenil que difere de geração para geração (PAIS, 1990), uma vez que “quaisquer duas gerações subsequentes sempre lutam com inimigos tanto internos como externos, diferentes” (MANNHEIM, 1982, p. 81).

Além disso, para Mannheim (1982), a existência ininterrupta de gerações é o fator responsável pelo rejuvenescimento social, pois a sucessão de gerações significa a adição contínua em nossa sociedade de novos indivíduos que, por sua vez, terão um contato sempre original com a herança cultural acumulada. Esse contato original é suficiente para provocar mudanças no pensamento e ações sociais, levando, por conseguinte, a transformações históricas (MANNHEIM, 1982). Dessa maneira, a juventude, para Mannheim, seria uma força social potencial responsável por produzir mudanças e transformações sociais e culturais e possuidora de um caráter dialético, pois a juventude seria um veículo de ligação entre o passado e o futuro, frisando, assim, as tensas relações intergeracionais (WEISHEIMER, 2013).

Contudo, como alerta Mannheim (1982), apesar de indivíduos de uma mesma geração vivenciarem uma situação social-histórica similar dentro de uma sociedade, as gerações, em si, não podem ser comparadas, diretamente, a grupos sociais concretos tais como uma comunidade ou partido político. Pois, “uma geração enquanto fenômeno de situação é insuficiente para abranger o fenômeno da geração em sua realidade completa.” (MANNHEIM, 1982, p. 85). Isso deve-se ao fato de que sujeitos de uma mesma geração podem desenvolver, dentro delas, unidades de gerações distintas, que elaboram visões sobre sua realidade social e os fenômenos

e acontecimentos histórico-sociais que vivenciam de forma diferenciada e mesmo oposta (MANNHEIM, 1982). Logo, como exemplifica Mannheim,

*A juventude romântico-conservadora e o grupo liberal-racionalista pertencem à mesma geração real, mas formam, dentro dela, “unidades de geração” distintas. A unidade de geração representa um vínculo muito mais concreto que a geração real enquanto tal. Pode-se dizer que os jovens que experienciam os mesmos problemas históricos concretos fazem parte da mesma geração real; enquanto aqueles grupos dentro da mesma geração real, que elaboram o material de suas experiências comuns através de diferentes modos específicos, constituem unidades de geração separadas.* (MANNHEIM, 1982, p. 87, grifo do autor).

Tais eixos semânticos apontam às(aos) pesquisadoras(res) variáveis que são importantes de se ter em consideração quando se trabalha com sujeitos ou grupos ditos jovens, como por exemplo: a observação dos fenômenos contextuais que essas e esses jovens presenciam e estão/estiveram em contato, os condicionantes de gênero, raça, etnia, classe, localização, entre outros.

Tendo isso em mente, especialmente a assimilação da juventude enquanto correspondente a um segmento diversificado de atores e atrizes sociais e diversificado nas formas de se viver a juventude, é necessário especificar qual grupo juvenil está sendo abordado. No que se refere aos participantes da pesquisa, optou-se por investigar os jovens<sup>42</sup> da Universidade de Brasília que estiveram envolvidos em grupos engajados na disputa do DCE Honestino Guimarães, durante a última eleição polarizada na universidade. A dita eleição ocorreu em 2019 e contou com a participação de dois grupos opostos: A Gente que Lute e Aliança pela Liberdade, os quais serão apresentados a seguir.

### 2.2.1 Aliança pela Liberdade

**Figura 3 - Logomarca do grupo Aliança pela Liberdade**



<sup>42</sup> Cumpre notificar que, para os fins dessa pesquisa, entende-se como “jovem” pessoas com idade entre 15 e 29 anos, tal qual especificado no Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013).

Fonte: Página do Facebook referente ao perfil da Aliança pela Liberdade.

O grupo político *Aliança pela Liberdade* define-se, segundo textos de apresentação verificados em seu site oficial e em sua página do *Facebook*, como estudantes que dão valor à liberdade e estão cansados do marasmo do movimento estudantil atual que, de acordo com eles, são dominados por bordões ideológicos que não dizem nada.<sup>43</sup> O grupo se apresenta como marcado por sua visão pragmática, liberal e apartidária e já esteve presente em reportagens sobre grupos com identificação ideológica mais direcionada à direita do espectro político<sup>44</sup>. O grupo surgiu em 2009 e conquistou, desde então, cinco gestões do DCE, correspondentes aos anos de 2011, 2012, 2014, 2015 e 2018 (COSTA, 2021; GABRIEL; AGUIAR, 2018).

Como dito, o grupo já apareceu em reportagens que o caracterizavam como de direita e os jovens dos movimentos estudantis de esquerda também usualmente os qualificam dessa maneira. Nas entrevistas com os jovens da Aliança, quando perguntados sobre como a definiam preferiram caracterizar o grupo como de centro e cuja marca seria a diversidade de possuir em seu conjunto tanto integrantes mais identificados com a esquerda quanto integrantes da direita. “A Aliança é um grupo liberal é... e pára por aí. [...] Então, a gente ficava no centro.” (Felipe, 30 anos, Aliança pela Liberdade).

“Então foi isso que me chamou atenção, foi ser um grupo onde não tinha essa imposição de partido ou de político X ou Y. No último pleito... tem gente da Aliança que já votou no Bolsonaro e tem gente da Aliança que já votou no Lula assim... tem de todos os espectros... tem gente que já votou na Simone, tem gente que já votou no Felipe D’villa, tem de todo tipo. (Lucélia, 26 anos, Aliança pela Liberdade).”

Essa característica de possuir em seu conjunto integrantes dos mais diversos posicionamentos políticos é visto como algo extremamente positivo pelos membros do grupo, uma vez que comprovaria a garantia da liberdade de seus membros e o caráter apartidário do grupo. Por esse motivo, encontrou-se, nas postagens do grupo no *Facebook*, notas de repúdio às matérias jornalísticas que os qualificavam como de direita ou representante de determinados partidos políticos. Sobre esse último ponto, em uma postagem de 2014 o grupo comenta:

Defendemos que o não aparelhamento da universidade por partidos, nem de esquerda nem de direita, é uma condição necessária para avançarmos um projeto de

<sup>43</sup> Tais informações podem ser contactadas em: ALIANÇA PELA LIBERDADE. **Sobre nós**. Facebook: página do facebook. Disponível em: < [https://www.facebook.com/alianca.liberdade/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/alianca.liberdade/about/?ref=page_internal)>. Acesso em: 15 fev. 2022. E em ALIANÇA PELA LIBERDADE. **Sobre nós**. Disponível em: < <https://www.aliancapelaliberdade.org/hist%C3%B3ria>> (Site oficial da Aliança pela Liberdade).

<sup>44</sup> Como pode ser observado na seguinte reportagem: GABRIEL, Ruan de Sousa; AGUIAR, Tiago. A onda liberal chega aos diretórios e aos grêmios estudantis. *Época*, 2018. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/epoca/onda-liberal-chega-aos-diretorios-aos-gremios-estudantis-23321870>>. Acesso em: 15 fev. 2022.

universidade inclusiva, livre, plural e de excelência. Uma universidade capaz de produzir conhecimento de ponta para solucionar os desafios da sociedade e, simultaneamente, preparar os estudantes para o mercado de trabalho. (ALIANÇA PELA LIBERDADE. A Falha de São Paulo: Sobre o apartidarismo da Aliança. [Publicação no Facebook]. **Facebook**, 13 de novembro de 2014).<sup>45</sup>

Além disso, o grupo também rejeita a qualificação de conservador, para tanto eles frisam que acreditam nas liberdades individuais e no respeito às diferenças. Sendo tais defesas também marcada pelo caráter liberal do grupo, como por exemplo, em seu objetivo de introduzir o feminismo liberal dentro da UnB.

Todavia, é necessário que se entenda que a luta Feminista Liberal tem muito mais a ver com liberdade do que com igualdade, propriamente dita. Não se encontra, dentre suas pautas, a luta por políticas públicas. Muito pelo contrário, o Estado é colocado como instrumento de legitimação da cultura machista na sociedade, de forma a impô-la verticalmente por meio de seu monopólio de poder coercitivo inerente. [...] Desta forma, o Feminismo Liberal prega a emancipação da mulher sem que seja imposta a elas uma verdade universal coercitiva, tendo em vista que cada uma, em sua individualidade, sabe o que é melhor para si [...] A desconstrução dos valores machistas enraizados na sociedade deve partir do indivíduo e de organizações civis, não de forma verticalizada e burocrata que simula a resolução de problemas. (ALIANÇA PELA LIBERDADE. Feminismo Liberal. [Publicação no Facebook]. **Facebook**, 5 de maio de 2016).<sup>46</sup>

## 2.2.2 A Gente que Lute

Figura 4 - Logomarca do grupo A Gente que Lute



Fonte: Página do Facebook referente ao grupo A Gente que Lute.

O grupo político *A Gente que Lute* é formado por estudantes de movimentos político-sociais de esquerda, como o Levante Popular da Juventude, a União da Juventude Socialista (UJS), a União da Juventude Comunista (UJC) e os coletivos de juventude do Partido dos

<sup>45</sup> ALIANÇA PELA LIBERDADE. A Falha de São Paulo: Sobre o apartidarismo da Aliança. [Publicação no Facebook]. **Facebook**, 13 de novembro de 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=684290525003384>. Acesso em: 22 abr. 2023.

<sup>46</sup> ALIANÇA PELA LIBERDADE. Feminismo Liberal. [Publicação no Facebook]. **Facebook**, 5 de maio de 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=949503841815383>. Acesso em: 22 abr. 2023.

Trabalhadores (PT) e do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) (SANT’ANNA; NEGRÃO, 2019). Além disso, o grupo em seus *posters* de apresentação encontrados em sua página do *Facebook*, exibe-se como contrário ao governo Bolsonaro, chamando atenção para os cortes realizados na área da educação. e ao programa governamental “Future-se”, bem como definem-se como estudantes de todos os *campi* e de muitos cursos que estiveram presentes nas mobilizações como o “tsunami da educação”, da greve geral contra a reforma da previdência de 2019 e nos atos em defesa da Amazônia. Acreditam que a gestão do DCE deve manter o diretório central dos estudantes mobilizado através de realizações de assembleias e manifestações.<sup>47</sup>

O “future-se” foi uma proposta de programa governamental desenvolvida pelo Ministério da Educação sob direção do ex-ministro Abraham Weintraub para a educação superior. Esse programa propunha dar maior autonomia financeira às universidades e institutos federais através da capitação de recursos próprios e ao empreendedorismo.<sup>48</sup> Para realização dessas propostas, a ideia era fomentar e estimular a capitação de recursos junto ao setor privado, através de fundos de investimento, parceria público-privadas e privatização do patrimônio imobiliário dos institutos federais.<sup>49</sup>

O “tsunami da educação”, por sua vez, faz referência a uma série de manifestações ocorridas em várias cidades brasileiras no primeiro semestre de 2019 contra os cortes de 30% no orçamento destinado à educação no Brasil anunciados pelo MEC, que, na época era dirigido por Abraham Weintraub (ARAUJO, 2020). Além disso, como dito, os jovens da *A Gente que Lute* que colocavam como apoiadores da greve contra a reforma da previdência de 2019 proposta pelo Governo Bolsonaro. Essa reforma dizia respeito, entre outras questões, a mudança nas idades para aposentadoria e no tempo mínimo de contribuição.<sup>50</sup>

### 3 OS PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Como dito no capítulo 2, o grupo juvenil que constitui o objeto de estudo desta investigação são os jovens integrantes dos grupos *A Gente que Lute* e *Aliança pela Liberdade*

---

<sup>47</sup> Tais informações podem ser verificadas em: A GENTE QUE LUTE. Brasília, 3 out. 2019. Facebook: página do facebook. Disponível em: < <https://www.facebook.com/agentequelute/>>. Acesso em: 15 fev. 2022.

<sup>48</sup> Informações retiradas de: Ministério da Educação. **Future-se**. [S.l.]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/future-se>. Acesso em: 15 mar. 2023.

<sup>49</sup> Informações retiradas de: ANDES-SN. Entidades do setor da educação: programa Future-se representa a extinção da educação federal pública. [S.l.], 2019. Disponível em: <https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/entidades-do-setor-da-educacao-programa-future-se-representa-a-extincao-da-educacao-federal-publica>. Acesso em: 15 mar. 2023.

<sup>50</sup> Informações retiradas de: POLITIZE. Reforma da Previdência: entenda os principais pontos. [S.l.], 2019. Disponível em: <https://www.politize.com.br/reforma-da-previdencia-entenda-os-principais-pontos/>. Acesso em: 15 mar. 2023.

que disputaram a gestão do DCE no ano de 2019. No âmbito dessa pesquisa, o conjunto de interlocutores com os quais foram realizadas as entrevistas refere-se a um total de 12 jovens. Dentre eles, 7 eram integrantes da *A Gente que Lute* (4 homens e 3 mulheres) e os outros 5 faziam parte da *Aliança pela Liberdade* (3 homens e 2 mulheres).

O primeiro contato com esses jovens foi por meio da página do *Facebook* (com os jovens da *Aliança pela Liberdade*) e por mensagens no *Whatsapp* (com alguns jovens da *A Gente que Lute*) e tinha a intenção de conseguir contatos e indicações para compor o conjunto de interlocutores da investigação. Utilizando, assim, a técnica de amostragem da bola de neve que consiste justamente no processo de conseguir sugestões de novos contatos, para posterior entrevista, a partir de contatos anteriores. Como já se possuía alguns amigos que conheciam jovens que eram associados ao grupo *A Gente que Lute*, alcançá-los para solicitar uma entrevista acabou sendo um pouco mais fácil. No caso dos jovens da *Aliança pela Liberdade*, priorizou-se o contato direto por meio de ligações.

No projeto dessa dissertação tinha-se como meta entrevistar 10 jovens (5 homens e 5 mulheres) de cada um dos grupos<sup>51</sup>. O levantamento desses contatos foi feito previamente e, em um primeiro momento, conseguiu-se rapidamente 10 jovens de cada grupo, contudo, as dificuldades estavam por vir pela frente. Próximo às datas das entrevistas agendadas, muitos desmarcavam e mesmo com remarcações prévias, simplesmente alguns desmarcavam ou não apareciam. Soma-se a isso, o fato de que alguns jovens da *Aliança pela Liberdade* demonstraram receio em conceder a entrevista e, por isso, logo negavam a solicitação. Acredita-se que isso se deve a dois motivos: 1) o contexto em que foram realizadas as entrevistas que foi próximo ao período eleitoral de 2022; 2) a condição da pesquisadora ser aluna do curso de sociologia.

Quanto ao ambiente em que ocorreram as entrevistas, a maioria foi realizada na própria Universidade de Brasília, por escolha dos próprios entrevistados e apesar de ter sido dada a abertura para que os jovens escolhessem o lugar de mais fácil acesso para eles. Assim, apenas uma entrevista foi feita na casa de um dos jovens. É importante frisar, também, que esta dissertação foi produzida no contexto da pandemia e durante a volta às atividades presenciais. Desse modo, 4 entrevistas foram realizadas de forma on-line e por meio da plataforma de videoconferência do *Google* denominada *Google Meets*.

Após esse relato das experiências vivenciadas no campo da pesquisa empírica, apresenta-se abaixo uma tabela com um breve perfil dos interlocutores da pesquisa.

---

<sup>51</sup> Esse conjunto havia sido definido de acordo com informações da nominata correspondentes às eleições de 2019 para gestão do Diretório Central dos Estudantes Honestino Guimarães.

**Tabela 1 - Perfil Interlocutores**

Nome <sup>52</sup>	Curso	Classe	Partido	Idade	Grupo
José	Sociologia	Média	PT	26	A Gente que Lute
Otávio	História	Média Alta	PSOL	22	A Gente que Lute
Cristiano	Direito	Média Baixa	PT	25	A Gente que Lute
Paulo	Ciências Contábeis	Média Alta	PT	21	A Gente que Lute
Olívia	Sociologia	Média Alta	PT	26	A Gente que Lute
Fabiana	Serviço Social	Média	PSOL	21	A Gente que Lute
Jaqueline	Sociologia	Média Alta	PT	22	A Gente que Lute
Douglas	Engenharia Civil	Média Alta	Não Possui	23	Aliança pela Liberdade
Rita	Economia	Média Baixa	Não Possui	24	Aliança pela Liberdade
Lucélia	Ciência Política	Média Alta	Não Possui	26	Aliança pela Liberdade
Éverton	Ciência Política	Média Alta	Não Possui	25	Aliança pela Liberdade
Felipe <sup>53</sup>	Engenharia Automotiva	Média Alta	Não Possui	30	Aliança pela Liberdade

Fonte: Pesquisa.

### 3.1 Técnica de Pesquisa e Coleta de dados

No que se refere às técnicas de pesquisa e coleta de dados, a investigação utilizou de entrevistas narrativas. A decisão em utilizar entrevistas narrativas com um grupo de informantes previamente selecionados se deu por compreender que esse tipo de entrevista, assim como a etnografia, nos permite “falar com” os nossos objetos de estudo e, simultaneamente, captar e alcançar os pontos de vista dos(as) entrevistados(as). A técnica da entrevista narrativa possui,

<sup>52</sup> Esses são nomes fictícios escolhidos pela autora para garantir o anonimato dos entrevistados. Suas identidades serão mantidas em sigilo, conforme acordado com cada um dos interlocutores da pesquisa na assinatura do Termo de Livre Consentimento.

<sup>53</sup> Incluiu-se Felipe na pesquisa, pois como os grupos foram formados em 2019. Nesse período, Felipe possuía menos de 30 anos, sendo assim considerado jovem de acordo com Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013).

assim, como objetivo a obtenção de “uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos” (GASKELL, 2008, p. 65).

Por meio das entrevistas narrativas, coletou-se tanto o que motivou os(as) informantes da pesquisa a aderirem aos grupos ligados à disputa pelo DCE, quanto o que esses e essas jovens esperavam dos grupos. A opção por utilizar a entrevista narrativa deve-se ao entendimento de que a mesma é indicada para a captação de uma história de vida/uma trajetória individual. Além disso, essa técnica permite a coleta de informações sobre o que os jovens esperavam de seus grupos, como os avaliam, como percebem o movimento estudantil, entre outras informações sobre as suas percepções e avaliações acerca do fenômeno.

Desse modo, a entrevista narrativa é entendida como uma entrevista que tem como intenção “reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes, tão diretamente quanto possível” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008, p. 93). Para isso, a entrevista narrativa “tem em vista uma situação que encoraje e estimule um entrevistado [...] a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008, p. 93). Ademais, a entrevista narrativa possui uma estrutura baseada na interação entre narração e questionamento, fundada em quatro passos: inicia-se com um tópico abrangente para o qual, posteriormente, o entrevistado deve responder narrando a sua história (representativa de sua perspectiva sobre o acontecimento), após sua narração, tem início uma fase de questionamento sobre os aspectos de sua história e termina-se a entrevista com uma fase de conclusão (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008).

**Tabela 2 - Fases da Estrutura da Entrevista Narrativa**

<b>Estrutura Entrevista Narrativa</b>	
<b>Fases</b>	<b>Regras</b>
Preparação	Exploração do campo e construção das perguntas exmanentes <sup>54</sup>
Iniciação	Formulação do tópico inicial para narração

<sup>54</sup> As perguntas exmanentes são definidas, conforme Sandra Jovchelovitch e Martin Bauer (2008, p. 97), como “as questões que refletem os interesses do pesquisador, suas formulações e linguagem”. E são diferenciadas das perguntas imanentes que, ainda segundo Jovchelovitch e Bauer (2008, p. 97), se referem aos “temas, tópicos e relatos de acontecimentos que surgem durante a narração trazidos pelo informante”.

Narração Central	Não interromper, apenas encorajar a continuação da narração e esperar os sinais de finalização da narração.
Fase de Perguntas	Ir de perguntas exmanentes para imanentes, não discutir contradições, não dar opinião ou fazer perguntas sobre atitude, não fazer perguntas do tipo “por quê?.
Conclusão	Parar de gravar, pode fazer perguntas do tipo “por quê?”, anotações imediatas após entrevista.

Fonte: JOVCHELOVITCH, Sandra.; BAUER, Martin W. A entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George (Orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. – Petrópolis: Vozes, 2008. p. 97.

Dessa maneira, o roteiro guia da entrevista encontra-se dividido em 4 sessões: I) a primeira é caracterizada pela pergunta inicial, que diz respeito à indagação, feita aos jovens da pesquisa, acerca de como foi sua trajetória até o engajamento nos grupos políticos em que se encontravam inseridos(as); II) na segunda sessão, após a narração da trajetória dos jovens até a adesão no grupo político, recuperam-se dados sobre a socialização política familiar e escolar dos(as) informantes; III) na sequência, indaga-se sobre como foi a chegada do(a) jovem na universidade e quais expectativas que eles e elas tinham desse ambiente social; IV) e, por fim, faz-se indagações sobre a percepção dos(as) jovens em relação aos grupos políticos, suas filiações à eles e suas expectativas sobre o movimento estudantil.

Além dessas quatro sessões temáticas, que compõem o roteiro das entrevistas, foram realizadas, ao final, questões destinadas a captar o perfil do(a) jovem universitário(a). Por conseguinte, foram feitas perguntas quanto a idade, o curso, o semestre em que se encontrava o (a) informante, bem como indagações sobre religião, renda familiar, raça, sexo, estado civil, participação em outros grupos políticos e/ou partidários, região de residência entre outras interrogações voltadas aos seus perfis.

### 3.2 Análise de Dados

As entrevistas realizadas foram transcritas. Posteriormente, foi realizada a análise de conteúdo das emissões discursivas para se apreender como os(as) interlocutores da pesquisa qualificavam e justificavam sua decisão em aderir aos grupos do DCE e, também, como eles e elas qualificavam sua forma de engajamento e os grupos os quais faziam parte.

A escolha em utilizar a análise de conteúdo das emissões discursivas, como procedimento interpretativo, justifica-se por se entender que o discurso é uma prática social composta por duas faces imbricadas mutuamente de forma radical e complexa: uma face que diz respeito ao social (comunidade discursiva) e outra que concerne à linguagem (MAINGUENEAU, 1997). Tal compreensão percebe o discurso como produto de uma interdiscursividade constitutiva que implica dizer que “um discurso não nasce, como geralmente é pretendido, de algum retorno às próprias coisas, ao bom senso, etc., mas de um trabalho sobre outros discursos” (MAINGUENEAU, 1997, p. 120). Ou seja, a identidade discursiva se forma na relação com o outro e isso significa que um discurso não é o resultado somente de pretensões subjetivas ou atribuições exclusivas de um sujeito global, mas é fruto da localização de um indivíduo em um contexto social, em uma comunidade específica. Assim, “a enunciação não é uma cena ilusória onde seriam ditos conteúdos elaborados em outro lugar, mas um dispositivo constitutivo da construção do sentido e dos sujeitos que aí se reconhecem” (MAINGUENEAU, 1997, p. 50).

### **3.3 Considerações Éticas**

Todos(as) os(as) participantes da pesquisa receberam um Termo de Livre Consentimento de sua participação, bem como foram informados sobre os objetivos da pesquisa. Outrossim, alterou-se seus nomes para resguardar o sigilo de suas identidades.

## **4 PERFIL GERAL DOS INTERLOCUTORES**

### **4.1 Conjunto Geral dos Interlocutores**

O conjunto geral dos interlocutores da pesquisa corresponde a um total de 12 jovens, sendo composto por 5 mulheres e 7 homens. Desses, 8 declararam-se brancos e 4 negros (incluindo nessa categoria pessoas declaradas pretas e pardas). Do grupo total de entrevistados, ademais, a grande maioria manifestou estar solteiro, com apenas um caso referente a união estável. Para mais, 8 disseram não possuir religião e 4 disseram que possuíam (as religiões mencionadas foram católica romana, católica e cristão).

Adicionalmente, os (as) jovens expressaram residir nas seguintes Regiões Administrativas (RAs) do Distrito Federal (DF): Taguatinga (2 casos); Samambaia; Gama (2 casos); Plano Piloto (4 casos); Park Way; Guará; Jardim Botânico. Conforme os dados recolhidos das entrevistas, também foi observado que os (as) jovens estão/estavam matriculados

nos seguintes cursos da UnB: Sociologia Bacharelado; Licenciatura em Ciências Sociais; Sociologia Licenciatura; Serviço Social; História; Ciências Contábeis; Direito; Engenharia Automotiva; Ciência Política (2 casos); Engenharia Civil; Economia. Desse modo, apreende-se que a pesquisa alcançou jovens das seguintes grandes áreas do saber: Ciências Humanas (4 casos); Ciências Sociais Aplicadas (6 casos); Engenharias (2 casos).

Em relação ao tipo de escola em que cursaram o ensino fundamental, 8 jovens relataram que frequentaram instituições privadas e 4 frequentaram escolas públicas. No que diz respeito ao ensino médio, foi relatado que 8 o cursaram em colégios privados e 5 em colégios públicos (um jovem relatou que, durante o ensino médio, estudou tanto em uma escola privada como em uma pública).

Com relação as formas de ingresso na UnB, 5 entraram pelo Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), 1 por transferência facultativa, 3 pelo vestibular tradicional e 3 através do PAS. Sendo que 8 entraram por meio do sistema de ampla concorrência e 4 por meio do sistema de cotas.

Quanto a filiação partidária, 5 entrevistados não possuem filiação partidária e 7 a possuem. Foram citadas a filiação aos seguintes partidos: Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), sendo 5 interlocutores vinculados ao primeiro e 2 ligados ao último. Além disso, 3 jovens filiaram-se antes da entrada na universidade e 4 se filiaram após o ingresso na UnB.

Por fim, do conjunto dos informantes, 7 moram com os pais, 3 moram sozinhos, 1 mora de aluguel e 1 reside com a esposa/namorada. Além disso, 9 admitiram que trabalham, 1 é bolsista e 2 não trabalham.

## **4.2 Perfil Jovens da Aliança pela Liberdade**

Com respeito, especificamente, ao grupo de jovens associados à *Aliança pela Liberdade*, foram realizadas 5 entrevistas, sendo que 2 foram com mulheres e 3 com homens. Desses, 3 se declararam brancos e 2 declararam-se negros (incluindo nessa categoria pessoas declaradas pretas e pardas). Todos admitiram estar solteiros. Outrossim, 2 proferiram não ter religião e 3 disseram seguir uma religião (dentre as elencadas estão: católica romana, católica e cristão).

O grupo de jovens da *Aliança pela Liberdade* comunicaram habitar as seguinte RAs: Guarará; Plano Piloto (2 casos); Jardim Botânico e Taguatinga. Bem como, informaram ter realizado os cursos: Engenharia Automotiva; Engenharia Civil; Ciência Política (2 casos) e

Economia. Assim, conformam estudantes das áreas das Ciências Sociais Aplicadas (3 casos) e das Engenharias (2 casos).

No tocante à onde realizaram seu ensino fundamental, 4 falaram ter cursado em escolas privadas e 1 expressiu ter feito em colégio público. Quanto ao ensino médio, novamente 4 estudaram em instituições particulares e 1 em pública. Sobre a entrada na universidade, 2 deles entram pelo Enem, 2 pelo vestibular tradicional e 1 por meio de transferência facultativa. Sendo que 4 adentraram através do sistema de ampla concorrência e 1 pelo sistema de cotas.

Todos não possuem filiação partidária e todos trabalham. Além disso, 3 moram com os pais, 1 reside sozinho e outro mora de aluguel. Além disso, alguns relataram que participaram de outros grupos associativos, além da *Aliança pela Liberdade*, sendo citados: o LIVRES (2 casos), o *Ladies of Liberty Alliance* (LOLA), Movimento Empresa Júnior e União da Juventude Livre (UJL). Em relação aos dois primeiros grupos associativos citados, os jovens entrevistados falaram que os conheceram através da participação na *Aliança pela Liberdade*.

### **4.3 Perfil Jovens da A Gente que Lute**

O grupo de jovens entrevistados da *A Gente que Lute* compreende 7 jovens, dentre eles 3 mulheres e 4 homens. Desses, 2 declararam-se negros e 5 brancos. Ademais, segundo as informações fornecidas, 6 relataram estar solteiros e 1 afirmou estar em união estável. Seis deles falaram não ter religião e 1 se identificou como católico.

Os jovens exprimiram habitar nas seguintes RAs: Taguatinga, Samambaia, Gama (2 casos), Plano Piloto (2 casos) e Park Way. Além disso, informaram estar matriculados nos seguintes cursos: Sociologia Bacharelado; Licenciatura em Ciências Sociais; Sociologia Licenciatura, Serviço Social, História, Ciências Contábeis e Direito. Logo, o conjunto de jovens da *A Gente que Lute* contempla alunos das áreas das Ciências Humanas (4 casos) e Ciências Sociais Aplicadas (3 casos).

Em relação ao tipo de escola que frequentaram no ensino fundamental, 3 comunicaram terem cursado em escolas públicas e 4 em instituições privadas. Com relação ao ensino médio, 4 afirmaram ter estudado em colégios públicos e 4 em privados (um jovem relatou ter estudado tanto em escola privada quanto pública durante esse período).

No que concerne ao ingresso na UnB, 3 jovens entraram pelo Enem, 3 pelo PAS e 1 por meio do vestibular tradicional. Sendo que, 4 adentraram pelo sistema da ampla concorrência e 3 pelo sistema de cotas. Adicionalmente, 4 informantes disseram que moram com os pais, 2 moram sozinhos e um reside com esposa/namorada. Outrossim, 4 trabalham, 1 é bolsista e 2 não trabalham.

Todos são filiados a partidos políticos, sendo eles o PT (5 casos) e o PSOL (2 casos). Aliás, 3 se filiaram antes de entrarem na universidade e 4 se associaram após o ingresso na universidade. Eles também contaram que participam de outros grupos associativos, além do grupo *A Gente que Lute*, são eles: Juventude e Revolução do PT (JR), Corrente *O Trabalho* do PT, União Nacional dos Estudantes (UNE), Movimento Kizomba, Movimento Negro Unificado (MNU), Marcha Mundial de Mulheres, Democracia Socialista (DS) (tendência interna do PT), Coletivo Juntos e Coletivo feminista Juntas.

## 5 AS MOTIVAÇÕES

Chegamos, enfim, ao universo empírico das motivações dos jovens para a participação na política institucional da UnB. Nesta seção, vamos nos concentrar nas experiências subjetivas de cada um(a) dos(as) entrevistados(as) com o intuito de apreender o que, dentro de seus contextos de ação, os levaram a decidir se engajar em grupos políticos que disputaram a representação do DCE em 2019. Portanto, o foco estará em suas vivências e narrativas sobre suas trajetórias até a entrada nos agrupamentos: *Aliança pela Liberdade* ou *A Gente que Lute*.

Para tanto, iniciamos analisando as trajetórias dos (as) jovens que integraram a organização política *Aliança pela Liberdade*. Posteriormente, nos deteremos sobre os participantes da *A Gente que Lute*.

### 5.1 Os jovens da Aliança pela Liberdade

O conjunto dos jovens da *A Aliança pela Liberdade* corresponde a 5 pessoas e abaixo está o perfil deles.

**Tabela 3 - Perfil Jovens da Aliança pela Liberdade**

Nome	Curso	Classe	Partido	Idade	Grupo
Douglas	Engenharia Civil	Média Alta	Não Possui	23	Aliança pela Liberdade
Rita	Economia	Média Baixa	Não Possui	24	Aliança pela Liberdade
Lucélia	Ciência Política	Média Alta	Não Possui	26	Aliança pela Liberdade

Éverton	Ciência Política	Média Alta	Não Possui	25	Aliança pela Liberdade
Felipe	Engenharia Automotiva	Média Alta	Não Possui	30	Aliança pela Liberdade

Fonte: Pesquisa.

### 5.1.1 As dinâmicas familiares e seu impacto na socialização política

Os (as) interlocutores (as) relataram pertencer, em sua maioria, a famílias de classe média alta. Com exceção de Rita, que informou pertencer à classe média baixa. Na configuração familiar dos participantes, grande parte dos pais possui ensino superior ou médio completo, sendo que somente em um caso um dos pais apresentava ensino fundamental incompleto. A maioria dos pais exercia ou exerce atividades remuneradas<sup>55</sup>, mas, em um caso específico, a mãe dedicava-se exclusivamente às atividades de cuidado e manutenção do lar.

No que se refere ao impacto das relações familiares sob a subjetivação política dos (as) jovens entrevistados (as), a maior parte deles e delas afirmaram que suas famílias tiveram influência em seu gosto e interesse por assuntos políticos ou, pelo menos, possibilitaram acesso ao debate de questões políticas. Entretanto, todos frisaram que seus envolvimento na *Aliança pela Liberdade* não decorreram de influências familiares diretas, mas de suas próprias experiências e juízos particulares. Além disso, apreende-se das entrevistas que a discussão política com familiares variou em níveis de intensidade com o passar do tempo e foram afetadas por mudanças de conjunturas contextuais.

Pesquisadora: Sua família costuma debater sobre política?

“Não muito. É... eu e minha irmã, a gente, têm opiniões mais convergentes, assim... questão de defesa de democracia e tal. Minha mãe não gosta muito de falar de política... e o meu pai é mais bolsonarista, então, assim, é uma coisa que acaba criando... uma certa divergência familiar, então a gente nem costuma entrar no tema. Converso mais com a minha irmã, que tá na faculdade também. Mas, com os meus pais não. (Éverton, 25 anos, Aliança pela Liberdade).”

“Eu acho que é mais num... num pretérito. Eu costumava debater bastante com o meu pai é... sempre foi um assunto que a gente gostou. Eu sempre gostei de falar de política. Ele também sempre trabalhou com política. Hoje em dia, é um assunto que eu não consigo conversar com ele nesse mundo polarizado como a gente tem hoje. É... eu não consigo conversar com ele, mas sempre foi algo é..., até 2018, um assunto que... é... eu gostava muito de compartilhar com ele. (Felipe, 30 anos, Aliança pela Liberdade).”

<sup>55</sup> Durante a entrevista com um dos informantes, foi explicado que sua mãe estava desempregada naquele momento específico, embora ela tivesse trabalhado anteriormente em uma atividade remunerada.

“Desde, mais ou menos, 2017 para 2018 que foi quando começou a ter mais debates políticos aqui em casa. (Douglas, 23 anos, Aliança pela Liberdade).”

“É... há um tempo atrás não. Até um tempo atrás não muito, assim, não é uma coisa que eu tive ali desde a infância até hoje não. [...] passou a acontecer, principalmente, depois... é... do governo Bolsonaro que o debate político ficou muito mais inflamado, né?, e ficou muito mais espalhado. Então, as pessoas começaram a discutir mais e aí passou, dentro da família, a ter mais essa discussão. Mas, não era uma coisa que vinha... desde a infância não. (Rita, 24 anos, Aliança pela Liberdade).”

O relato de Rita ostenta um diferencial, em comparação com os dos demais informantes, no que toca ao modo como sua relação familiar afeta sua subjetividade política. Pois, em sua vivência, ela realçou que não teve muita discussão política com os pais desde a infância e que foi somente com as relações tecidas em seu percurso escolar que ela começou a debater matérias políticas e gostar disso. Porém, após ingressar na *Aliança pela Liberdade*, ela disse que a postura de sua família influenciou seu comportamento político no que diz respeito a promover um incentivo a se manter atuante no grupo, devido a um sentimento de decepção. O último fundamentado em sua não compreensão de como seus pais, mesmo experienciando uma realidade de dificuldades, não tomam nenhuma atitude para mudá-la.

Pesquisadora: Você sente que essa postura da sua família teve alguma influência no seu envolvimento no grupo?

“Eu acho que... influenciou a me manter, porque eu sempre tentava levar o debate pra dentro de casa e não conseguia manter, né? Exatamente, por essa ausência de..., sei lá, o pessoal não tinha muita vontade de debater isso, não tinha muita curiosidade, nem... nem nada. E aí isso me motivou a me manter em grupos e envolvimento políticos. É..., exatamente, por causa da..., meio que, ... da decepção, assim, né? De ver pessoas que... que tão ali no dia-a-dia, tão passando por tudo que a gente passa, tão vendo as mesmas coisas e não reagem, não fazem muita coisa pra mudar nada. E aí foi o que me motivou a me manter, mas, de início, a me envolver, exatamente, acredito que não. (Rita, 24 anos, Aliança pela Liberdade).”

O exemplo da história de Rita propicia a visualização de como os atores sociais reorganizam e reconstituem suas interpretações sobre as suas ações/attitudes e posturas a medida que respondem a “mudanças interrelacionadas que ocorrem ao longo dos vários contextos situacionais nos quais os seres humanos estão inseridos.” (EMIRBAYER; MISCHÉ, 1998, p. 968, tradução nossa)<sup>56</sup>.

Ademais, as narrativas de Lucélia e Éverton ressaltam outro aspecto interessante quanto a formação de determinadas articulações. Especialmente, o concernente aquilo que Dewey (1997) denomina de princípio da interação da experiência. Ou seja, a sensibilidade de notar como os diferentes elementos que compõem um ambiente afetam a qualidade final das

---

<sup>56</sup> Tradução de: “[...] and in the interrelated changes occurring throughout the various situational contexts within which human beings are embedded.” (EMIRBAYER; MISCHÉ, 1998, p. 968).

experiências (DEWEY, 1997). Nesse sentido, Lucélia e Éverton contaram como ter familiares que trabalham/trabalhavam diretamente com política os inspiraram na definição daquilo com o que queriam trabalhar.

Pesquisadora: Você sente que essa postura da sua família teve alguma influência na sua postura política e no seu envolvimento na *Aliança*?

“[...] meu pai sempre gostou muito de política e... eu acho que passei a gostar muito de política por causa do meu pai assim. Não só meu pai, mas meu tio [também]. Tinha tios que trabalhavam na Câmara, no Senado. É... um, especificamente, trabalhava no Senado, era chefe de gabinete, então eu lembro de quando era criança ia pro Senado e ficava correndo ali, gostava de ficar, assim, perto dele e tal. Então acho que isso me influenciou um pouco [...] um querer fazer Ciência Política. (Éverton, 25 anos, Aliança pela Liberdade).”

Pesquisadora: Sua família costuma debater sobre política?

“O tempo todo insuportavelmente. [...] Os dois [mãe e pai] trabalham com direito público. Eu assisto os julgamentos do Supremo<sup>57</sup> desde os meus seis anos de idade. [...] Eu sempre gostei muito dos ministros do Supremo, eu sempre assisti, né? Não que eu gosto das figuras dos ministros do Supremo, até [porque], nesse momento, está complicado, mas eu sempre gostei muito da discussão. [...] Eu falava ‘cara, é isso que eu quero pra minha vida’. Eu não gosto da carreira política em si, então me candidatar, receber votos, assim, ... não almejo um cargo desse. Mas, um cargo de, digamos, indicação, ministério... ministério como ministra do Supremo, eram coisas que me encantavam muito. (Lucélia, 26 anos, Aliança pela Liberdade).”

Cumpra ainda comunicar, com relação a esse tópico, que, aparte o pai de Lucélia que é filiado ao PSOL, os pais dos demais jovens não possuem filiação partidária. No que tange a outros tipos de envolvimento associativo, foram elencadas vinculações dos pais com sindicatos e associações profissionais (caso de Lucélia e Felipe), uma escola de samba (caso de Éverton) e uma rápida participação em grupos de discussão política em redes sociais (caso de Douglas).

Para terminar, excetuando o relatado por Éverton e Felipe de que, respectivamente, suas famílias não reclamaram nem se importaram com sua participação na *Aliança pela Liberdade* ou gostaram de seu engajamento ao grupo, todos os outros afirmaram que seus pais não gostavam de suas adesões ao agrupamento político. Isso se devia a questões relativas à exposição pública, ao tempo e à demanda exigidos dos jovens pela organização política, além da conexão do grupo com a politicagem<sup>58</sup>.

Pesquisadora: Como a sua família vê/via sua participação no grupo *Aliança pela Liberdade*?

“De início, foi um pouco difícil. O pessoal não gostou muito. É..., principalmente, coisa de pai, também, né? Dos pais tipo: ‘Ah! Tá na universidade pra estudar, não tem que se envolver com esse tipo de coisa. Isso daí é assunto pra outra

<sup>57</sup> Referente ao Supremo Tribunal Federal.

<sup>58</sup> Segundo o dicionário on-line Priberam, “Politicagem” é um termo pejorativo e admite duas acepções: 1. Modo de fazer política que visa garantir interesses particulares; 2. Conjunto de políticos que se comportam da forma da primeira definição. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/politicagem>. Acesso em: 26 fev. 2023.

hora'. É..., então, foi bem difícil. Qualquer coisa que tinha a respeito da Aliança... é... reclamavam porque tomava muito o meu tempo. [Porque], às vezes, eu tinha que sair de casa no final de semana ou não participar de alguma reunião de família, porque tinha alguma reunião da Aliança ou alguma assembleia ou alguma coisa do tipo. Mas, com o tempo, eles foram aceitando. Mas, não que eles achem, exatamente, bom hoje em dia, eles aceitam melhor a ideia. (Rita, 24 anos, Aliança pela Liberdade).”

“Os meus pais foram os últimos a saber. A minha mãe tinha horror. Os meus pais não queriam, principalmente, pela exposição que isso causa. (Lucélia, 26 anos, Aliança pela Liberdade).”

“Assim... é..., sinceramente, eles não gostaram muito (risos). É... meus pais, eles sempre que eu falo alguma coisa... desde que eu entrei no CA<sup>59</sup>, na verdade, eles já não gostavam muito de eu fazer parte do CA. Porque eles achavam que era coisa de politicagem, sei lá o que, blá-blá-blá. É..., então, assim, eu até evito, um pouco, conversar sobre isso aqui em casa, porque eles não gostam muito e eles me desencorajam a participar (risos). (Douglas, 23 anos, Aliança pela Liberdade).”

### 5.1.2 As trajetórias até o ingresso no grupo

Passemos, agora, à análise da trajetória de cada um (a) dos (as) informantes da presente investigação acerca de como se desenrolou o início de sua participação em grupos políticos e/ou na *Aliança pela Liberdade*, bem como o que motivou sua iniciativa de adesão nesses coletivos políticos. Para tal fim, utiliza-se, no olhar sob essas experiências, principalmente, o conceito de agência e sua tríade de acordes produzido por Emirbayer e Mische (1998).

Conforme o mencionado no primeiro capítulo, Emirbayer e Mische (1998) concebem a agência como um processo que abrange três dimensões distintas, no entanto interconectadas, sendo: uma informada pelo passado; outra orientada para o futuro; e mais uma voltada ao presente. Os autores nomeiam essas dimensões, respectivamente, de elemento iterativo, projetivo e prático-avaliativo. Adicionalmente, eles declaram que esses três elementos funcionam, na estrutura da agência, como tons que ressoam de determinado modo e nem sempre de maneira harmoniosa (EMIRBAYER; MISCHÉ, 1998).

Esses tons, por sua vez, podem alterar-se de acordo com mudanças nas situações e ambientes com os quais os atores sociais se deparam, pois eles também se firmam a partir de certos subtons. Daí a ideia de “acordes” (EMIRBAYER; MISCHÉ, 1998). A partir disso, o elemento iterativo, para eles, constitui-se internamente com base na relação de três processos, a saber: atenção seletiva, reconhecimento de tipos e localização categórica. Por seu turno, o componente projetivo assenta-se em um processo retrospectivo-prospectivo, resultante da conexão de três operações: construção narrativa, recomposição simbólica e resolução hipotética. E, por fim, o tom prático-avaliativo fundamenta-se na caracterização de uma dada

---

<sup>59</sup> Sigla referente à abreviação de Centro Acadêmico.

situação e, para isso, se alicerça na interrelação entre: problematização, decisão e execução. (EMIRBAYER; MISCHÉ, 1998).

Tal caracterização da agência e seus elementos constitutivos nos ajuda na análise das narrativas recolhidas em torno da trajetória de vida dos jovens até a participação em grupos políticos. Pois, com seu suporte, é “possível falar de ação mais (ou menos) engajada com o passado, mais (ou menos) voltada para o futuro e mais (ou menos) responsiva ao presente.” (EMIRBAYER; MISCHÉ, 1998, p. 972, tradução nossa)<sup>60</sup>.

### 5.1.2.1 Rita

Baseado no relato de Rita a respeito de como se sucedeu a sua entrada no grupo *Aliança pela Liberdade* e o que a motivou, pode-se inferir que ele adveio da ideia de representação discente, mais precisamente, do que seria uma boa representação discente. A análise do processo de engajamento de Rita ofereceu pistas sobre como ela se concentrou na questão da representação estudantil, ao observarmos um certo destaque aos elementos iterativo e prático-avaliativo de sua ação.

Como mencionado anteriormente, Rita não teve, desde sua infância, muito contato com discussões políticas no âmbito familiar. Logo, no que se refere a sua subjetivação política, percebemos uma maior influência das experiências tecidas no seu ambiente escolar. Afinal, como ela mesma nos contou, seu primeiro envolvimento com grupos associativos de representação deu-se com sua participação no grêmio estudantil de seu colégio.

Pesquisadora: Durante o seu período escolar, você se envolveu em algum grupo de representação ou algum grupo político?

“É... grupo político não, mas... eu fiz parte do grêmio estudantil. Se eu não me engano, eu tava no ensino médio, acho que foi ali no primeiro ano ali do ensino médio. Fiz parte do grêmio estudantil e, fora isso, só de representação de classe, assim, mesmo. Representante pra ir nas reuniões e tal. Mas, nada político mesmo não. Só de representação mesmo. (Rita, 24 anos, Aliança pela Liberdade)”.

Pesquisadora: Nesse período, você já costumava debater sobre política?

“Já. Nessa época, ali, quando eu tava no grêmio, costumava debater sim. Mas... era uma coisa mais... é..., como é que se diz, ... uma coisa mais informal. Assim, que cê fala, conversa com os amigos, pergunta opinião pra professora e tal. Mas..., desde essa época, eu gostei de debater muito tanto é que a maior parte dos meus intervalos, ali na escola, era nos banquinhos conversando com os professores sobre isso. (Rita, 24 anos, Aliança pela Liberdade).”.

---

<sup>60</sup> Tradução de: “It is possible to speak of action that is more (or less) engaged with the past, more (or less) directed toward the future, and more (or less) responsive to the present. (EMIRBAYER; MISCHÉ, 1998, p. 972).

Ao chegar na universidade, podemos perceber que Rita esperava encontrar, nesse meio, conhecimento e convívio com a pluralidade (de pessoas e de ideias). Além disso, ao passar a experimentar a universidade, ela desejava poder aproveitar tudo o que essa instituição pudesse oferecer.

Pesquisadora: O que a universidade representa para você?

“Cara, a universidade representa muita coisa (risos). É... conhecimento, diversidade, pluralidade de ideias, pluralidade de pessoas. É..., inclusive, uma das coisas que eu mais gosto da UnB é toda essa diversidade que tem de poder conhecer gente de todos os lugares, de todas as formas possíveis. E..., então, assim, eu acho que, se fosse pra ser uma palavra, duas palavras, seria conhecimento e pluralidade. (Rita, 24 anos, Aliança pela Liberdade).”

Pesquisadora: O que você espera da universidade?

“O que eu espero da universidade, na verdade, é poder aproveitar tudo que ela oferece pra gente. É... de todas as formas possíveis. Assim, depois que eu entrei na UnB, a minha percepção sobre a universidade mudou muito. É... eu percebi que tem uma gama de possibilidades pra tudo. Então, assim, o que eu espero é que ela proporcione tudo que ela pode proporcionar e que a gente possa... aproveitar tudo da mesma forma. (Rita, 24 anos, Aliança pela Liberdade).”

Segundo o narrado por Rita, ela se aproximou do grupo *Aliança pela Liberdade* logo no seu primeiro semestre universitário, devido ao fato de que, assim que ingressou na universidade, encontrou um contexto em que havia eleições para a representação do DCE. Dada essa situação específica, Rita demonstrou interesse em conhecer os grupos que disputavam o pleito e se aproximou mais do pessoal da *Aliança pela Liberdade* pela proximidade do grupo com estudantes de seu curso. Posteriormente, impulsionada pelo seu gosto pela política, ela passou a acompanhar as deliberações realizadas nos conselhos superiores <sup>61</sup>da UnB. Para ela, essa era uma forma de se manter informada sobre o que acontecia na universidade. Esse último ponto também revela a crítica de Rita à realidade a qual ela se deparou nesse espaço universitário. Porque, além de acompanhar as reuniões dos conselhos superiores para permanecer atualizada, essa atitude se efetuiu, também, por causa, de acordo com ela, de uma representatividade ausente. Descrita como: “quando eu digo representação ausente, é exatamente isso, tipo, não tinha. Não tinha ninguém pra perguntar o que aconteceu em tal conselho, caso eu não fosse. O

---

<sup>61</sup> Os conselhos superiores são instâncias administrativas constituídas por representantes da administração, professores, estudantes e servidores técnico-administrativos. Eles estabelecem as diretrizes da Universidade e supervisionam a execução das atividades, exercendo funções deliberativas, normativas e consultivas. Além disso, cabe a eles a análise de propostas e planos para garantir a eficiência e efetividade das ações institucionais, bem como possuem a responsabilidade de coordenar e integrar as atividades dos departamentos, cursos, pesquisa e projetos especiais. Informações retiradas de, e disponíveis em, UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Conselhos e Câmaras**. Brasília, DF: UnB, [2023]. Disponível em: <https://unb.br/administrativo/conselhos-e-camaras>. Acesso em: 15 mar. 2023.

que debateram? O que foi aprovado? O que não foi aprovado?” (Rita, 24 anos, Aliança pela Liberdade).

Isso representou para Rita uma das causas que influenciaram sua motivação para entrar na *Aliança pela Liberdade*. Sua adesão formal, contudo, decorreu do convite de uma amiga em função dela estar sempre envolvida nos encaminhamentos dos conselhos superiores e reuniões da *Aliança*.

Pesquisadora: Eu gostaria que você me falasse um pouco da sua trajetória até o momento em que você começou a participar de grupos políticos ou chegou na *Aliança*

“Assim que eu entrei, já tava tendo campanha pra DCE. A partir daí, eu conheci algumas chapas, as que tavam concorrendo, e algumas pessoas do movimento estudantil. É..., dentre essas pessoas, me aproximei mais do pessoal da *Aliança*. Até porque, na época, é... eu faço economia, então, no curso de economia tinha muita gente da *Aliança* e sempre foi um curso que... apoiou ali, né? A *Aliança* historicamente na UnB. É... então, rolou essa proximidade, primeiro, por ter essa facilidade de conhecer por causa disso. Mas, conversei com várias pessoas das outras chapas, dos outros vieses ideológicos. A *Aliança* perdeu essa eleição. [...] Aí chegou na próxima eleição, eu tava... sempre acompanhei tudo, acompanhei CEB<sup>62</sup>, conselho superior, mas nunca, de fato, dentro do grupo. E aí chegaram, o pessoal chegou passando a lista de apoiadores e, na hora que eu ia assinar, uma amiga minha virou pra mim e falou ‘Ah, mas o que você acha se, ao invés de assinar como apoiadora, você num assina como integrante do grupo’. Aí, a partir daí, eu entrei na *Aliança*. (Rita, 24 anos, Aliança pela Liberdade).”

Ao analisarmos a trajetória de Rita, podemos perceber que o seu interesse na representação discente e no movimento estudantil não foi algo inato. Ao examinar sua história, é possível observar como sua experiência no grêmio estudantil do colégio pode ter contribuído para a sua atenção às instâncias decisórias e consultivas da instituição de ensino, bem como para sua vontade de entender como os estudantes interagem, entre si e com elas, nesse novo ambiente que é a UnB. Em outras palavras, essa vivência anterior pode ter sido um estímulo para o seu “querer estar atualizada” sobre os assuntos universitários. Além disso, ao se deparar com uma situação de eleição para o espaço institucional de representação discente da UnB fez-se o ressoar dessa articulação fomentada pela experiência anterior. Como se pode constatar na parte da entrevista destacada abaixo:

“O que me motivava [a ingressar na *Aliança*] era exatamente isso, a proximidade com tudo que acontecia dentro da universidade em todas as instâncias e a necessidade de mudar, de facilitar a vida do estudante, principalmente, porque eu sou uma dessas pessoas que veio de escola pública, que estudou em escola pública a vida toda, que usa transporte público e precisa caminhar de um lado pro outro da universidade o tempo inteiro com aulas longe, [e] que demora muito pra chegar de casa na universidade. Então, tudo que eu podia me envolver pra tentar gerar alguma

---

<sup>62</sup> CEB é a sigla adotada para “Conselho de Entidades de Base”. Instância deliberativa imediatamente inferior à Assembleia Geral, composta pelos representantes dos Centros Acadêmicos (CAs) e pela Diretoria do DCE-UnB.

mudança nisso pra próximas pessoas, que viesse dessa mesma situação, ter, pelo menos, um pouquinho mais de facilidade do que eu tive é... já era um avanço pra mim. Então, foi uma das principais motivações. (Rita, 24 anos, Aliança pela Liberdade).”.

Rita teve, também, sua motivação para participar da *Aliança pela Liberdade* afetada por outros fatores, resultantes da frustração advinda da quebra de algumas de suas expectativas em relação ao que esperava encontrar na universidade. Entre esses fatores, ela destacou a falta de estrutura e, principalmente, a falta de abertura com os professores, em razão do temor de ser alvo de grosserias, o que podemos interpretar como uma falta de tato de alguns docentes.

Pesquisadora: A realidade que você encontrou na UnB, te frustrou em algum aspecto?

“Sim. Em alguns aspectos na verdade (risos). [...] para citar algumas, seria... acho que, de certa forma, uma falta de estrutura pra atender alguns tipos de necessidades como transporte. Mas, o principal mesmo foi a forma que grande parte dos docentes lidam com os alunos, né? Uma das minhas maiores frustrações, foi não ter certo tipo de abertura com o professor. Houve tanto comigo, quanto com os meus amigos, algum tipo de receio, por exemplo, na hora de fazer alguma pergunta. Porque, às vezes, o professor não sabe reagir direito ao aluno e acaba sendo grosso ou, então, professor que não sabe lidar mesmo com aluno, que não teve a instrução necessária ou, pelo menos, não quis ter pra lidar com pessoas ali no dia-a-dia. [...] E isso rola bastante dentro da economia, principalmente, porque a gente pega muita matéria da matemática, algumas mais voltadas pra galera da engenharia. (Rita, 24 anos, Aliança pela Liberdade).”.

Neste ponto, é possível perceber novamente como as experiências passadas influenciam a maneira como interpretamos o presente. Rita, que costumava passar a maior parte dos intervalos na escola conversando com professores, agora teme abordar alguns docentes no ambiente universitário. Adicionalmente, assim como destacado por Rita em sua fala, essa questão acerca do relacionamento professor-aluno realmente parece impactar de forma intensa o alunato dos cursos da área das engenharias. Em um documento intitulado “*Carta de princípios – sinal amarelo*”<sup>63</sup> (apoiado pelos centros acadêmicos de engenharia elétrica, engenharia de redes de comunicação, engenharia mecatrônica, engenharia mecânica, engenharia civil, engenharia ambiental, engenharia de produção e pela Aliança pela Liberdade) objetiva repactuar a relação-professor através da eliminação da cultura do silêncio e indiferença e instauração da cultura do respeito e responsabilidade, bem como denuncia os comportamentos crônicos gerados por essa cultura do silêncio e da indiferença.

Além das motivações acima descritas, Rita justificou sua opção em se associar, especificamente, à *Aliança pela Liberdade* por causa da compatibilidade ideológica com

---

<sup>63</sup> Este documento encontra-se disponível para “download” no perfil do *Instagram* do grupo Aliança pela Liberdade.

relação à sua visão de mundo e pela sua observação da força de vontade dos membros do grupo em buscar promover mudanças que facilitassem a vida dos estudantes na universidade, o que é, para ela, o papel central do DCE.

Pesquisadora: O que te levou a procurar entrar na *Aliança*?

“É... são várias coisas. A compatibilidade ideológica, obviamente, porque precisa ter pra tá num grupo assim. É, mas, para além disso, eu percebi na *Aliança* um grupo que tá disposto a ampliar os debates. É... sempre foi um pessoal muito disposto a ouvir. A minha visão, de quando eu tava fora, sempre foi [de] um pessoal muito disposto a ouvir que tem sim as suas ideologias, mas dentro do viés liberal, ali, que é a *Aliança*, existem muitas outras ideologias por trás, tem uma ramificação muito grande. E eu gostei dessa diversificação de pensamento dentro do grupo. E, também, a força de vontade que eu via no pessoal de gerar algum impacto na universidade de forma a facilitar a vida do estudante. [...] esse objetivo de mostrar pros alunos que a UnB é a nossa casa. (Rita, 24 anos, *Aliança pela Liberdade*).”

### 5.1.2.2 Éverton

Diferentemente de Rita, Éverton, conforme os dados obtidos em sua entrevista, teve o seu primeiro contato com o movimento estudantil e os grupos políticos associativos somente após o seu ingresso na UnB. Sua participação, portanto, na *Aliança pela Liberdade* foi a sua primeira experiência em grupos desse tipo. Pode-se inferir, através do exame do processo de engajamento de Éverton, que ele se sucedeu em virtude do seu desejo em aproveitar todas as oportunidades e experiências que o espaço da universidade lhe proporcionava. Assim como, segundo ele, devido a sensação de não se encaixar entre as pessoas do seu curso, o que o levou a procurar entender suas crenças políticas e descobrir se outras pessoas pensavam de um jeito próximo ao seu.

Dessa maneira, Éverton comunicou que, durante seu período escolar, não integrou nenhum grupo de representação, nem grupos políticos. Apesar disso, ele informou que foi um dos líderes de uma greve estudantil ocorrida em sua escola e, em 2013, participou de manifestações em frente ao Congresso junto com amigos do colégio. Todavia, a sua trajetória até a entrada na UnB possui um grande peso no seu percurso até a *Aliança pela Liberdade*, visto que a sensação de uma entrada tardia, instigou-lhe o desejo de aproveitar a UnB em todas as suas formas.

Éverton contou que seu ingresso na UnB foi tardio, já que ele conclui o ensino médio em 2014, porém só entrou na Universidade de Brasília, em 2018. Nesse meio tempo, ele disse que estudou em uma universidade particular, embora sempre tivesse o desejo de estudar na UnB. Ele destacou a universidade como uma grande conquista pessoal e ressaltou as diversas oportunidades que ela oferece para o seu amadurecimento profissional e pessoal. No entanto,

também mencionou as dificuldades de equilibrar as demandas da universidade e do trabalho, o que lhe impôs uma rotina um pouco regrada em sua experiência nesse ambiente.

Ele explicou, que esperava, com a sua entrada na UnB, realizar várias experiências, como ele mesmo diz: “eu queria ter uma experiência tipo assim de imersão mesmo da universidade” (Éverton, 25 anos, Aliança pela Liberdade). Em outro momento da entrevista, ele deixou transparecer que um dos incentivos para viver essa imersão seria um sentimento de recuperar o atraso de seu ingresso tardio nessa universidade. Note: “eu sempre fui o tipo de pessoa que queria pegar tudo da faculdade, aproveitar todas as coisas e tipo... poxa já entrei mais tarde na faculdade, então queria realmente viver tudo assim.” (Éverton, 25 anos, Aliança pela Liberdade). Sua percepção sobre a universidade e sobre sua trajetória prévia à admissão na UnB influenciaram, assim, o modo como ele se portou na vivência desse espaço. Então, ele fez parte da empresa júnior de seu curso, fez extensão universitária, começou a fazer pesquisa e participou da *Aliança pela Liberdade*.

Em relação à sua adesão à *Aliança pela liberdade*, Éverton relatou que, embora conhecesse o grupo e algumas pessoas que o integravam desde antes de sua entrada na UnB, ela se efetuiu, de fato, por meio de um convite de uma amiga de curso um tempo depois de sua entrada na universidade. Além disso, ele especificou que já possuía interesse em fazer parte do grupo, devido a vontade de ter uma experiência de campanha e achar que o grupo tinha muito a contribuir para UnB. Outrossim, em um momento posterior, ele expôs que esperava, com sua associação à *Aliança pela Liberdade*, entender-se politicamente e encontrar pessoas com um tipo de pensamento mais próximo ao seu.

Pesquisadora: O que te levou a procurar entrar na *Aliança*?

“Eu queria muito ter essa experiência, assim, de campanha, ver como é panfletar, falar nas salas e tal. É, então, foi muito por isso. [...] E porque achava que a *Aliança* tinha muito que contribuir para universidade. (Éverton, 25 anos, Aliança pela Liberdade).”

Pesquisadora: O que você esperava da *Aliança* quando você se junta a eles?

“Esperava..., assim, dentro da *Aliança*, a gente tinha uns grupinhos de estudo também. Então, sei lá, eu esperava me ver como que eu era politicamente falando. Assim, eu me achava mais, assim, eu era muito mais liberal do que sou agora..., assim, eu sou bem liberal, mas é... falo tipo bem mais liberal. [Hoje] sou liberal em questões progressistas, em questões sociais, mas eu acho que é preciso ter regulação para algumas coisas. [...] É..., então, eu acho que, quando eu entrei na *Aliança* era muito pra... ver se as pessoas pensavam parecido comigo. Eu sempre me senti muito deslocado dentro da faculdade, principalmente, dentro do meu curso, porque tinham pessoas muito mais à esquerda do que eu. E eu achava que tinha alguma coisa de errado, assim, comigo. Falei ‘gente não é possível, que que tá acontecendo, será que eu tô vendo um mundo diferente e tals’. Então, acho que era pra tentar achar alguma coisa que fosse parecido com o que eu acreditava. E conhecer pessoas, assim, aumentar meu ciclo de contatos e de conexões, sabe? Acho que, no geral, foi isso. (Éverton, 25 anos, Aliança pela Liberdade).”

Em relação à escolha particular de se juntar à Aliança, Éverton explicou que ela derivou, além de uma proximidade com o que ele acreditava, do fato do grupo ter pautas realistas e não utópicas, bem como por representar, de fato, os interesses dos estudantes e não interesses alheios à universidade.

Pesquisadora: Por que você decidiu fazer parte da *Aliança* e não de outro grupo?

“Eu acho que era... o maior grupo, assim, é... próximo ao que eu acreditava. É... o outro grupo, que tava concorrendo ao DCE, era muito de esquerda pra mim. É... tinham pautas que eu achava que não eram pautas... é... necessárias pra, enfim, pra trazer pro pleito e achava que eram pautas muito utópicas também. Acho que a Aliança, ela trabalhava com coisas mais realistas assim. Todo mundo cita a questão do papel higiênico no banheiro, né? Então, tipo, parece que não tinha papel higiênico na faculdade e eles fizeram alguma coisa pra conseguir papel higiênico no banheiro. Ou, sei lá, o toldo do 110<sup>64</sup>. É..., então, cara, são coisas bestas assim. Mas, era algo que tipo eu, realmente, via que fazia diferença pro estudante e pra mim consequentemente, já que eu estudava na faculdade. (Éverton, 25 anos, Aliança pela Liberdade).”.

Pesquisadora: Contra o que você lutava com a adesão na *Aliança*? E a favor do que você lutava?

“Contra o que eu lutava eu acho que a chapa que ia concorrer (risos). É... eu achava que..., enfim, de fato, eles tinham ideias muito utópicas. Assim, que não eram condizentes com... com coisas da realidade da universidade. É não desmerecendo o debate nem nada, acho que é superimportante. Mas, eu achava que faltava questões de defesa de interesses dos estudantes mesmo, sabe? Acho que eram coisas muito mais ligadas a interesses alheios à universidade, então isso me incomodava um pouco. Não, enfim, contestando questão de participação partidária dentro da universidade, não é isso. Mas, eu acho que faltava cê também trazer um pouco mais de debate sobre a universidade. Acho que, da parte deles, não tinha isso. [...] E o que eu defendia é mais autonomia da universidade e autonomia dos estudantes. (Éverton, 25 anos, Aliança pela Liberdade).”.

### 5.1.2.3 Lucélia

Da mesma forma que Éverton, Lucélia começou o seu envolvimento em associações políticas apenas quando chegou à UnB e passou a integrar a *Aliança pela Liberdade*. Ela afirmou que, no seu tempo de escola, não participou de nenhum grupo de representação escolar ou político. Em vista disso, a apreciação de sua trajetória, até entrar na *Aliança*, revela que o ingresso no grupo aconteceu como uma oportunidade circunstancial que se enquadra em uma ação fortemente marcada por um sentido projetivo, isto é, orientado a um plano futuro.

---

<sup>64</sup> 110 é o número referente a linha de ônibus que sai da rodoviária do Plano Piloto e vai até o *campus* Darcy Ribeiro da UnB, passando nas paradas que vão da ala sul da universidade até a ala norte. Em início de semestre letivo e em horários como 12h e 18h, se forma uma grande fila de alunos para tomar os ônibus. O episódio citado diz respeito à quando a *Aliança pela liberdade*, enquanto gestão do DCE, colocou estruturas de ferro forradas com toldos nas paradas para que os discentes que utilizam esse meio de transporte se protegessem do sol e da chuva.

Ademais, o interesse nessa organização política se manifestou durante um contexto de processo eleitoral para o espaço do DCE e vinculado com o movimento empresa júnior.

Para captar como Lucélia se engajou na *Aliança*, é necessário nos voltarmos, primeiramente, ao modo como ela chegou à UnB. Dito isso, Lucélia não é natural de Brasília. Ela se mudou de outro estado para estudar Ciência Política na UnB, embora essa não tenha sido exatamente a sua primeira escolha de curso e mesmo universidade. Depois de passar alguns anos frequentando um cursinho pré-vestibular com o objetivo de entrar em uma instituição de ensino superior em seu estado de origem, o diretor desse curso sugeriu a Lucélia que, em vez de continuar no cursinho, ela experimentasse o curso de Ciência Política na UnB, pelo menos por seis meses, já que ela já havia passado no processo seletivo para o curso. Tendo em mente o conselho do diretor e de assistir a um vídeo no *YouTube*, Lucélia avaliou as alternativas e construiu a seguinte resolução/projeto:

“Eu fiz o seguinte cálculo: ‘Cara, são três anos de curso. Se eu resolver fazer o curso é um tempo rápido, o mesmo período que eu tava no cursinho. É uma oportunidade de ir para Brasília conhecer mais da máquina da política, ficar mais próxima e se eu resolver fazer [o curso que eu pretendia] depois, eu tenho duas formações’. Então, eu vim pra UnB e, quando eu vim, eu falei: ‘Cara, eu tenho seis meses, né? (que era o prazo que eu tinha me colocado) vou experimentar tudo que eu puder’”. (Lucélia, 26 anos, *Aliança pela Liberdade*).”

Procedendo de acordo com seu plano, Lucélia contou que, já em seu primeiro semestre, entrou na empresa júnior, participou de um projeto de extensão de seu curso e participou do Centro Acadêmico (CA). Ante essa orientação projetiva de sua ação no percurso de sua graduação, ela disse compreender a universidade como um local para se formar e se socializar, tendo em vista o seu objetivo de alcançar o posto de ministra de algum ministério público ou do Supremo Tribunal Federal em sua carreira profissional.

A *Aliança* apareceu em seu horizonte de ação durante um determinado período de eleições para gestão do DCE quando, por ser próxima a integrantes da Federação das Empresas Juniores do Distrito Federal (Concentro), decidiu juntar-se a *Aliança pela Liberdade* e ajudá-la a ganhar as eleições com o intuito de auxiliar e colaborar para o fortalecimento do movimento empresa júnior na universidade. Sobre esse processo ela disse,

“[O envolvimento na *Aliança*] foi mais uma coisa circunstancial, então... cara, eu tava na faculdade e apareceu. Era mais um leque pra eu explorar, foi mais um dos convites que me fizeram na UnB que eu falei ‘bom... já que eu tô aqui (e tava sem família aqui), sem outra coisa pra fazer, vô me envolver nisso também. Aí, depois, começou a ser muito mais sobre qual o legado que eu vou deixar quando eu sair da universidade, né? Não gostaria da sensação de ter passado na universidade em branco. E eu acho que a *Aliança* foi uma oportunidade pra isso. (Lucélia, 26 anos, *Aliança pela Liberdade*).”

Com relação a escolha para compor a *Aliança pela Liberdade*, Lucélia se disse uma pessoa incomodada com discursos políticos vazios, que não resolvem problemas e apenas reclamam. Ela viu na *Aliança* uma oportunidade de mudança desse quadro.

Pesquisadora: O que te levou a procurar entrar na *Aliança*?

“Cara, acho que, primeiro, que o discurso da *Aliança*, na época, era um discurso muito do pragmatismo, de resolver problema do dia-a-dia. Eu sou muito incomodada com o discurso vazio, né? Então fala, fala, fala, ..., sei lá, vamo ficar aqui a tarde inteira falando sobre os problemas de fora do Brasil. Mas, enquanto isso, tinha estudante que não tinha acesso ao ônibus pra vim pra faculdade durante o recesso de verão, porque cortava o passa-livre e ele não podia participar da empresa júnior. A empresa júnior X, Y, Z não tinha espaço, não tinha reconhecimento, não podia isso, não podia aquilo. Então, eu vi na *Aliança*, na gestão do DCE, naquele momento, uma oportunidade de participar e de poder, de fato, resolver alguns problemas que eu via na universidade. E de não ser só uma voz que reclama. Então, ter alguma influência, de poder resolver alguns problemas. (Lucélia, 26 anos, *Aliança pela Liberdade*)”.

Para mais, ela afirmou que esperava que a *Aliança pela Liberdade* conseguisse ser um aglutinador nacional de pautas estudantis reais, isto é:

“Eu esperava que a *Aliança* fosse também ser um formador de pessoas que não querem, necessariamente, estar vinculadas a partidos, mas querem participar da política. Então, hoje, a gente tem várias pessoas que passaram pela *Aliança* que são lobistas, que trabalham [com assuntos políticos]. Acho que ela cumpriu bem esse papel de formar essas pessoas que estão fora do governo (tem umas que estão no governo também). [...] Mas, esperava que a *Aliança* fosse ser um aglutinador de jovens, enfim, por todo o Brasil, que conseguissem levar pautas, digamos,... eu não diria estritamente liberais, mas mais pragmáticas para resolução dos problemas do dia-a-dia dos estudantes. (Lucélia, 26 anos, *Aliança pela Liberdade*)”.

Por último, mas não menos importante, Lucélia declarou que detesta algo impositivo e que percebia a narrativa dentro da universidade como uníssona: “ou você apoia os governos... assim..., digamos, de esquerda, das juventudes dos partidos que estão mobilizadas, ou você é alienado, você não sabe nada, você é convencido pelo mercado” (Lucélia, 26 anos, *Aliança pela Liberdade*). Dessa forma, ela afirmou que o que lhe chamou atenção para entrada na *Aliança pela Liberdade* foi a ausência de imposição de vínculos com partido políticos ou predileção por determinado político.

“Então foi isso que me chamou atenção. Foi ser um grupo onde não tinha essa imposição de partido ou de político X, Y ou Z. No último pleito [teve] gente da *Aliança* que já votou no Bolsonaro e tem gente que já votou no Lula. Assim, todos os espectros. Tem gente que já votou na Simone, tem gente que já votou no Felipe D’Avila, tem todo tipo. E a *Aliança* me dava essa liberdade reflexiva de qual o Brasil que eu quero e isso não me impedia de fazer parte do grupo. (Lucélia, 26 anos, *Aliança pela Liberdade*)”.

#### 5.1.2.4 Douglas

Douglas também não teve envolvimento com grupos associativos no tempo de sua formação escolar. Assim, ele iniciou sua participação em grupos organizados somente na universidade. A análise de seu processo de engajamento, por sua vez, evidencia que sua história, sobre como começou a participar de grupos políticos, relaciona-se ao sentimento de isolamento e a criação de estratégias para superá-lo.

Ele narrou que, antes de entrar em seu curso atual, havia feito, por um tempo, outro curso no *campus* da UnB do Gama. Contudo, não se identificou com o curso e, insatisfeito, fez outro vestibular. Ao realizar essa troca, ele contou que acabou ficando fora do fluxo das matérias de seu curso e, dessa maneira, sentiu-se isolado dos demais colegas que entraram no mesmo período. Segundo ele, diante desse afeto, ele buscou alternativas para se enturmar mais com os colegas e conhecer mais pessoas para não ficar sozinho. O caminho que ele encontrou foi se vincular a algum projeto de extensão e o único que conseguiu passar, foi o do Centro Acadêmico (CA) de seu curso. No CA de seu curso, começou a conhecer o movimento estudantil, as instâncias administrativas da UnB e as do seu departamento, em suas palavras: “a parte política da universidade” (Douglas, 23 anos, Aliança pela Liberdade). Além do mais, decorrente de sua entrada no CA, Douglas conheceu uma grande amiga que, posteriormente, o chamou para integrar a *Aliança pela Liberdade*. Ele aceitou a proposta, pois, além de ter sido um pedido de uma amiga, o CA de seu curso sempre teve uma boa relação com a *Aliança*.

“Aí eu entrei na *Aliança*, né? E eu comecei a mexer ainda mais com essa parte política da universidade só que, agora, eu não tava só fazendo as coisas pro pessoal do meu curso, mas, agora, tava representando e trabalhando com pessoas da universidade inteira, né? Porque, assim, na época, eu achei fenomenal, né? Porque abriu muitos horizontes, tipo assim, dentro da universidade. Eu percebi que existe um outro mundo que a gente não... que a maioria, a grande maioria, dos alunos não vê, não enxerga, não sabe, né? Que é não só essa parte política, mas também toda a questão da relação entre os alunos com as outras partes da universidade. É... eu falo, assim, a administração superior, conselhos que tem dentro da universidade, né? Representação discente como um todo. E foi uma coisa que, assim, eu, por algum motivo, gostei muito, entendeu? É... eu já não vinha gostando muito do meu curso, propriamente dito, a um tempo, né? E aí nisso eu encontrei meio que um refúgio de uma coisa que eu gostava de fazer, assim, não sei se gostava, [mas] eu sentia que era bom nisso e aí fui seguindo o fluxo disso, né? Foi basicamente essa a minha história até entrar na *Aliança* (risos). (Douglas, 23 anos, Aliança pela Liberdade).”

De acordo com Douglas, a universidade teve um impacto muito grande em sua vida e em quem ele hoje se reconhece. Segundo ele, a UnB influenciou sua formação identitária tanto na dimensão de sua formação acadêmica quanto de sua formação pessoal. Entretanto, sua vivência nesse espaço despertou, também, avaliações críticas acerca de alguns aspectos de sua realidade concreta. Desse modo, Douglas alegou que a situação a qual encontrou na UnB não correspondeu às suas expectativas e, inclusive, o frustrou e de certa forma o ofendeu,

principalmente, em dois pontos: 1) Quando ainda estudava no *campus* da UnB do Gama, ele se sentia largado como se não fizesse parte da UnB e como se o *campus* não fizesse parte das prioridades dos planos da Universidade; 2) Ao começar a acompanhar a “parte política” da UnB e ter contato com a parte administrativa da universidade, ele sentiu que a instituição ouve pouco os alunos e, em alguns casos, não os prioriza. Esse último ponto, aliás, ele acreditava ter sido agravado no contexto da pandemia de Covid-19.

Pesquisadora: A realidade que você encontrou na UnB te frustrou em algum aspecto?

“Minha primeira experiência foi lá no *campus* do Gama e, assim, lá é uma realidade muito diferente da realidade que a gente tem aqui no Darcy Ribeiro. E, eu imagino que seja assim nos outros *campi* também. É... eu sinto que a universidade, ela afasta muito as pessoas desses outros *campi*, entendeu? Pelo menos, eu sentia isso quando eu ficava lá no Gama, entendeu? Por exemplo, eu sentia [um] sentimento de pertencimento com o *campus* de lá, mas eu não sentia com a UnB como um todo, entende? E eu sentia que era como se lá fosse largado e todo mundo tivesse que se virar – e todo mundo eu falo até a própria administração do *campus* – tivesse que se virar com muitas coisas e, assim, muitas demandas que tinham não eram atendidas. E, assim, parecia que era largado, essa é a realidade. [...] Então, assim, nesse aspecto, a UnB me frustrou bastante enquanto eu tava lá no *campus* do Gama que [parecia que] [...] segundo os planos da UnB, [lá] não era o grande foco.

[...]

Depois que eu entrei em contato com a parte administrativa da UnB, eu senti que os alunos não são prioridade na UnB. Essa é a verdade. E isso acabou me frustrando bastante [e], eu diria, até que me revoltando por um certo período. E foi uma das partes que me fez querer também, assim, pelo menos no início, me motivava a lutar. (Douglas, 23 anos, Aliança pela Liberdade).”

Sobre a sua associação à *Aliança pela Liberdade*, Douglas disse que os valores/princípios que mais lhe chamaram atenção para se juntar ao grupo foram o apartidarismo e o pragmatismo, os quais também foram os elementos ressaltados, quando ele explicou contra o que ele luta.

Pesquisadora: Contra o que você luta com sua adesão à *Aliança*?

“Eu sinto que, hoje, o que eu mais luto é contra os outros grupos políticos universitários e, quando eu falo os outros, todos os outros, exceto a *Aliança*, são de esquerda, por isso que eu falo esquerda universitária, entendeu? É... porque, pra mim, eles não fazem o trabalho que precisam fazer. [...] E, outra coisa que luto bastante também é a influência partidária dentro da universidade, porque uma das coisas que eu gosto da *Aliança* é que ela é um grupo apartidário, né? Eu acredito que partidos políticos não deveriam ter toda essa influência dentro do ambiente universitário. Acredito que são coisas completamente diferentes. Ainda mais um grupo como o DCE que tem que representar os alunos. Às vezes, pode acontecer do interesse dos alunos entrar em conflito com o interesse do partido que a gestão do DCE esteja representando e eu não acho isso saudável, entendeu? Então, pra mim, isso é uma coisa que deveria estar completamente desvinculada. (Douglas, 23 anos, Aliança pela Liberdade).”

### 5.1.2.5 Felipe

Felipe só iniciou seu engajamento em agrupamentos políticos durante seu percurso universitário. Não tendo, portanto, participado de nenhum grupo de representação nos tempos de escola. Sua trajetória até o ingresso na *Aliança* é marcada pelo efeito de um acontecimento específico (experiência do Ciência Sem Fronteiras<sup>65</sup>) e pelo foco de sua atenção nas questões de infraestrutura da universidade, que podem estar relacionadas às suas primeiras vivências no *campus* UnB Gama.

Felipe informou que, para ele, a universidade é “o lugar onde a gente vira gente grande, onde a gente aprende o que a gente espera que vai ser no começo do resto da vida [...]. [Por isso] ela tem que ser um ambiente seguro pra que essas experiências aconteçam” (Felipe, 30 anos, *Aliança pela Liberdade*). No entanto, lembrando seu trajeto nesse meio universitário, ele fez algumas críticas e apontou áreas em que a UnB não atendeu às suas expectativas. Ele fez menção, primeiramente, ao pouco foco da universidade em ensinamentos práticos e exigidos pelo mercado de trabalho, assim como a falta de infraestrutura do *campus* Gama.

“É..., particularmente falando, a UnB... eu acho que ela peca muito em... é focar – e aí sendo um aluno de engenharia – em focar é em teoria. E a gente não ter é... contato com o mercado e com as empresas que empregam. É... desde feira à estágio mesmo dentro da universidade ainda é uma área que eu acho que falta muito. Assim, falta realidade, eu sinto. A gente fica muito preso em ensinar dentro da sala de aula, mas, quando a pessoa vai pro mercado de trabalho, às vezes, o que a gente aprendeu em sala de aula já não é mais a maior necessidade. E aí a gente acaba ficando pra trás em relação a quem cursou as universidades do centro sul que já tem contato com a indústria e com o mercado de trabalho [que é] bem mais forte. (Felipe, 30 anos, *Aliança pela Liberdade*).”

Pesquisadora: A realidade que você encontrou na universidade, correspondeu às expectativas que você tinha dela?

“Não. Inicialmente não. Eu estudei no Gama e lá, no Gama, a gente sofreu muito, muito, muito com infraestrutura. Eu tive aula... é... num prédio que era o antigo fórum de justiça do Gama. Tinham duas salas de mais de 120 pessoas, um laboratório de computador e um laboratório de ciências, um corredor pra ser o recreio, o recreio do intervalo, né? E uma garagem abandonada cheia de ferro com ferrugem. É nos fundos do prédio a gente também passava o intervalo. Isso foram nos primeiros dois, três anos da minha faculdade. [...] Aí eles inauguraram o prédio novo, mas, ainda assim, no meio do mato, no meio da lama de barro. Era um caos. Mas, é..., no fim do curso, a gente conseguiu já ter uma qualidade de infraestrutura bem melhor, pelo menos, lá no Gama. (Felipe, 30 anos, *Aliança pela Liberdade*).”

---

<sup>65</sup> O Ciências Sem Fronteiras (CsF) foi um programa do Governo Federal do Brasil criado em 2011 e existente até 2017, que teve por objetivo: buscar promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional. Além de atrair pesquisadores do exterior que queiram se fixar no Brasil ou estabelecer parcerias com os pesquisadores brasileiros em áreas prioritárias definidas no Programa. Ademais, procurava criar oportunidades para que pesquisadores de empresas recebessem treinamento especializado no exterior. Informações obtidas em: CNPq. **Ciência sem Fronteiras**. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/ciencia-sem-fronteiras/apresentacao-1/o-que-e>. Acesso em: 01 mar. 2023.

Com relação ao momento em que decidiu participar da *Aliança pela Liberdade*, Felipe declarou que a decisão surgiu após o período de um ano em que passou fora do Brasil quando participou do programa Ciências Sem Fronteira (CsF). Ele contou que já participava de discussões política de forma on-line, mas, após essa experiência no CsF, ele disse que aflorou nele um sentimento de necessidade de devolver, para a universidade, aquilo que foi investido nele. Dessa forma, quando regressou ao Brasil, procurou por maneiras de retribuir esse investimento realizado sobre ele e sua formação acadêmica.

“Eu queria devolver um pouco do que foi investido em mim, na educação pública, de volta pra universidade. A forma que eu encontrei foi entrar pro movimento estudantil. E, como eu já conhecia a *Aliança* e compartilhava das ideias eu ajudei eles numa campanha [anterior] e fui trilhando [o caminho] dentro do grupo (Felipe, 30 anos, *Aliança pela Liberdade*).”

Desse modo, podemos inferir do exposto que o encontro de Felipe com a *Aliança pela Liberdade* se desenvolveu a partir da conjunção entre as experiências passadas e a vivência proporcionada pelo CsF. No que tange ao que atraiu sua atenção para entrada nesse grupo político, ele disse que foram os valores/princípios da liberdade, pragmatismo e foco em resolver os problemas dos alunos.

“É... o que eu gostava da Aliança e, de certa forma essas expectativas foram atendidas, é que a gente foca em resolver os problemas do estudante e..., isso significa, trazer melhores condições de estudo pras pessoas, é... acessibilidade, é..., na época, a gente trouxe as estações de bike, que não tinham no campus Darcy Ribeiro. Enfim, diversas coisas. As lojinhas lá que tem do CIEE<sup>66</sup> e do outro fomentador de estágio que eu esqueci o nome que tem lá no BSA Norte<sup>67</sup>. É..., mas eu gosto disso. Eu gosto de que a gente é prático é... a gente tenta resolver os problemas mesmo e não só é... fazer um debate utópico sobre... questões até relevantes da sociedade, mas que, no fim das contas, não são a prioridade do estudante que tá indo ali assistir a aula. (Felipe, 30 anos, *Aliança pela Liberdade*).”

Pesquisadora: Qual a função da Aliança para você?

“Eu acho que representar essa grande maioria de estudantes que quer ir pra universidade estudar e, muitas vezes, não têm a sua voz representada nesses movimentos estudantis tradicionais. É... o estudante que busca uma sala de aula com qualidade, que quer ter a biblioteca aberta 24h por dia, que quer que os representantes dos estudantes não fiquem perdendo tempo em discussões utópicas. [...] Inclusive, [...] o movimento estudantil da esquerda da UnB teve que se adaptar à gente, porque eles ficaram seis anos perdendo eleição. Então, eles tiveram que mudar o discurso. (Felipe, 30 anos, *Aliança pela Liberdade*).”

---

<sup>66</sup> Sigla referente à abreviação de: Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE). Que diz respeito a “uma associação civil de direito privado, sem fins lucrativos e de fins não econômicos, reconhecida como entidade de assistência social que, por meio de diversos programas, dentre eles o de aprendizagem e o estágio de estudantes, possibilita aos adolescentes e jovens uma formação integral, ingressando-os ao mundo do trabalho.” Informação retirada de: CENTRO DE INTEGRAÇÃO EMPRESA-ESCOLA - CIEE. **O que é o CIEE**. Disponível em: <https://portal.ciee.org.br/institucional/o-que-e-o-ciee/>. Acesso em: 01 mar. 2023.

<sup>67</sup> Sigla referente à abreviação de: Blocos de Sala de Aula Norte (BSAN). Se refere a um conjunto de salas de aula localizado no setor norte da UnB, abaixo do Instituto de Ciências Sociais (ICS).

## 5.2 Os jovens da A Gente que Lute

Dando continuidade à nossa investigação iremos, a seguir, examinar as motivações dos(as) jovens integrantes do grupo *A Gente que Lute* em seu engajamento político. O conjunto dos(as) jovens da *A Gente que Lute* corresponde a 7 pessoas, abaixo está o perfil deles(as).

**Tabela 4 - Perfil Jovens A Gente que Lute**

Nome	Curso	Classe	Partido	Idade	Grupo
José	Sociologia	Média	PT	26	A Gente que Lute
Otávio	História	Média Alta	PSOL	22	A Gente que Lute
Cristiano	Direito	Média Baixa	PT	25	A Gente que Lute
Paulo	Ciências Contábeis	Média Alta	PT	21	A Gente que Lute
Olívia	Sociologia	Média Alta	PT	26	A Gente que Lute
Fabiana	Serviço Social	Média	PSOL	21	A Gente que Lute
Jaqueline	Sociologia	Média Alta	PT	22	A Gente que Lute

Fonte: Pesquisa.

### 5.2.1 As dinâmicas familiares e seu impacto na socialização política.

Os (as) jovens da *A Gente que Lute* entrevistados (as) relataram pertencer às classes média alta, média e média baixa, sendo que 4 se identificaram como de classe média alta, 2 como de classe média e 1 como de classe média baixa. Com relação a composição familiar, 4 jovens (Olívia, José, Jaqueline e Otávio) possuem os pais com pós-graduação ou ensino superior completo, 1 (Paulo) possui pais com ensino superior completo e ensino fundamental completo; 1 (Cristiano) possui pais com ensino superior incompleto e ensino médio incompleto, e 1 (Fabiana) pais com ensino médio e fundamental completos. Todos os pais exercem atividades remuneradas.

A respeito da influência das relações familiares sob a subjetivação política dos (as) jovens informantes, a grande maioria informou que em sua família sempre houve muito debate sobre questões políticas e mesmo contato com familiares filiados à partidos políticos. Com exceção de Cristiano, que relatou debater política com a família de forma esporádica e Fabiana que admitiu que, com a sua família, não debate política. Já com relação a influência familiar

em suas posturas políticas, 4 jovens (Jaqueline, Cristiano, Otávio e Fabiana) afirmaram que suas famílias influenciaram em seu engajamento, Olívia disse que sua família influenciou na percepção do que não queria fazer, e 2 jovens (José e Paulo) disseram que as famílias influenciaram no acesso ao debate, mas não nas suas decisões de engajamento político.

Dos jovens que disseram que suas famílias influenciaram em seu engajamento, com exceção de Cristiano e Fabiana, os outros possuíam familiares filiados ou militantes políticos. Jaqueline contou que toda sua família é filiada à partidos de esquerda e Otávio disse que sua família possui uma história muito ligada ao socialismo, sendo sua mãe filiada à partido político e possuindo outros parentes ligados ao Partido dos Trabalhadores (PT). Os outros dois falaram não possuir parentes filiados. Nesse sentido, para Cristiano, a influência foi em incentivá-lo a valorizar a educação pública e, para Fabiana, foi em não se opor à sua participação no movimento estudantil.

“Meus pais colocavam muito pra gente, assim, que eu lembro muito, desde criança, era de que as coisas tinham mudado e que a gente, agora, tinha oportunidade de estudar na universidade. Então, eles incentivavam muito isso, porque eles falavam ‘Olha, a gente não teve oportunidade. Essa é a chance de vocês fazerem uma graduação, escolherem o curso que vocês querem’ (Cristiano, 25 anos, *A Gente que Lute*).”.

“[minha mãe] nunca me podou pra ocupar esses espaços. Então, o fato deles não se oporem, que é, como eu falei, não é a regra dentro do movimento estudantil, acho que isso já abre uma margem muito grande pra eu ter conseguido me colocar mais na construção do movimento estudantil e de, conseqüentemente, da *A Gente que Lute*, né? Da chapa. (Fabiana, 21 anos, *A Gente que Lute*).”.

No caso de Olívia, ela narrou que sua família sempre debateu muito questões políticas, no entanto, sempre com uma perspectiva voltada à religião e às políticas públicas. Em relação ao primeiro tema, Olívia admitiu que seu pai sempre construiu organizações da teologia da libertação e, no que diz respeito ao segundo, presenciava discussões familiares acerca de questões políticas relacionadas ao trabalho dos pais, que são servidores públicos das áreas da saúde e do serviço social. Contudo, ela disse que sempre teve discordância da forma como os debates nessas organizações religiosas se davam, em parte, pelo caráter de inação e, de outra, pois como pessoa LGBTQIA+, não se via representada.

“Eu sempre tive muita discordância, assim, da quantidade de energia que se deposita em algo que não vai, necessariamente, agir imediatamente assim. Eu acho que nós, enquanto Brasil, sempre vivemos uma realidade de muita urgência, então a gente sempre precisou tirar gente da fome, ensina gente a ler e escrever, bota gente pra trabalhar, esse povo que tá trabalhando não pode ficar endividado. Aí, quando tudo se estabilizou, o golpe, então, agora, nós tamo num processo de tira gente da fome de novo. E aí eu sempre... essa visão de ver os meus pais gastando energia numa coisa, mas, pra mim, não é real. Me deu um caminho do que eu não queria fazer. Eu não queria ficar nesse processo de debate eterno onde as coisa não muda assim. [...]

‘Se for pra pensar política, eu não quero fazer essa política, assim, né?’. Eu posso não fazer política, mas eu vou fazer algum tipo de trabalho social que eu entenda que têm algum impacto (Olívia, 26 anos, A Gente que Lute).’.

No que tange, ao envolvimento associativo e filiação partidária dos pais, 4 jovens (Olívia, Otávio, Jaqueline e Paulo) possuem pais filiados e sindicalizados, José possui mãe sindicalizada e 2 jovens (Fabiana e Cristiano) não possuem pais filiados nem sindicalizados. Todos os entrevistados disseram que suas famílias se orgulham de seus envolvimento em grupos políticos associativos. Cristiano, José, Olívia e Otávio relataram que tiveram mais resistência dos pais em relação aos seus engajamentos somente num primeiro momento, mas depois se tornou algo natural.

## **5.2.2 As trajetórias até o ingresso no grupo**

Nesta seção, analisaremos as trajetórias de engajamento dos jovens do grupo *A Gente que Lute* e os motivos que os(as) levaram às adesões nesse grupo político, como também em outros grupos. Para tanto, também utilizaremos o conceito de agência de Emirbayer e Mische (1998) para pensar os tons que conformaram as ações desses jovens de se engajar nos grupos organizados.

### **5.2.2.1 Jaqueline**

Jaqueline narrou que, durante sua vivência escolar, não fez parte de nenhuma organização política ou representativa. Segundo ela, seu período escolar foi mais voltado aos estudos, embora ela frisasse que realizava estudos críticos e não desconectados da realidade social. Ela também explicou que em sua escola, a ideia de fundar grêmios estudantis era muito distante, apesar de existirem em outras escolas próximas. Ela contou que a sua trajetória política se iniciou no período eleitoral de 2018, quando uma amiga da mesma Região Administrativa em que reside, a chamou para participar de reuniões da organização juvenil Juventude e Revolução (JR) do Partido dos Trabalhadores (PT).

O início de sua militância organizada, ela nos disse, aconteceu um pouco antes de sua entrada na UnB. E, foi, através dela, que Jaqueline passou a conhecer e intervir no movimento estudantil e, posteriormente, ela ingressou no grupo *A Gente que Lute*. Ela explanou que seu ingresso efetivo na *A Gente que Lute* deu-se em função de uma decisão da organização política da qual fazia parte, em que, por meio de uma decisão conjunta do grupo, chegou-se ao acordo de que ela e mais três amigos iriam representar a organização no grupo *A Gente que Lute*. Em suas palavras: “A gente se dividiu, assim, discutiu e aí encaminhou que eu e mais três amigos

iríamos assumir as pastas do DCE que a gente tinha pedido e ia compor a gestão junto com as outras organizações.” (Jaqueline, 22 anos, *A Gente que Lute*).

Podemos observar que o contexto das eleições de 2018 teve um impacto significativo na trajetória de Jaqueline. Foi nesse período que ela decidiu participar das reuniões da organização juvenil, a qual sua amiga ajudava a construir. Segundo ela, dois fatores a incentivaram a se candidatar para e a integrar a gestão do DCE: a política do governo Bolsonaro em relação à educação e a percepção de que a gestão anterior não abordava certos temas relevantes dentro da universidade, além de não se posicionar contra os retrocessos que a UnB vinha sofrendo.

Pesquisadora: O que que te levou a procurar entrar no grupo do DCE?

“Então, foi, justamente, essa questão de que a gestão anterior, que tava ali a vários anos, a gente não via... melhora, a gente não via, ali, um avanço na discussão política até do que é a universidade, do que é a universidade pra gente, do que a gente pode fazer dentro da universidade. Era algo muito estático que não defendia, inclusive, tudo que a gente vinha perdendo. Então, veio justamente da necessidade de defender o pouco que a gente tem pra gente conseguir reivindicar ter mais. (Jaqueline, 22 anos, *A Gente que Lute*).”.

“Daí, na *A Gente que Lute*, que foi as eleições de 2019, foi, justamente, o momento que a gente via que era necessário, né? A gente ter, ali, um Diretório Central dos Estudantes que representasse os estudantes, de fato, que não passasse pano ali, não assinasse em baixo da política do Bolsonaro de sucatear a educação através de vários cortes, né? Que começaram lá no início do mandato dele e continuaram. E aí foi por isso que não só a minha organização como todas as organizações estudantis do movimento estudantil de esquerda daqui da UnB se juntaram em unidade pra organizar essa chapa, né? Que se tornou gestão. (Jaqueline, 22 anos, *A Gente que Lute*).”.

Em relação à universidade, Jaqueline informou que ela muda a vida das pessoas ao promover tanto um crescimento pessoal quanto profissional. Adicionalmente, ela expressou que esperava contribuir tanto para a melhoria da universidade, como para ajudar a apresentar às pessoas a ciência de excelência que é produzida na mesma. Contudo, ela apontou que a realidade que encontrou no ambiente universitário não correspondeu às suas expectativas, mas observou que há espaços para diálogos e avanços. Em suas palavras: “Assim, eu idealizava muito a universidade. Achando que era um mar de rosas aqui que a gente vivia, mas a gente percebe que tem muito problema. Então... não correspondeu, mas eu, também, vejo que a gente tem aí um espaço pra gente conseguir dialogar e avançar.” (Jaqueline, 22 anos, *A Gente que Lute*).

Jaqueline ainda destacou que o que desejava em relação ao grupo *A Gente que Lute* era uma gestão ativa, próxima dos estudantes e que conseguisse politizar a UnB como um todo.

Além de buscar defender a universidade naquele momento emergencial em que se sofria uma série de retrocessos e no qual o próprio futuro da universidade pública estava em jogo.

Quanto a crítica ao fato de o grupo ser composto por juventudes partidárias que, geralmente, é levantada contra o agrupamento, Jaqueline comunicou "que isso não é, nem nunca foi um problema [...], muito pelo contrário, [...] [representava pessoas que estavam] dispostas a politizar e discutir a universidade" (Jaqueline, 22 anos, A Gente que Lute).

Pesquisadora: Uma das principais críticas, que eu vejo, principalmente da oposição ao *A Gente que Lute*, é esse caráter do grupo ser formado por juventudes partidárias. Como você vê essa questão?

"Eu acho que, na realidade, isso era mais... uma oposição que vinha, ali, de quem tava ocupando o DCE em um outro momento. E era de quem descontentava, assim, mais de 50%, mais de 60% da universidade, né? E isso nunca foi um problema, assim, a gente ter um DCE partidário, muito pelo contrário, a gente achava muito importante, porque não era como se o DCE fosse ali um puxadinho de qualquer partido, mas sim de que a gente tava ali disposto a politizar a universidade e a discutir. E aí foi isso que aconteceu tanto que em nenhum momento houve ali... a gente nunca foi puxadinho seja da reitoria, seja de algum partido ou de algum político, a gente sempre prezou pela autonomia que uma representação estudantil tem, mas promovendo esse debate qualificado que é necessário porque passava, inclusive, pela defesa da própria universidade, da própria manutenção da universidade. (Jaqueline, 22 anos, A Gente que Lute)."

### 5.2.2.2 Paulo

Distintamente do caso anterior, Paulo dá início ao seu engajamento militante aos 16 anos, quando cursava o primeiro ano do ensino médio. As experiências que teve no âmbito escolar foram fundamentais em sua subjetivação política. Com especial destaque para sua participação na ocupação de seu colégio, em 2016. Situação que propiciou o encontro entre ele e a organização Juventude e Revolução do PT. Sendo assim, Paulo narrou que, apesar de sua mãe ser bastante engajada politicamente, visto que é sindicalizada e filiada ao PT desde 2012, ele só foi começar a sua trajetória política mais tarde, em consequência do movimento de ocupações das escolas secundaristas sucedido em 2016. Sobre esse período ele expôs:

"Mas, em 2016, quando aconteceu aquele movimento das ocupações nas escolas, né? Nacionalmente. A minha escola foi uma das escolas que foi ocupada aqui em Brasília. E nisso, apesar de ainda não ter..., não ser de uma organização política, na época, eu fui um dos estudantes que ocupou a escola, né? Por entender que aquela... a emenda constitucional 95, né? Que, na época, ainda era uma PEC é... ia afetar negativamente a nossa vida como estudante ou, então, pro futuro, né? Tipo os jovens que iam vir pra nossa escola depois da gente. E aí eu participei da ocupação da escola, né? E aí algumas organizações estudantis participaram da ocupação, apesar de que a maioria, realmente, era estudante da escola que não eram organizados, e nisso, assim que acabou as ocupações, eu acabei indo pra reunião de uma dessas organizações que é a Juventude e Revolução (Paulo, 21 anos, A Gente que Lute)."

Logo em seguida, Paulo especificou o que da JR chamou sua atenção para a adesão no grupo:

“E, na época, eu entrei, assim, na Juventude e Revolução por ser uma juventude que é autônoma politicamente, né? É... ela não é, assim, ligada a nenhuma corrente do partido dos trabalhadores exatamente, né? Apesar de integrar a juventude do PT hoje. Então, a Juventude e Revolução tem isso de não ter nada que venha de gente..., pra falar assim, de gente velha que não sabe o que a juventude quer, né? Porque quem sabe o que a juventude quer é a juventude. E eu acho que é importante o movimento de juventude ser liderado por juventude por conta disso. E, em 2016, né? Eu virei militante da Juventude e Revolução (Paulo, 21 anos, A Gente que Lute).”.

Paulo ainda contou que, durante seu período escolar, organizou delegação em seu colégio para comparecer ao congresso da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), participou do conselho escolar de seu colégio, foi da direção da União dos Estudantes Secundaristas do Distrito Federal (UES-DF) e se associou a corrente *O Trabalho* do PT.

Ele afirmou que, em 2018, durante o período eleitoral que resultou na eleição de Jair Messias Bolsonaro como presidente do Brasil para o mandato de 2019 a 2022, perdeu o ânimo para se envolver com o movimento estudantil. No entanto, depois do início das aulas na UnB, retomou a participação frequente nas reuniões de sua organização.

No que toca a sua ligação ao grupo *A Gente que Lute*, ele declarou que sua participação na gestão do DCE foi resultante de uma decisão de sua organização política, devido ao seu tempo de militância e à intenção de renovação de quadros. Ele ainda informou que, a existência de um governo como o de Bolsonaro, a não neutralidade da *A Gente que Lute* e o fato de ser um grupo composto da união de organizações de esquerda na UnB, influenciaram a sua decisão em compor a gestão do DCE.

“O motivo principal, assim, pra gente ter se juntado pra A Gente que Lute foi o governo Bolsonaro, né? A gente já tava vindo de alguns anos de derrota, né? Mas, o governo Bolsonaro foi o estopim, assim, né? Foi quando tudo piorou de vez. Então, estar nesse governo de extrema direita fez com que a gente, do movimento estudantil de esquerda, tivesse esse pensamento, também, de que, pra esse momento, é importante a gente tá em unidade pra que a gente consiga unir as nossas organizações contra um governo que tá sucateando a nossa universidade. Então, acho que o principal motivo que fez a gente se unir foi essa questão mesmo do governo Bolsonaro. (Paulo, 21 anos, A Gente que Lute).”.

P: Quais valores e/ou princípios da *A Gente que Lute* mais te chamaram atenção pra sua entrada no grupo?

“É, primeiro, acho que um ponto muito importante, pra época, foi essa questão de que era [uma disputa entre] uma chapa contra o Bolsonaro e uma chapa que se dizia neutra. Eu tenho o posicionamento, assim, de, quando você se diz neutro em uma discussão assim, você tá escolhendo um lado, né? Porque tem um lado ali que tá sucateando a universidade e um lado que tá lutando contra aquilo. Se você é neutro, você automaticamente tá dando mais força pra aquele lado que tá mais forte, né? Que, naquele momento, era o governo Bolsonaro e que ainda é, né? Porque ele ainda não

acabou. Então, em primeiro lugar, seria isso. É, também, tem essa questão da unidade que eu acho que é importante ter essa relação entre organizações de esquerda, apesar dessas diferenças políticas que são mais pontuais, né? E, também, tem essa questão de que eu estando presente na gestão do DCE, eu conseguiria tá envolvido mesmo em questões que eu acho importante lutar dentro da universidade, né? Por exemplo, essa questão de assistência estudantil, é questão de infraestrutura, esse tipo de coisa. (Paulo, 21 anos, A Gente que Lute).”.

Quanto ao ambiente universitário, Paulo falou que a universidade representava para ele uma oportunidade de realizar alguns sonhos, como por exemplo, se formar e conseguir se estabilizar posteriormente. É também importante para ele, o caráter histórico do movimento estudantil da UnB na luta contra a ditadura militar. Porém, um aspecto desse ambiente que o frustra é que, para ele, em todo momento de crise, quem saia perdendo era o estudante que mais precisava.

“Uma coisa que eu não concordo, que vem acontecendo na UnB, desde 2017, que foi quando a gente começou a ter esses cortes, assim, na educação mais... uma coisa mais profunda, né? É essa questão de que esses cortes, eles sempre acabam caindo nas costas da parte mais fraca, né? Então, na UnB, a primeira coisa que a gente teve foi o aumento do RU<sup>68</sup>, por exemplo, que foi de R\$ 2,50 pra R\$ 5,20 e, no ano passado, aumentou de novo pra R\$ 6,10. Hoje, a UnB é uma das universidades, do país inteiro, que tem o RU mais alto e que não tá numa qualidade satisfatória, assim, que justifique, né? Então, eu acho que uma coisa que me frustra mesmo é essa questão dessa gestão da crise que acontece dentro da universidade que acaba tendendo pro lado mais fraco, né? (Paulo, 21 anos, A Gente que Lute).”.

Em última análise, cumpre informar que, para Paulo, não há problema em uma gestão do DCE ser composta por membros filiados à partidos políticos, uma vez que, segundo ele, um DCE neutro muitas vezes poderia ser conivente com situações de opressão ou perda de direitos. Para tanto, ele lembrou o papel do movimento estudantil na luta contra a ditadura.

“[...] Então, eu acho que é sempre importante lembrar desse papel político das entidades, né? Que é de defender o estudante quando a gente passa por algum período de crise. E que, por exemplo, se uma entidade estudantil não fosse politizada, quando a universidade é atacada, ela não falaria nada, né? Então, já não cumpriria com a principal função dela que é representar o estudante, né? Porque, se a sua universidade tá sendo vítima de ataque direto do governo com corte de orçamento. É você [que] tá sendo atacado porque você estuda ali, né? (Paulo, 21 anos, A Gente que Lute).”.

### 5.2.2.3 Cristiano

Cristiano declarou que começou a participar de grupos políticos associativos durante o ensino médio, a partir de sua atuação no grêmio estudantil de sua escola e em uma entidade municipal de estudantes secundaristas de sua RA. Posteriormente, ele conheceu e se associou

---

<sup>68</sup> Sigla referente a abreviação de: Restaurante Universitário (RU).

ao grupo JR. Ele explicou que conheceu o JR quando sua escola tinha uma série de demandas por melhoria da infraestrutura e necessidade de contratação de professores e, em uma determinada ocasião, o grupo passou em seu colégio para agitar<sup>69</sup> demandas gerais. Em suas palavras:

“Eu via que a situação da minha escola era um negócio que envolvia as demandas próprias da minha escola, mas também passava pela necessidade de organizar para além dela. Eu sentia que tinha um impacto a organização com alunos é... pra além da minha escola. Então, foi por isso que, na época, eu decidi me organizar. E aí, desde então, eu não parei, né? (Cristiano, 25 anos, A Gente que Lute).”.

Apesar disso, a ação política de Cristiano é fruto também de uma articulação produzida em uma experiência anterior que remete ao tempo que passou estudando, no ensino fundamental, em uma escola pública de Manaus, onde também exerceu a função de representante de turma. Essa fase o marcou profundamente, já que ele relatou ter ficado chocado com as condições estruturais da escola de Manaus e, após regressar ao Distrito Federal (DF), disse que ficou mais atento aos problemas de sua escola.

“Eu acho que eu comecei no ensino fundamental, porque, no ensino fundamental, eu era representante de turma. Eu não estudava aqui, eu passei um tempo estudando em Manaus. Então, quando eu saí de uma escola pública aqui, do DF, e fui pra uma escola pública lá, em Manaus, eu fiquei assustado, né? Porque não tinha estrutura de nada. E aí isso me deixou muito chateado e, quando eu voltei pro DF, eu fiquei muito atento aos problemas da escola, sabe? Por conta dessa questão da representação estudantil. [...] Aí, quando eu cheguei no DF de volta, e vi um chamado pra manifestação. Eu agarrei naquilo, falei “Olha, tem problema aqui e eu sei que esses problemas acabaram com meu nono ano”, porque, enfim, por mais que tivesse a situação dos professores, tinha muitas dificuldades. (Cristiano, 25 anos, A Gente que Lute).”.

Tomando em consideração sua trajetória precedente, Cristiano comunicou que o ingresso na gestão do DCE, foi mais uma consequência do que, de fato, um objetivo, uma vez que, por militar há muito tempo e ter, assim, certa experiência acumulada, quis ajudar na construção da chapa pela importância, para ele, de um grupo preocupado em lutar para reverter e barrar retrocessos advindos desde o Governo Temer até o Governo Bolsonaro.

“Na época, a gente tinha o objetivo de ter um programa que fizesse enfrentamento às políticas do Bolsonaro e do Temer, né? Do Temer o que tinha de resultado e do Bolsonaro o que tava começando, assim, de projeto, né? Seja da questão da liberdade de cátedra, da autonomia das universidades com as intervenções. Então, foi o que motivou muito assim. (Cristiano, 25 anos, A Gente que Lute).”.

---

<sup>69</sup> “Agitar”, nesse sentido, significa mobilizar, conscientizar.

Ele ressaltou, também, que esperava da *A Gente que Lute* a constituição de uma gestão que conseguisse pensar a política nacional, assim como discutisse a política local da universidade, isto é, as demandas da universidade. Fora isso, ele esperava o trabalho em prol da reivindicação da ampliação de políticas de permanência, integração dos Centros Acadêmicos e configuração de melhor diálogo com as atléticas.

“Então, eu esperava que fosse uma gestão de DCE que fizesse diferente do que era a gestão da *Aliança*, né? Então, que aproximasse a política dos estudantes [...]. E [que] reivindicasse as ampliações das políticas de permanência, que conseguisse integrar mais os Centros Acadêmicos, porque, tipo, tinha muito Centro Acadêmico que tava paralisado. E tivesse um diálogo melhor com as atléticas, essas coisas, assim, da dinâmica, também, da própria universidade. (Cristiano, 25 anos, *A Gente que Lute*).”.

Relativo à vida universitária, para ele, a universidade representava a possibilidade de se pensar em soluções e melhorias para o país. O seu desejo é que, no futuro, ela seja um espaço onde qualquer pessoa que queira entrar nela, consiga. O que o frustrou em sua vivência nesse ambiente, foi a questão de não conseguir acompanhar o ritmo de sua turma, devido a questão do deslocamento para o *campus* e não possuir um computador próprio, tendo que usar os da faculdade de direito, que possuíam limitação de horário e um acesso à internet ruim.

#### 5.2.2.4 Olívia

No caso de Olívia, seu processo de engajamento se confunde com sua própria história, afinal, como ela mesma afirmou, a política sempre foi muito presente em sua vida. Conforme nos contou, ela possui uma relação com a política muito ligada com a sua própria relação familiar. Contudo, como notamos, posteriormente, ela acabou rompendo com o tipo de política praticada por sua família.

Desse jeito, Olívia narrou que seu pai sempre construiu organizações da teologia da libertação e, depois, filiou-se ao PT. No entanto, ele sempre fez um debate político muito ligado a própria participação e papel da igreja. Quanto a sua mãe, ela disse que sempre foi muito ligada aos acontecimentos e debates relativos à sua área de trabalho. Apesar disso, ela sempre participava dos debates, já que seu pai estava envolvido na construção da tendência Democracia Socialista (DS) do PT. Mas, como ela disse

“Só que igreja nunca foi muito o meu forte, assim, acho que sou, sei lá, muito sapatão pra esse negócio. E aí nunca foi, tipo assim, nunca um local que foi meu .., de fato, estou aqui bem! me sentindo confortável nesse local. E aí, quando eu fiz ali uns 12, 13 anos, que eu entrei no ensino médio, começou, né? Ô lá a juventude, ô lá o Kizomba, tal coisa. E aí eu entro na Kizomba ali nessa pegada ali né? Meio debatendo o que era grêmio – eu estudava em uma escola particular, então grêmio, também, não

servia de muita coisa (risos) – mas, assim, uma organização estudantil, né? Que trazia o debate pra galera. (Olívia, 26 anos, A Gente que Lute).”.

No ensino médio, ela comunicou que mudou para uma escola particular maior e com um ambiente muito diferente daquele em que havia estudado. Esse fato fez com que, nesse período, ela tivesse muitas reflexões sobre o porquê de ela ter direito aos privilégios na nova escola e os seus primos, que estudavam em escola pública, não possuírem a mesma condição.

Ao chegar na UnB, por já ser associada à DS e à Kizomba, acabou se envolvendo, logo no primeiro semestre, na construção da gestão do CA de seu curso. Posteriormente, ela acabou, inclusive, participando de outras 3 gestões do CA. Ela nos explicou que seu processo de chegada ao DCE se deu no meio desse caminho, que ela já estava tecendo, de pensar um projeto de universidade, um projeto de educação e o que se queria da UnB. Ela disse que o que a levou a procurar se envolver com o DCE, foi a percepção da capacidade e o peso desse espaço para resolução de questões urgentes.

Pesquisadora: E o que levou você a procurar entrar no grupo do DCE? Participar de um grupo do DCE?

“Eu acho que a partir do momento que eu percebi, assim, que o DCE tinha capacidade de resolver coisas muito urgentes, muito pra além do que era a discussão da Aliança. Eu vi a urgência de construir aquilo, assim, né? [...] o jeito que era a gestão do DCE da Aliança também era muito isso, assim, muito diferente, né? Enquanto você tinha DCEs debatendo sobre condição de vida, sobre moradia, o DCE da Aliança tava inaugurando bebedouro, tava, enfim, colocando toldo. Que condições estruturais são importantes assim, né? Mas, são as condições práticas de avanço na vida que importam muito mais, né? Então, ter essa concepção, assim, porra, debater a não atualização do preço da assistência estudantil impacta diretamente na evasão escolar, assim, tem gente que não fica na universidade, porque não consegue comer, porque não consegue trabalhar. E aí ter esse debate colocou na minha cabeça muito essa vivência, assim, né? De tá numa entidade, de debater de igual pra igual com os professores a realidade dessa galera que tá na universidade, né? (Olívia, 26 anos, A Gente que Lute).”.

Ela ressaltou, também, o contexto de avanço da extrema direita como incentivo a sua mobilização para disputa do DCE.

“Eu acho que o fato da gente sentir essa crescente, assim, da extrema direita colocou outro nível de responsabilidade nas organizações políticas assim. Porque uma coisa é quando você tá debatendo entre as esquerdas o quão avançado é o programa pra universidade. Outra coisa é você tá falando ‘Gente, ali na frente, tem uma galera que achou que a gente devia viver uma monarquia, tem uma galera que acha que não deve ter preto, não deve ter cota na universidade. Nós vamos continuar nos fragmentando a esse processo?’ (Olívia, 26 anos, A Gente que Lute).”.

A sua perspectiva acerca da universidade foi mudando ao longo de sua vivência nesse espaço, conforme ela nos contou. Num primeiro momento, segundo ela, sentia como se

estivesse vivendo uma fase de liberdade, uma vez que antes passava muito tempo em casa. E, também, de alegria de ir descobrindo a universidade. Contudo, depois de um tempo, a UnB se tornou um ambiente difícil para ela.

“Cê tá num espaço que, pra você, é muito bom, mas precisa dá um retorno pra família assim. Então, rolava muito isso, assim, ‘Tá quando você vai formar? Quando cê vai...’. E aí, querendo ou não, eu fiz várias escolhas na minha vida assim. E, em nenhum momento, a política teve secundária nisso assim. Então, abri mão de muita coisa por causa da política, perdi muito tempo, não perdi, mas, assim, tô aqui até agora, porque eu tenho muita noção do que, né? Abri mão no tempo de DCE. (Olívia, 26 anos, A Gente que Lute).”

Após o período de isolamento social e paralisação das atividades acadêmicas decorrentes da pandemia de Covid-19, Olívia relatou que o retorno ao *campus*, agora na fase final de sua graduação, transformou o modo como via a universidade de algo difícil para um espaço de memória e esperança. Porque passou a relembrar os momentos que já viveu nesse espaço.

#### **5.2.2.5 Fabiana**

O engajamento de Fabiana em agremiações políticas começou logo que ela ingressou na UnB, mas foi motivado por uma série de experiências anteriores e, também, por uma contingência em sua trajetória até a universidade. Além disso, como ela mesma falou, também se liga a sua vivência concreta como mulher preta e enquanto pessoa LGBTQIA+.

Dito isso, Fabiana narrou que veio de outro estado para cursar Serviço Social na UnB. Em sua escola de ensino médio debatia questões políticas e havia sido representante de classe, mas, como ela mesma falou, numa postura mais institucional e burocrática e não no intuito de organizar a luta. Contudo, ela relatou que em seu colégio aconteceram vários casos de assédio, envolvendo relação professor-aluna, existindo alguns casos, inclusive, bem delicados. A sua escola, porém, assumiu uma postura, em relação a esses casos, pouco sensível e pouco assertiva. Foi, então, que algumas alunas, dentre elas Fabiana, decidiram se organizar para questionar tais ocorrências e o modo como a escola estava lidando com elas.

Em decorrência desses eventos, Fabiana começou o seu despertar para a política, no sentido de querer entender e conhecer mais o assunto. Pois, aquelas ocorrências de assédio a afetaram profundamente e ela não sabia como proceder diante da situação, bem como sentia que as soluções adotadas eram insuficientes.

Ela declarou, também, que, como havia feito escola técnica, não tinha a intenção de ingressar em uma universidade logo que terminasse o ensino médio. Ela queria ter uma experiência no mercado de trabalho. Porém, ela não conseguiu encontrar um emprego.

“Eu queria ter uma experiência no mercado de trabalho, porque eu tinha feito o técnico. É, mas, até então, muito por conta até do racismo, assim, minha cidade é de interior e tudo mais, eu não consegui arrumar emprego mesmo tendo um bom histórico e tudo mais, eu não consegui arrumar nenhum estágio pra minha área e aí eu fiz o Enem. (Fabiana, 21 anos, A Gente que Lute).”.

Quando chegou à universidade, Fabiana conheceu, logo no primeiro dia, o coletivo de juventude *Juntos*. Isso deveu-se a uma certa contingência. Conforme nos contou, Fabiana estava à procura de um lugar para residir, pois o que ela tinha achado, anteriormente, acabou não dando certo na última hora.

Pesquisadora: E você conheceu o *Juntos* assim que você chegou aqui na UnB?

“Sim. Eu conheci é... eu cheguei na UnB e, como eu vim de outro estado, é eu tava procurando um lugar pra ficar, porque eu tinha achado um lugar pra ficar, mas acabou que não deu certo muito de última hora. E aí eu cheguei aqui e tava procurando alguma galera pra conversar sobre isso e conheci a galera do *Juntos*. Aí eles me convidavam pra reuniões, me convidavam pra fazer atividades conjuntas, aí conheci eles e comecei a me interessar pela política, aí comecei a me organizar com eles. (Fabiana, 21 anos, A Gente que Lute).”.

Seu ingresso na composição da *A Gente que Lute* foi fruto da indicação, deliberada coletivamente, de seu coletivo político. A sua experiência militante a qualificou como uma aposta de seu coletivo para que pudesse exercer uma posição de direção futura nele. Ademais, ela também construía o coletivo feminista *Juntas* e sua participação no grupo seria uma forma de ajudar, também, certas construções desse coletivo.

Ela disse que uma das suas principais motivações para aderir ao grupo do DCE relacionava-se com a representatividade de pessoas negras na ocupação de espaços como os do DCE.

Pesquisadora: Você acha que teve algum motivo central que motivou a sua entrada no grupo?

“Acho que... muitos assim. Mas, eu acho que um dos principais é que eu sempre vi muitas poucas mulheres negras nesse espaço e eu já sabia que seria difícil porque tá dentro de uma gestão tão ampla, né? Com pensamentos e ideias tão diferentes é um pouco difícil. Mas, eu queria que mais pessoas como eu entrasse nesse espaço que não precisasse ser a única, não que eu fosse, né?, mas que eu não precisasse ser a única ou sempre precisasse ter menos de mim dentro desse espaço, sendo que a gente é maioria na sociedade. Então, eu entrei muito nesse sentido, assim, de querer construir um DCE com a política que eu acredito que é uma política antirracista, feminista e anticapitalista. Mas, também, no sentido de que outras mulheres como eu pudesse ocupar esse espaço. Que elas conseguissem se ver e, consequentemente, pensar em como ocupar, sabe? (Fabiana, 21 anos, A Gente que Lute).”.

Além do mais, a expectativa de derrotar a direita e acabar com o retrocesso dentro da universidade incentivaram-na a compor o grupo *A Gente que Lute*. A possibilidade de, através do DCE, ocupar outros espaços, como por exemplo, os conselhos universitários, também foi um fator motivador.

“Uma das coisas que esperava era acabar com a direita e o retrocesso dentro da universidade, assim, no sentido de [derrotar] ideias contra educação, contra as vidas das mulheres, ideias racistas também. Então, acho que [a] ideia era mais que a gente conseguisse acabar com esse tipo de política dentro da universidade, que é uma política contra as pessoas que estão ocupando esses espaços (Fabiana, 21 anos, A Gente que Lute).”

“Um pouco da capacidade que DCE poderia ter com uma gestão de esquerda, né? Das possibilidades em relação a isso da gente conseguir ocupar outros espaços, inclusive, institucionais dentro da Universidade que tenham haver com a pesquisa, né? Da gente ocupar não somente o DCE, mas também ocupar o Conselho Universitário, as representações do CEB e outros espaços com que gente consiga debater política né? (Fabiana, 21 anos, A Gente que Lute).”

Ela afirmou que o governo Bolsonaro e as suas políticas de educação foram o principal acontecimento contextual que influenciou a formação do grupo. Ela cita que, especificamente, o “tsunami” da educação e o projeto *Future-se*, a impactaram e motivaram sua intenção de ingressar no grupo. Outrossim, ela admitiu que o DCE não pode estar desvinculado dos debates da sociedade. E, assim, ele deveria tanto voltar-se para as demandas estruturais estudantis, quanto exercer o papel de mobilização e articulação dos estudantes para a construção coletiva do movimento estudantil.

Ela também destacou que a realidade concreta da universidade representou um contraste chocante, para ela, em relação as expectativas que tinha sobre o espaço.

“Quando eu entrei, eu vi que é uma realidade muito diferente do que a gente idealiza, principalmente, quando a gente vem de berços que não... que não entravam nesses espaços antes. E aí, quando eu entrei, eu vi que era completamente diferente. É bem mais difícil viver a realidade dentro da universidade, questão de transporte, questão, tipo, de segurança, questão de adaptação mesmo com as pessoas. Foi bem... um baque muito grande. E a questão do fluxo também, questão do debate de saúde mental, porque a universidade, eu achei que fosse muito mais tranquilo levar a universidade, mas ela é bem mais densa do que a gente imagina muitas vezes. E aí foi um baque. (Fabiana, 21 anos, A Gente que Lute).”

#### **5.2.2.6 Otávio**

Otávio teve um processo de subjetivação política bastante conectado com sua socialização familiar. Filho de pais doutores, ele advém de uma família de elite intelectual que possuiu um papel importante no modo como ele construiu sua identidade política enquanto socialista. Em vista disso, Otávio informou que começou a se interessar por política, em 2013,

por causa de todo o debate nacional sobre as manifestações de junho daquele ano. Esse debate entrou em seu colégio e em suas aulas, no entanto, o tom o qual o debate era realizado em sua escola, segundo ele, particular e com perfil conservador, o incomodava.

Otávio decidiu conversar com seu pai sobre o assunto e perguntar o que é socialismo, já que havia recebido explicações de que o socialismo era o pior dos mundos. A escolha de falar com o pai não foi apenas por afeto, mas também porque seus pais possuíam uma história de vida muito ligada ao socialismo. A partir disso, seu pai lhe sugeriu a leitura de alguns livros de formação socialista e, assim, Otávio iniciou sua construção socialista. De acordo com ele, já em 2014, ele se reivindicava socialista e, nesse ano eleitoral, também participou de forma intensa da campanha de Dilma Rousseff, então candidata para presidência do Brasil.

Em 2016, ele participou da refundação do grêmio estudantil de seu colégio, que estava paralisado, e se envolveu de forma intensa nesse processo e no assunto. Porém, ele frisou que, nessa época, ainda não participava da política mais geral do movimento estudantil, atuando apenas na política interna de sua escola. Quando entrou na universidade, seu irmão lhe apresentou o coletivo *Juntos* e ele compareceu a algumas reuniões do coletivo, porém, como ele disse, de forma tímida. Ele contou que possuía resistência em se organizar partidariamente. Com isso, passou a se empenhar mais para concorrer a direção do CA de seu curso.

Nesse processo, enfrentou conflitos e problemas que o levaram a seguinte percepção:

“Eu percebo que não tem como é... eu continuar tentando atuar nesses espaços sem ser organizadamente, porque a gente perde a eleição. E a gente não queria perder aquilo que a gente tinha construído, a gente não queria que aquele movimento todo que já tinha feito de politização todo do curso, de debate, de tudo aquilo, pudesse se perder. E eu percebo que o único fio de continuidade é a organização política, é a continuação, então eu entro no *Juntos* que é o Coletivo que eu faço parte. Meses depois, eu me filio ao Psol que é o partido que, ainda hoje, eu faço parte. (Otávio, 22 anos, A Gente que Lute).”

Sobre sua entrada no grupo *A Gente que Lute*, Otávio relatou que ela ocorreu naturalmente em virtude dos debates que começaram a ocorrer no ambiente universitário em 2019 e da decisão de seu coletivo em compor a chapa. Nesse ano, ele disse que a universidade passou a fervilhar, principalmente, após Abraham Weintraub, ex-ministro da educação do governo Bolsonaro, dizer que as universidades públicas praticavam balbúrdia e depois da apresentação do programa *Future-se*.

Frente a isso, segundo ele, os movimentos de esquerda da UnB teriam concluído ser necessário ter um DCE que:

“Colocasse no horizonte da política geral da UnB que era necessário combater a política educacional do MEC do Bolsonaro, porque, se a gente não fizesse um combate sério, um combate bem articulado, inclusive, nacionalmente do

movimento estudantil, a possibilidade de cortes ia ser bastante [grande] (Otávio, 22 anos, A Gente que Lute).”.

O contexto político levou as organizações de esquerda, após uma série de análises e debates, a lançar, na eleição do DCE de 2019, uma chapa de união das organizações. Segundo ele, os principais pontos que influenciaram a adesão à *A Gente que Lute* foram: a luta contra Bolsonaro, o combate a gestão despolitizante da *Aliança pela Liberdade* e a reativação do movimento estudantil. Com respeito a esses dois últimos pontos ele declarou:

“A *Aliança pela Liberdade* [...] um movimento que era extremamente burocratizado, extremamente alheio as demandas estudantis mais políticas e, principalmente, muito despolitizante, ou seja, fazia um debate contrário de organização política, debate contrário à partidos políticos (Otávio, 22 anos, A Gente que Lute).”.

“O outro foco principal era reativação do movimento estudantil, era a gente conseguir fazer com que o movimento estudantil tivesse corpo e tivesse representação e tivesse alma (Otávio, 22 anos, A Gente que Lute).”.

Ademais, ele destacou que lutava pela defesa da universidade pública, gratuita, de qualidade e popular. Além da ampliação da política de Lei de Cotas e pela democratização do movimento estudantil.

No que diz respeito à sua percepção e representação da universidade, para ele, ela representava possibilidade. E isso o levava a desejar uma universidade onde todas as pessoas que quisesse cursar o ensino superior, de fato, o pudesse. Adicionalmente, ele comunicou que a universidade correspondeu bastante as suas expectativas, no que se refere a ser um ambiente muito plural “no qual você vai encontrar todos os grupos possíveis, no qual você vai encontrar uma infinidade de coisas (Otávio, 22 anos, A Gente que Lute).

### **5.2.2.7 José**

José se engajou politicamente a partir das ocupações de 2016 da UnB, a qual participou ativamente. Nesse sentido, ele narrou que, apesar de ter tido sempre o acesso ao debate político em seu ambiente familiar e, inclusive, ter pensado em se organizar politicamente no ensino médio, seu contato direto com a política de forma organizada começou somente na UnB. Ele disse que o ponto inicial de seu processo de engajamento foi o ambiente de debate acerca do CA de seu curso, que ele encontrou quando chegou à UnB. Foi a partir desse momento, que ele começou a pensar sobre a ideia de “representação” e “representatividade” e de compreender a sua importância para que: “os estudantes consigam se organizar, colocar demandas, participar,

de fato, das deliberações, assim, no que envolve a vida deles, né? E aí isso foi o que mais me interessou.” (José, 26 anos, A Gente que Lute).

No entanto, ele ressaltou que, naquele período, ainda não era atuante em nenhum partido e nem em organizações políticas. É somente com as ocupações de 2016 da UnB, que ele sentiu essa necessidade de integrar uma entidade política aflorar. Então, ele decidiu se filiar ao PT e, lá, conheceu a DS. A partir de seu envolvimento na DS, ele achou necessário se organizar também no movimento estudantil, porém em uma lógica que ia além da mobilização no CA de seu curso. Isso culminou em sua adesão ao grupo Kizomba.

Segundo ele, ter feito parte do DCE não partiu de um desejo ou vontade pessoal, mas de uma tarefa política, que era a de lutar por um DCE que colocasse outra política no ambiente universitário.

“Então, como eu falei, né? Tipo entrar no DCE como uma tarefa política, pra mim, da Kizomba, foi ter a oportunidade de trazer uma nova política, de fato, de DCE, um debate diferente com os Centros Acadêmicos, né? As vivências daqui. Eu acho que foi o que mais motivou, assim, de fato, né? Essa falta de um DCE, que não existia, que não tocava a política que a gente precisava e que a oportunidade que a gente teve foi essa de se unir, né? E aí a A Gente que Lute, ela demonstra muito isso assim. (José, 26 anos, A Gente que Lute).”.

Ele também realçou os impactos do contexto sobre a necessidade de criação da chapa *A Gente que Lute*. Para ele, “é a conjuntura política nacional, não do movimento estudantil, mas, geral mesmo, que impôs que eles se unissem pra tocar esse projeto” (José, 26 anos, A Gente que Lute). Dessa maneira, de acordo com ele, a conjunção do governo Bolsonaro (iniciado em 2019) e da gestão de 2018-2019 do DCE (que era comandada pela *Aliança pela Liberdade*) os levaram a um sentimento de abandono e, perante isso, decidiram disputar o DCE com o intuito de estabelecer uma gestão que cuidasse, de fato, dos estudantes da UnB.

“E, assim, a gente esperava... acho que vindo daquela gestão da Aliança pela Liberdade num momento em que a universidade já tava sendo sucateada, né? Desde o final do governo Dilma, Temer aprofundou muito mais, Bolsonaro aprofundou mais ainda, fizeram com que os estudantes sentissem, como já falei, tipo, abandonados de fato. Assim, enquanto tinham pautas nossas que tavam sendo retiradas, a gente tinha um DCE que só debatia tópicos, por exemplo, da parada de ônibus. E aí a gente entrou muito nesse processo do DCE, no sentido ‘Oh! a gente quer ser uma chapa que cuide do estudante de fato’. Cuidar de pegar as demandas, necessidades e colocar pra disputa nas instâncias superiores da universidade, né? (José, 26 anos, A Gente que Lute).”.

Ele frisou que foi esse comprometimento na disposição de lutar pelos direitos dos estudantes e da universidade que estavam sendo retirados, o que mais lhe chamou atenção para entrada no grupo. Por fim, com relação a sua percepção e expectativa em relação ao ambiente universitário, ele revelou que, de início, a universidade correspondeu ao que ele esperava no

sentido de ser um ambiente muito diverso. Contudo, mais ao final de sua graduação, ela foi se tornando um espaço difícil, para ele, e surgiram dúvidas se valeria a pena todo o esforço que estava realizando. Mas, ele citou o papel da universidade de transformar vidas. “Então, ... mas, de maneira geral, eu vejo que a universidade, ela é uma das poucas instituições, assim, na sociedade, que conseguem transformar uma vida, assim, prum outro nível de perspectiva, assim, sabe?” (José, 26 anos, A Gente que Lute).

### 5.3 Conclusões gerais

Após a imersão nas experiências dos interlocutores da pesquisa, é possível visualizar a ideia de que “cada experiência é uma força motriz” (DEWEY, 1997, p. 38, tradução nossa). O modo como cada jovem é sensibilizado e chega às organizações políticas são singulares naquilo que podemos compreender como o que chamou o foco de sua atenção, sobre qual orientação sua ação estava voltada quando ingressou no grupo e mesmo as influências familiares em alguns casos.

Desse modo, observamos desde jovens em que a participação no grupo seria “mais um leque para explorar”, a jovens em que o ingresso nas organizações esteve vinculado a tentativas de superar certas emoções, ou como meio para gerar alguma mudança na infraestrutura de sua escola, universidade, entre outros.

Apesar disso, alguns aspectos chamam atenção ao olharmos para essas experiências. Um deles, é o fato dos jovens do grupo *A Gente que Lute* terem todos começado o seu engajamento militante antes de comporem o grupo. Além disso, a própria chegada ao grupo está relacionada às tarefas de sua militância anterior. Outros elementos que valem a consideração são as experiências de Felipe, José e Paulo que apontam para acontecimentos que impactaram suas interpretações e moldaram a forma como eles orientaram suas ações posteriores. No caso de Felipe, a experiência proporcionada pela vivência no Programa Ciências sem Fronteiras, para José e Paulo as experiências das ocupações, respectivamente, na universidade e na escola.

Ademais, temos as situações de Jaqueline, Otávio e Olívia em que as configurações familiares foram decisivas em seus processos de subjetivação política. Temos, ainda, as experiências de Olívia e Fabiana em que as interseccionalidades impactam suas trajetórias individuais e os afetos que experienciam/experienciaram no transcorrer dela, principalmente quando se tem em conta que elas constituem, como diz Rita Laura Segato (2005), signos referentes a uma ordem social-histórica patriarcal/sexista, racista, classista e homofóbica.

Por fim, o caso de Douglas, em que o sentimento de isolamento foi fundamental para influenciar a sua ação posterior em se submeter a processos seletivos em atividades de extensão, que, no final, o levaram até o seu engajamento na *Aliança pela Liberdade*. Contudo, há um aspecto comum a todas as experiências e ele será explorado no próximo capítulo.

## **6 INDO ALÉM DAS EXPERIÊNCIAS SUBJETIVAS: O QUE ESTÁ EM JOGO?**

Como mencionado anteriormente, apesar da grande diversidade das experiências subjetivas, que vimos no capítulo anterior, existe um ponto em comum que permite agrupá-las nesses dois grupos com os quais trabalhamos até aqui. E que, inclusive, possibilita que saíamos de uma perspectiva mais individualizada e, muitas vezes, entendida como correspondendo a propriedades individuais singulares a cada pessoa e, portanto, impossível de discussão e debate social e político (CAMPELLO, 2022).

Esse ponto comum refere-se às gramáticas sociais mobilizadas pelos atores e atrizes para fundamentar aquilo que julgam como apropriado ou não apropriado, justo ou injusto, certo ou errado. E que, conseqüentemente, impactam a sua interpretação sobre os fatos do mundo social. Afinal, essas gramáticas, como dito no primeiro capítulo dessa dissertação, fornecem horizontes de expectativa sobre os quais os sujeitos sociais se guiam, direcionam e julgam.

No universo específico dessa pesquisa, podemos observar duas gramáticas sociais amplas, que fundamentam as divergências observadas entre os jovens dos dois grupos políticos analisados. E que se confundem com os próprios programas sob os quais os grupos se assentam. Desse modo, temos uma gramática referente ao grupo *Aliança pela Liberdade* e outra referente ao grupo *A Gente que Lute*. Nos deteremos, nesse capítulo final, a analisar como se compõem essas duas gramáticas sociais e a tecer algumas ponderações sobre as conseqüências de assumir seus pressupostos de um modo extremo ou mínimo em nossas ações.

### **6.1 A gramática da Aliança Pela Liberdade**

A gramática da *Aliança pela Liberdade* se faz notar em certos termos mobilizados pelos (as) jovens que compõem esse grupo para justificar e qualificar certas ações, por exemplo, “liberalismo”, “pragmatismo”, “pautas realistas”, “ideias utópicas”, “universidade moderna”, entre outros. Para compreender o quadro descritivo que fundamenta esses termos, foi realizada uma análise de alguns documentos da *Aliança pela Liberdade* disponibilizados em suas próprias redes sociais. Além disso, foram analisados alguns *posts* antigos da página do *Facebook* da *Aliança pela Liberdade*.

A necessidade de analisar esses documentos e postagens surgiu durante as entrevistas realizadas, nas quais os (as) interlocutores (as) mencionavam a carta de princípios da *Aliança pela Liberdade* ou lemas do grupo para explicar princípios ou valores que estimulavam suas motivações para entrarem no grupo. Assim, tornou-se importante assimilar o que exatamente certos termos querem dizer e/ou ao que certas ideias fazem referência.

A ideia força que fundamenta a filosofia da *Aliança pela Liberdade* se encontra no liberalismo e no caráter liberal do grupo. Como dito em uma postagem de 2014, lembrando o discurso de posse de 2011: “somos mais que rótulos, somos princípios. Queremos fazer uma UnB mais Livre, lutaremos até o fim por isso”<sup>70</sup>. Além do mais, em documento intitulado “*Aliança pela Liberdade: apresentação, artigos e histórias (2009-2014)*”<sup>71</sup>, logo na primeira página, nos é dito que a filosofia do grupo não se construiu no vácuo, mas em uma ampla tradição literária e acadêmica seguida de algumas recomendações, são elas: Milton Friedman em “*Capitalismo e Liberdade*”; Frédéric Bastiat em “*O que se vê e o que não se vê/Petição dos fabricantes de vela*”; Carlos Rangel em “*Do bom selvagem ao bom revolucionário*”; John Stuart Mill em “*Sobre a liberdade*”; Friedrich Hayek em “*O caminho da servidão*”; George Orwell em “*1984*”.

Para além dessas recomendações iniciais, em cada início de seção, desse documento, são feitas citações de alguns outros autores, entre eles: Walter Lippman, Victor Hugo, Darcy Ribeiro, Rui Barbosa e José Ortega y Gasset. Podemos, além disso, apreender o sentido que eles empregam à ideia de liberdade a partir do seguinte trecho do e-mail que deu origem ao grupo.

Nós acreditamos que todos os seres humanos são indivíduos. Nós somos todos diferentes. Ninguém, graças aos Céus, é igual ou idêntico a qualquer outra pessoa. E nós acreditamos que todos têm o direito de serem diferentes, mas que, da mesma forma, todo ser humano é igualmente importante. Nossas igualdades residem em nossos direitos. O direito de pensar como quisermos, de estudar como quisermos e de orientar nossos esforços e nossa formação como quisermos. Não podemos e não iremos aceitar a visão totalizante de um movimento estudantil que até hoje parece estar a espera de seu Che Guevara. É hora de mostrar que existimos e que não somos apenas uma voz a ser ouvida, mas a melhor voz a ser ouvida. (ALIANÇA PELA

---

<sup>70</sup> ALIANÇA PELA LIBERDADE. Comemoração 3 anos de gestão no DCE UnB Honestino Guimarães. [publicação no Facebook] **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=680041962094907>. Acesso em: 5 mar. 2023.

<sup>71</sup> ALIANÇA PELA LIBERDADE. **Aliança pela Liberdade: apresentação, artigos e histórias (2009-2014)**. Organização da nova edição de Marianna Alvarenga, Rodrigo Moses A. Plácido, André Costa Pérez e Mateus de Oliveira. Autoria dos textos de Saulo Maia Said et al. [S.l.: s.n.], [s.d.]. Documento disponibilizado no site da Aliança pela Liberdade, <https://www.aliancapelaliberdade.org/>. Acesso 15 fev. 2022.

LIBERDADE. Comemoração de aniversário. [Publicação no Facebook]. **Facebook**, 15 de abril de 2016)<sup>72</sup>.

Contudo, a gramática não se limita apenas a ideologia liberal. O grupo exprime outros fundamentos que orientam suas distinções qualitativas que, por sua vez, conformam o vocabulário que institui o horizonte semântico sob o qual o grupo se guia. Esses outros fundamentos se mostram importantes ao grupo e relacionam-se as soluções/saídas que o grupo elege para enfrentar a dita “dura realidade” que se encontra na universidade (ALIANÇA PELA LIBERDADE, [s.d.]). Essa difícil realidade decorre do fato dos estudantes, ao chegarem no instituto universitário, defrontarem-se com um espaço de infraestrutura precária, desconectado do resto da sociedade e distante do mercado, insensível a outras fontes de aprendizado e recursos. Além de vítima de tentativas de aparelhamento partidário (ALIANÇA PELA LIBERDADE, [s.d.]). Alguns desse outros princípios acham-se no artigo 1º de seu estatuto.

**Art. 1º** A Aliança pela Liberdade, associação sem fins lucrativos, grupo acadêmico de debates teóricos e de mobilização político estudantil, é constituída por estudantes e ex-estudantes de graduação e pós-graduação da Universidade de Brasília e tem como fundamentos:

1. A liberdade de expressão, pensamento e manifestação;
  2. O estudo diligente e disciplinado;
  3. A reflexão e o debate;
  4. O respeito às minorias;
  5. A contestação ordeira e respeitosa;
  6. A crença na supremacia dos direitos e liberdades individuais;
  7. O pluralismo político;
  8. A igualdade de todos perante a lei;
  9. O Estado Democrático de Direito;
  10. O direito inalienável de cada indivíduo em escolher seu próprio destino.
- (ALIANÇA PELA LIBERDADE, p. 6, [s.d.]).

Para além disso, o grupo valoriza o mérito individual e o trabalho conjunto entre empresas públicas, privadas e a UnB. Visto que sua preocupação com o progresso da universidade abrange tanto questões humanas como científicas (ALIANÇA PELA

---

<sup>72</sup> Retirado de: ALIANÇA PELA LIBERDADE. Comemoração de aniversário. [Publicação no Facebook]. **Facebook**, 15 de abril de 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/alianca.liberdade/posts/937849446314156>. Acesso em: 5 de março de 2023.

LIBERDADE, [s.d.]). Assim, como expressado, eles buscam “criar uma UnB mais livre, plural e de excelência.”<sup>73</sup>.

Completando o sentido da frase anterior, outro alicerce crucial para o grupo localiza-se na ideia de pragmatismo. Definida como pautar o debate nos fatos e na realidade e não em radicalismos e paixões de cunho ideológico (ALIANÇA PELA LIBERDADE, [s.d.]). Essa percepção se assenta em lemas como “UnB nossa casa, UnB nossa causa”<sup>74</sup>. E referem-se também ao fato de que, para o grupo, o DCE deve focar sua atenção nos problemas internos da UnB de forma a promover um ambiente universitário que tenha a estrutura adequada para concepção de uma universidade de excelência e eficiente em seu funcionamento.

Somos estudantes que se preocupam com o dia a dia daqueles estudantes que querem fazer seu papel: estudar, refletir, debater, contestar, criticar as ideias pré-formatadas. Somos estudantes que se focam na resolução de problemas cotidianos e na melhoria da vida de cada um. Somos estudantes que acreditam na supremacia de direitos e liberdades individuais, na defesa das minorias, no respeito aos direitos fundamentais da pessoa humana, no Estado de Direito, na igualdade de todos perante à lei e no direito inalienável que cada indivíduo tem de escolher seu próprio destino. (ALIANÇA PELA LIBERDADE, pp. 17-18, [s.d.]).

Fizemos uma Aliança para promover a liberdade de expressão, a tolerância, o respeito ao próximo e a pluralidade ao movimento estudantil. Todavia, também a fizemos para buscar a excelência acadêmica, a valorização do mérito individual, a produção acadêmica e científica de ponta e uma infraestrutura de qualidade a todos os *campi* da UnB. Surgimos para tornar a UnB uma universidade socialmente inclusiva, internacionalizada, que envie alunos para o mundo e também os receba, fazendo com que ela brilhe nas primeiras posições dos rankings nacionais e internacionais. (ALIANÇA PELA LIBERDADE, pp. 7, [s.d.]).

### **Figura 5 - Princípios e Valores da Aliança pela Liberdade**

---

<sup>73</sup> Retirado de: ALIANÇA PELA LIBERDADE. Somos 283 alunos por uma UnB mais livre. [Publicação no Facebook]. **Facebook**, 12 de set. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=830586313707137>. Acesso em 5 de março de 2023.

<sup>74</sup> Esses lemas podem ser encontrados em várias postagens nas redes sociais do grupo.



Fonte: Página do *Facebook* da Aliança pela Liberdade. Referente a seguinte postagem: ALIANÇA PELA LIBERDADE. Venha conosco cultivar um futuro mais livre. [Publicação no Facebook]. **Facebook**, 24 de set. 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=659003767532060>. Acesso em 5 de março de 2023

Apesar do grupo não gostar que lhe seja atribuída outra denominação (ou que se refira a ele de outro modo) do que a de um grupo liberal, não se pode deixar de notar a proximidade de certos fundamentos com a denominada razão de mundo neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016) sob a qual se desenvolvem as novas gerações juvenis.

O que se chama de “razão do mundo neoliberal” diz respeito a um sistema normativo que fundamenta a razão do capitalismo contemporâneo (DARDOT; LAVAL, 2016). E desse modo, determina um novo modo de governo dos homens, uma vez que impacta, através de seu conjunto de valores, discursos, práticas e dispositivo, na produção de subjetividades e modos de vida (DARDOT; LAVAL, 2016). Esta racionalidade global, produz um novo sujeito, denominado neossujeito ou sujeito neoliberal, originado pelo novo contexto engendrado pelo capitalismo contemporâneo de corrosão progressiva de direitos trabalhistas e produção de insegurança e incerteza sobre a estabilidade trabalhista e situação laboral, que culmina na sensação de medo e perigo constante (DARDOT; LAVAL, 2016).

Como resultado, consolida indivíduos voltados ao constante processo de produção de valorizações do Eu, pois torna o indivíduo responsável pela valorização de seu próprio trabalho no mercado (DARDOT; LAVAL, 2016). Assim, o sujeito neoliberal é o indivíduo competente e competitivo, que busca maximizar seu capital humano em todos os campos e, dessa maneira, tornar-se mais eficaz e atrativo ao mercado (DARDOT; LAVAL, 2016).

Dito isso, podemos ver a influência dessa gramática neoliberal sobre a gramática da *Aliança pela Liberdade* em seus princípios de valorização da meritocracia, foco nos problemas do dia-a-dia da universidade e não em discussões utópicas, ou seja, uma preocupação relativa apenas aos problemas internos da universidade e na administração deles, pois seriam obstáculos ao desenvolvimento do capital humano dos discentes.

Ademais, também podemos ver a influência dessa gramática neoliberal no apoio do grupo ao desenvolvimento de um ecossistema empreendedor na UnB, já que isso pode ser pensado como uma técnica empregada para maximizar a produção da valorização do Eu e de seus atributos para o mercado de trabalho. Este aspecto, inclusive, aparece como eixo das ideias de “problemas reais” e “universidade moderna”, bem como de “UnB de excelência”.

“O papel da *Aliança* era ser um contraponto e era trazer esse pragmatismo [...] de trazer uma defesa do estudante e de trazer um nível maior do debate. [...] A *Aliança* ela dava muita publicidade pro estudante do que tava acontecendo. Eu não vejo mais isso na página do DCE no *instagram*, né?... a gente vê muito mais eventos partidários do que as coisas que estão acontecendo na universidade, parcerias que a gente fechava com a universidade, convidados internacionais que a gente trazia, que eram também contrapontos aquilo que o estudante via na sala de aula, a sala de aula era muito teórico, a *Aliança* trazia, tinha um cuidado muito grande de trazer o mercado de trabalho pra dentro da universidade e eu acho que isso é muito importante. (Lucélia, 26 anos, *Aliança pela Liberdade*).”

Por acreditar que a UnB pode e deve ser o epicentro de uma mudança cultural no DF e no Brasil, a *Aliança* apoia o desenvolvimento de um ecossistema empreendedor na Universidade de Brasília. Cada vez mais queremos juntar mentes fervilhando de ideias e mangas arregaçadas para transformar sonho em realização. Para isso, nos propomos a [1] dar suporte e visibilidade ao Movimento Empresa Júnior, ao Centro de Desenvolvimento Tecnológico, ao Parque Científico Tecnológico; a matérias empreendedoras como Introdução à Atividade Empresarial; à atividades como a Semana Integrar, a Semana Empreender, o Almanaque Doisnove e a; ao Marco Zero e outros projetos, além de trazer palestras sobre empreendedorismo sempre que possível. (ALIANÇA PELA LIBERDADE. Apoio ao empreendedorismo. [Publicação no Facebook]. **Facebook**, 8 de maio de 2014)<sup>75</sup>

Adicionalmente, como frisa Brown (2019), a racionalidade neoliberal é um projeto “mercado-e-moral”. E, nesse sentido, a ideia de “contestação ordeira e respeitosa” possibilita inferir tanto uma oposição às formas de mobilização mais contestatórias no ambiente universitário (as ocupações, por exemplo), como também se liga à ideia de que a rotina e eficiência universitária não deve ser interrompida e nem perturbada.

Na última quinta-feira, os servidores da Universidade de Brasília entraram em greve. Alguns serviços foram afetados pela paralisação, como a Biblioteca Central (BCE), que abrirá em horário reduzido. Além disso, vários departamentos estão com suas atividades interrompidas, prejudicando diversos serviços básicos tanto de alunos

---

<sup>75</sup> ALIANÇA PELA LIBERDADE. Apoio ao empreendedorismo. [Publicação no Facebook]. **Facebook**, 8 de maio de 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=715342621898174>. Acesso em 5 de março de 2023.

quanto de professores. Entretanto, o Restaurante Universitário (RU), que é administrado por uma empresa, não terá alterações no seu funcionamento. Se em tempos passados o nosso restaurante passava mais tempo fechado do que aberto, essa realidade mudou e o direito dos estudantes de realizar suas refeições a um menor custo foi mantido. (ALIANÇA PELA LIBERDADE. Greve dos servidores da UnB. [Publicação no Facebook]. **Facebook**, 31 de maio de 2015)<sup>76</sup>

Diante do exposto, podemos refletir sobre as consequências de levar a gramática da *Aliança pela Liberdade* ao seu limite máximo e mínimo de adesão. No tocante ao primeiro, duas situações aparecem: a primeira, se refere ao neossujeito, isto é, ao indivíduo preocupado apenas com o aprimoramento de suas habilidades e posição futura no mercado de trabalho; a segunda, tem a ver com os indivíduos que não se adaptam ou não conseguem alcançar o nível exigido de excelência acadêmica ou mesmo a questão de como manter esse ritmo. Esse último ponto, toca nos impactos dos níveis de exigência e ideais de meritocracia sobre a economia emocional dos indivíduos e as formas de sofrimento.<sup>77</sup>

Por outro lado, podemos fazer o exercício oposto, falando de uma universidade cujo DCE não presta atenção às demandas internas do corpo discente em suas múltiplas variedades. Nesse caso, fechar-se-ia os olhos para os impactos de uma infraestrutura precária na formação acadêmica e em como ela poderia causar dificuldades na vivência da rotina universitária. Além disso, seria um ambiente universitário que não se preocupa com a questão da empregabilidade e, portanto, com a transição dos estudantes da universidade para o mercado de trabalho. Ademais, tal universidade também não estaria atenta às habilidades e técnicas exigidas pelo mercado atual.

## 6.2 A gramática da A Gente que Lute

A gramática da *A Gente que Lute*, por sua vez, foi apreendida, principalmente, através dos relatos recolhidos por meio das entrevistas com os (as) jovens que participaram do grupo. Diante disso, as principais ideias força que fundamentam a filosofia da *A Gente que Lute* são o combate ao bolsonarismo e ao crescimento da extrema direita, bem como a necessidade de politizar o corpo discente da universidade. Além disso, pode-se notar a influência das gramáticas dos coletivos e partidos de seus(suas) jovens integrantes no modo como se

---

<sup>76</sup> ALIANÇA PELA LIBERDADE. Greve dos servidores da UnB. [Publicação no Facebook]. **Facebook**, 31 de maio de 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=782214868544282>. Acesso em: 5 de março de 2023.

<sup>77</sup> Para um aprofundamento na questão veja: SAFATLE; DA SILVA JUNIOR; DUNKER (2021) ou PETERS, Gabriel. O novo espírito da depressão: imperativos de autorrealização e seus colapsos na modernidade tardia. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 21, p. 71-83, 2021.

fundamenta a gramática do *A Gente que Lute*. Dessa forma, como eles mesmo dizem, reclamavam um “DCE de luta, forte e mobilizado”<sup>78</sup>.

Conforme captado em várias entrevistas, a chapa *A Gente que Lute* representa uma composição derivada da união de várias organizações estudantis de esquerda da UnB com o intuito de disputar o espaço de representação discente do DCE. Logo, como falam os (as) entrevistados (as), a *A Gente que Lute* simbolizava uma “chapa de unidade”. E, como informado, correspondia a segunda conformação de unidade entre os movimentos estudantis de esquerda realizada na UnB. A primeira chapa de unidade entre essas organizações foi a chapa *Todas as Vozes* criada em 2017 para disputar a eleição do DCE daquele ano e que conseguiu se tornar gestão do diretório central. No entanto, a chapa não teve uma gestão satisfatória por problemas internos.

“Mas, que, em 2017, que foi a chapa *Todas as Vozes* que ganhou as eleições, ela não teve uma gestão muito satisfatória, né? Ela teve vários problemas, assim, com organizações rachando a chapa por conta de divergências políticas. E, por conta desses problemas, acabou que, em 2018, a Aliança ganhou, de novo, a eleição pro DCE da UnB (Paulo, 21 anos, *A Gente que Lute*).”.

De acordo com o que foi relatado em uma conversa com uma das informantes, a grande variabilidade das chapas de esquerda deve-se, exatamente, ao fato de que nem sempre as mesmas organizações chegavam a acordos ou desejavam formar chapas conjuntas. Isso variaria consoante a uma série de variáveis.

Enquanto chapa de unidade, a *A Gente que Lute*, segundo o levantado nas entrevistas, refletia a união de onze organizações políticas de esquerda. Em decorrência da grande variedade de pensamento e opinião, institui-se um programa mínimo em torno de dois princípios, sendo eles: o combate à Bolsonaro e a reativação do movimento estudantil.

“[Existia] o que a gente chama de programa mínimo, ou seja, aquilo que, dentro de todos os programas dos coletivos, aquilo que a gente conseguia acordar e aí era esses dois princípios o princípio de combate ao Bolsonaro e o princípio de reativação do movimento estudantil e um terceiro princípio que eu acho que é um princípio mais organizativo que era nenhum campo tinha maioria sobre o outro ninguém poderia tomar uma decisão sem consultar o outro campo (Otávio, 22 anos, *A Gente que Lute*).”.

---

<sup>78</sup> A GENTE QUE LUTE. Texto de apresentação. [Publicação no Facebook] **Facebook**, 19 mai. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/agentequelute/photos/a.115030643234156/115030269900860/>. Acesso em: 6 março. 2023.

Além dessas ideias força basilares, também foi encontrado nos relatos a ideia de lutar pela promoção de uma nova cultura política fundada na noção de pensar o “cuidar” da universidade e, desse modo, construir uma nova realidade.

Pesquisadora: Quais valores e/ou princípios do *A Gente que Lute* mais chamaram a atenção de vocês pra entrada no grupo?

“A disposição de pensar uma universidade que avançasse muito no cuidar, assim, avançasse muito na necessidade de pensar o estudante enquanto um ser vivo orgânico que tem dores, que tem sabores, que vive a universidade com tudo isso e, apesar, de tudo isso, né? Acho que, quando a gente percebeu a disposição de todas as organizações em pensar essa mesma universidade, não era só a disputa do peso político, não era só a disputa de tá DCE, não era só a disputa de ser um diretor ou um secretário de DCE. Era a disposição de construir uma realidade nova. (Olívia, 26 anos, *A Gente que Lute*).”.

Com isso, é apresentado que, imbuído naquelas ideias forças basilares, há uma série de outras orientações qualitativas que compõem a gramática da *A Gente que Lute*. Dentre elas,

P: E contra o que vocês lutavam? E a favor do que vocês lutavam?

“Eu acho que... contra o que, existe um contra geral que é contra o desmonte das universidades públicas, é contra o negligenciamento com a vida do estudante, contra o racismo, machismo, homofobia no ambiente acadêmico, contra o academicismo com vidas é... que não tem a mesma ascensão social que muitas outras, então, né? Contra os preconceitos de classe que a gente sabe que existem fortemente na academia. (Olívia, 26 anos, *A Gente que Lute*).”.

“Então, eu entrei muito nesse sentido, assim, de querer construir um DCE com a política que eu acredito que é uma política antirracista, feminista e anticapitalista. (Fabiana, 21 anos, *A Gente que Lute*).”.

Para os jovens integrantes da *A Gente que Lute*, é somente quando se leva em consideração todas essas orientações que se estabelecerá o que ele e elas entendem como “representação concreta dos estudantes”.

Nesse sentido, acredita-se que a gramática da *A Gente que Lute* possa ser considerada como uma gramática de resistência de esquerda não somente relacionada ao enfrentamento das ações do governo Bolsonaro, mas também constituída contra os sistemas normativos do capitalismo, racismo, machismo e LGBTfobia contemporâneos.

Contudo, da mesma forma como procedemos com a gramática da *Aliança pela Liberdade*, podemos fazer o exercício de refletir sobre as consequências de levar a gramática da *A Gente que Lute* ao seu limite máximo e mínimo de adesão.

Explorando ao máximo a gramática da *A Gente que Lute*, chegaríamos a um ambiente universitário extremamente preocupado com o cuidado do corpo discente, mas, ao mesmo tempo, hipercrítico, hiperpolitizado e hipercontestatório, preocupado em desatar as relações de

poder desiguais presentes na sociedade atual. Contudo, a esse estado de coisas é dirigido, por seus adversários, o questionamento da própria possibilidade de se chegar a tal estado e do tempo que seria necessário para tanto.

Sendo assim, como vimos no capítulo anterior, a principal crítica dos adversários à *A Gente que lute* reside na ideia de “discussões utópicas” e mesmo um afastamento da consideração acerca de como se capacitar para empregabilidade futura. Entretanto e como vimos, um olhar dirigido apenas à questão do aperfeiçoamento ou para empregabilidade futura, desconsidera as relações de desigualdades, poder e violência expressas na sociedade contemporânea e que impactam os vários campos sociais, dentre eles, a universidade.

Dito isso, levar a gramática da *A Gente que Lute* ao mínimo, levaria, como dizem os jovens desse grupo, em resposta às críticas da *Aliança pela Liberdade*, a um DCE desconectado dos problemas sociais existentes no ambiente societário. E, até mesmo, contribuindo para torná-lo mais duro e forte, uma vez que se reproduziria e reforçaria suas lógicas sistêmicas. Logo como diz a artista Solange (2016) de modo bem mais bonito do que o exposto acima, é importante nos sentirmos cansados do mundo.

I'm weary of the ways of the world  
Be weary of the ways of the world  
I'm weary of the ways of the world  
[...]  
you're feeling like you're chasing the world  
You're leaving not a trace in the world  
But you're facing the world  
(SOLANGE. Weary, 2016)<sup>79</sup>

### 6.3 O que está em jogo?

Diante do exposto nas últimas seções, percebe-se que as tensões entre as gramáticas dos grupos *Aliança pela Liberdade* e *A Gente que Lute* colocam em questão a discussão sobre qual deve ser a função do DCE. Afinal de contas, ele deve se voltar para os problemas internos da UnB ou deve procurar politizar a universidade e organizá-la para lutas sociais?

“[O] DCE, ele tem que ser uma entidade, que não seja só uma entidade, é, no sentido estrutural das demandas estudantis, mas eu acho que DCE tem que cumprir o papel de mobilização, de articulação, de fazer com que os estudantes sejam sujeitos

---

<sup>79</sup> [Estou cansado dos caminhos do mundo/ Esteja cansado dos caminhos do mundo/Estou cansado dos caminhos do mundo [...] / você está se sentindo como se estivesse perseguindo o mundo/Você não está deixando rastros no mundo/Mas você está enfrentando o mundo] em: SOLANGE. Weary. Artista: Solange. Álbum: A Seat at the Table. Gravadora: Columbia Records, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u8Y5gk8J7XQ>. Acesso em: 11 de março de 2023.

ativos nesta construção do movimento estudantil (Fabiana, 21 anos, A Gente que Lute).”.

“Aliança era muito mais sobre resolver problemas do dia-a-dia. Fazer a universidade um lugar melhor pra todos os estudantes, pra que todos se sentissem incluídos é... sem olhar em quem você vota, em quem você pensa. É só resolver o problema real do estudante e fazer a universidade ser mais moderna. (Lucélia, 26 anos, Aliança pela Liberdade).”.

“[...] Uma gestão ativa, próxima dos estudantes e que conseguisse politizar a UnB como um todo. (Jaqueline, 22 anos, A Gente que Lute).”.

“O que eu gostava da Aliança e, de certa forma essas expectativas foram atendidas, é que a gente foca em resolver os problemas do estudante e isso significa trazer melhores condições de estudo pras pessoas, é... acessibilidade, na época, a gente trouxe as estações de bike é... que não tinham no campus Darcy Ribeiro, enfim, diversas coisas as lojinhas lá que tem do CIEE e do outro fomentador de estágio que eu esqueci o nome que tem lá no BSA Norte. É..., mas eu gosto disso. Eu gosto de que a gente é prático é... a gente tenta resolver os problemas mesmo e não só é... fazer um debate utópico sobre... questões até relevantes da sociedade, mas que, no fim das contas, não são a prioridade do estudante que tá indo ali assistir a aula. (Felipe, 30 anos, Aliança pela Liberdade).”.

Além disso, colocam, de certa forma, em questão a própria função da universidade em termos da formação que ela deve prover a seu corpo discente e do modo como as relações em seu interior devem ser estabelecidas. O que pode ser resumido em questões como: Qual o papel do estudante? Qual a função da Universidade?

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Não haveria política sem uma crítica da forma como somos afetados [...]. Pois conflitos sociais não são apenas conflitos pela realização mais adequada de conceitos normativos de liberdade e justiça. Eles são, muitas vezes, conflitos sobre o que devemos entender por liberdade e justiça. (CAMPELLO, 2022, p. 11).

Diante do exposto ao longo dessa dissertação, a análise procurou apresentar como o processo de engajamento em grupos associativos, em nosso caso específico, em grupos políticos que disputaram a gestão do DCE da Universidade de Brasília em 2019 é um fato complexo que diz respeito a um mosaico de fatores. E, por esse motivo, faz-se necessário recorrer não só às experiências individuais dos atores e atrizes envolvidos no processo, mas também a consideração do que motivou esses sujeitos a buscarem esses grupos ou o que os motivou na sua escolha específica por uma determinada organização política e não outra.

Frente a tal entendimento, a teoria do reconhecimento de Honneth (2009) inspirou a presente investigação, no sentido de sua contribuição para a reflexão sobre as motivações intrínsecas que fundamentam a ação social. Tendo isso em mente, é preciso adotar um quadro teórico oposto ao oferecido pelo cartesianismo e pelas concepções atomistas dos contratualistas,

já que essas perspectivas teóricas lidam com um indivíduo apartado de seu meio e dos outros, além de ser movido estritamente por seus cálculos acerca do que lhe trará maior benefício ou lhe proporcionará maior felicidade.

Sob esse ponto de vista, do cartesianismo e das concepções atomistas, o lógico seria, segundo Sandoval (1989), que os sujeitos não tendessem a participar politicamente. Pois, baseado em raciocínios lógicos de ganhos e perdas, de acordo com a teoria dos jogos, quando um benefício público está em disputa, os sujeitos que não participarem de manifestações políticas para sua conquista ganhariam duplamente, pois se beneficiariam do ganho e não arcaria com os custos da mobilização. Ou seja, eles pegariam “carona” com o engajamento de outros de modo a obter um ganho sem ter que dar alguma contrapartida e, caso todos percebam isso, então ninguém agirá porque não iriam querer arcar com o ônus (SANDOVAL, 1989).

Para sair desse dilema, um meio encontrado na teoria honnethiana do reconhecimento é a ideia de intersubjetividade. Perante essa abordagem, a busca por compreender o sujeito e suas ações não pode ser dissociada do entendimento de que ele habita um ambiente e encontra-se em relação com outras pessoas. Assim, o indivíduo não é um átomo, mas um ser social. Essa nova concepção do indivíduo como ser social, por sua vez, viabiliza a apreensão de que ele pauta seus atos também em referência a horizontes de expectativas daquilo que ele deve cumprir em relação aos outros e, contrariamente, daquilo que sabe que os outros possuem a obrigação de exercer para com ele (HONNETH, 2009).

Dentro deste último aspecto, emerge uma autorrelação prática que permite ao indivíduo se situar nas relações sociais e desenvolver sua identidade (HONNETH, 2009). Taylor (1985, 2013) e Boltanski e Thévenot (2020) contribuem para a compreensão de que essa autorrelação baseia-se em quadros descritivos através dos quais o sujeito julga e se move no mundo, o que, aqui, se concebe como as gramáticas sociais morais.

Além disso, a noção de indivíduo como sujeito social destaca como a sociedade afeta os atores sociais e como estes, por sua vez, também modificam a sociedade. Exigindo, então, um olhar cuidadoso sobre os fatores que sensibilizam os indivíduos. E, assimilar essas afetações, exige apreender como os sujeitos qualificam esse afeto.

Deste jeito, apoiando-se sobre tais bases teóricas, a pesquisa desenvolvida e retratada nesta dissertação procurou operar mediante dois procedimentos com o intuito de captar o que motivou jovens da UnB a se associarem em grupos que disputaram a direção do DCE em 2019: 1) analisar como se constituiu a trajetória desses jovens até sua adesão ao grupo com o objetivo de alcançar o que os sensibilizou para optarem pelo ingresso à organização política; 2) examinar

quais expectativas de determinados vocabulários de valores, sob os quais os sujeitos se guiam, não foram correspondidos/alcançados e os levaram a engajarem-se em grupos políticos.

Diante disso, com relação ao primeiro procedimento, conclui-se que as experiências de como cada interlocutor(a) da pesquisa chegou ao grupo político são diversas e singulares, pois se relacionam intrinsecamente com os ambientes em que cada um(a) circula, com as relações que cada um(a) tece. Contudo, o ponto comum entre elas e que possibilita entender a postura polarizada entre os grupos está nas gramáticas que eles utilizam para julgar o ambiente universitário e sua problemática, o papel do DCE e a própria a função da universidade.

Logo, como diz a citação apresentada no início desse capítulo final, compreender as disputas políticas também passa por conhecer as gramáticas em disputa no meio societário. E, além disso, da própria produção de novas gramáticas sociais. E, no contexto atual das sociedades contemporâneas, em especial da sociedade brasileira, parece ser essencial compreender as gramáticas que mobilizam as juventudes e sob as quais elas se orientam.

Assim, espera-se que esta dissertação possa contribuir para o desenvolvimento de outras pesquisas sobre o que motiva a juventude contemporânea a participar de forma ativa da política, em especial em formas de engajamento que exijam envolvimento com coletividades, e sobre o que ela vem propondo em termos de vocabulários sociais.

Desse modo, e por fim, cumpre ainda informar que, ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, apareceram à vista outras problemáticas que figuram como sugestões de questões e assuntos para serem tratados e desenvolvidos em pesquisas posteriores. Para citar algumas delas, temos o tópico sobre como se estrutura o movimento estudantil contemporâneo em termos da conjunção de grupos e esferas políticas mais institucionalizadas e não institucionalizadas em seu interior e como se dá a relação entre esses agrupamentos e espaços, ou seja, quais são os seus diálogos e os seus conflitos. Adicionalmente, vislumbrou-se a necessidade de um melhor desenvolvimento teórico entre a ideia de apatia política da juventude e não participação política juvenil, uma vez que é entendido a não relação direta entre as duas ideias, o que faz com que a não existência da primeira não implica necessariamente na não expressão da última e vice-versa.

E, por último, crê-se na necessidade de pesquisas com outros grupos juvenis acerca daquilo que eles identificam na realidade presente como desrespeitos ou falhas sociais. De modo, a pensar um quadro amplo daquilo que vem sensibilizando/afetando a juventude brasileira e quais os dispositivos que ela vem lançando mão para enfrentar esses desafios e imaginar outros modos e formas de vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBACETE, Gema M. García. **Young people's political participation in Western Europe: Continuity or generational change?** Basingstoke; New York: Palgrave Macmillan, 2014.
- ALIANÇA PELA LIBERDADE. **Aliança pela Liberdade: apresentação, artigos e histórias (2009-2014)**. Organização da nova edição de Marianna Alvarenga, Rodrigo Moses A. Plácido, André Costa Pérez e Mateus de Oliveira. Autoria dos textos de Saulo Maia Said et al. [S.l.: s.n.], [s.d.]. Documento disponibilizado no site da Aliança pela Liberdade, <https://www.aliancapelaliberdade.org/>. Acesso 15 fev. 2022.
- ARAUJO, Gustavo. Um ano do Tsunami da Educação: 15M. **UFSC Cotidiano**, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://cotidiano.sites.ufsc.br/um-ano-do-tsunami-da-educacao-15m/>. Acesso em: 15 mar. 2023.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.
- ARENDT, Hannah. **O que é política?** Tradução de Reinaldo Guarany. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- AVALIAÇÃO UNB. **Números da UnB**. 2021. Disponível em: <https://avaliacao.unb.br/index.php/avaliacao-interna/numeros-da-unb>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- BAHIA, Vitor Tavares. **Desrespeito moral, afetividade e luta por reconhecimento: a vida de prostitutas na Cidade do Recife**. 2017. 135f. Dissertação (mestrado em sociologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.
- BAQUERO, Marcello; VASCONCELOS, Camila de. Crise de representação política, o surgimento da antipolítica e os movimentos apartidarismo no Brasil. In: **Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política-COMPOLÍTICA**. 2013. Disponível em: <http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2013/05/GT06-Cultura-politica-comportamento-e-opiniao-publica-MarcelloBaquero.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2022.
- BOGHOSSIAN, Cynthia Ozon; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Revisão sistemática sobre juventude e participação nos últimos 10 anos. **Saúde e sociedade**, v. 18, p. 411-423, 2009.
- BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent. **A justificação: sobre as economias de grandeza**. Tradução de Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2020.
- BOMENY, Helena. Universidade de Brasília: filha da utopia de reparação. **Sociedade e Estado**, v. 31, p. 1003-1028, 2016.
- BORELLI, Silvia Helena Simões; OLIVEIRA, Rita De Cássia Alves. Jovens urbanos, cultura e novas práticas políticas: acontecimentos estético-culturais e produção acadêmica brasileira (1960-2000). **Utopia y Praxis Latinoamericana**, v. 15, n. 50, p. 57-69, 2010.

BRASIL. **Estatuto da juventude:** atos internacionais e normas correlatas. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2013. 103p.

BRENNER, Ana Karina. **Militância de jovens em partidos políticos:** um estudo de caso com universitários. 2011. 309f. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Sociologia da Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BRENNER, Ana Karina. Do potencial à ação: o engajamento de jovens em partidos políticos. **Pro-Posições**, v. 29, p. 239-266, 2018.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo.** Tradução de Mario A. Marino, Eduardo Altheman C. Santos. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

CAIXETA, Bianca Aparecida dos Santos. **Movimento negro universitário:** um olhar decolonial sobre afetos, trajetórias e a organização política dos grupos/coletivos negros na Universidade de Brasília. 2016. 97 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciências Sociais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

CAMPELLO, Filipe. O Hegel de Honneth. **PÓLEMOS – Revista de estudantes de filosofia da Universidade de Brasília**, v. 3, n. 6, p. 97–123, 2014.

CAMPELLO, Filipe. Axel Honneth e a virada afetiva na teoria crítica. **Revista Conjuntura: Filosofia e Educação**, vol. 22, p. 104-126, 2017.

CAMPELLO, Filipe. First- and second-order justice: making room for affects in social critique. **Pragmatism Today**, Vol. 12, Issue 1, pp. 54-64, 2021.

CAMPELLO, Filipe. **Crítica dos afetos.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.

CASTRO, Lúcia Rabello de. Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. **Revista de Sociologia e Política**, v. 16, p. 253-268, 2008.

CORRÊA, Diogo Silva; TALONE, Vittorio da Gamma. O esboço de uma teoria pragmatista da reflexividade: analisando os percursos do conceito pela teoria social. **Sociedade e Estado**, v. 36, p. 407-431, 2021.

COSTA, André. Por que participar da Aliança pela Liberdade?. **ALIANÇA PELA LIBERDADE**, 2021. Disponível em: < <https://www.aliancapelaliberdade.org/post/porque-participar-da-alian%C3%A7a-pela-liberdade>>. Acesso em: 15 fev. 2022.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão de mundo:** ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. In: FÁVERO, Osmar; SPÓSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina Reyes. **Juventude e contemporaneidade.** Brasília: UNESCO/MEC/ANPED, 2007, p. 155-176.

DE MATOS MESSIAS, Gabriela. representação política e democracia: o debate em torno da crise de representação. **Revista Prelúdios**, v. 3, n. 3, 2014.

DE SOUZA, Luiz Gustavo da Cunha. A importância da intersubjetividade: Winnicott e as ciências sociais. **Crítica e Sociedade: revista de cultura política**, v. 1, n. 2, 2011

DEWEY, John. The Theory of Emotion II: The Significance of Emotions. **Psychological Review**, v. 2, p. 13-32, 1895. DOI: <https://doi.org/10.1037/h0070927>

DEWEY, John. **Experience and Education**. Edição Touchstone. Nova York: Simon & Schuster, 1997.

EMIRBAYER, Mustafa; MISCHE, Ann. What is agency? **The American Journal of Sociology**, v. 103, n. 4, p. 962-1023, 1998.

FERREIRA, Victor Pimentel. O que organizar quer dizer? Observações preliminares de um estudo sociológico sobre a ação de organizar. In: **46º Encontro Anual da ANPOCS SPG 36 – Sociologia e Antropologia da Moral**, [s.p], 2022.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (FUB). **Anuário Estatístico 2021**. Brasília: UnB, 2022. Disponível em: <https://anuario2021.netlify.app/index.html>. Acesso em: 30 jun. 2022.

GABRIEL, Ruan de Sousa; AGUIAR, Tiago. A onda liberal chega aos diretórios e aos grêmios estudantis. **Época**, 2018. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/epoca/a-onda-liberal-chega-aos-diretorios-aos-gremios-estudantis-23321870>>. Acesso em: 15 fev.2022.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais, In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. – Petrópolis: Vozes, 2008. p. 64-89.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais**. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

GRASSO, Maria. Young people's political participation in Europe in times of crisis. In: PICKARD, Sarah; BESSANT, Judith (eds.). **Young people re-generating politics in times of crises**. Cham: Palgrave Macmillan, 2018, p. 179-196.

GROPPO, Luís Antonio. Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes. **Última Década**, nº33, cidpa valparaíso, diciembre 2010, pp. 11-26.

GROPPO, Luís Antonio et al. Coletivos juvenis políticos em uma universidade pública mineira: microespaço público e experiências de participação no movimento estudantil. **Praxis educativa**, v. 14, n. 3, p. 1027-1048, 2019.

HARRIS, Anita; WYN, Johanna; YOUNES, Salem. Beyond apathetic or activist youth: 'Ordinary' young people and contemporary forms of participation. **Young**, v. 18, n. 1, p. 9-32, 2010.

HENN, Matt; WEINSTEIN, Mark; WRING, Dominic. A generation apart? Youth and political participation in Britain. **The British Journal of Politics & International Relations**, v. 4, n. 2, p. 167-192, 2002.

HENN, Matt; WEINSTEIN, Mark; FORREST, Sarah. Uninterested youth? Young people's attitudes towards party politics in Britain. **Political studies**, v. 53, n. 3, p. 556-578, 2005.

HENN, Matt; FOARD, Nick. Young people, political participation and trust in Britain. **Parliamentary affairs**, v. 65, n. 1, p. 47-67, 2012.

HOLMES, Pablo. Reconhecimento e normatividade: a transformação hermenêutica da teoria crítica. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 24, nº 69, p. 129-145, 2009.

HONNETH, Axel. Redistribution as recognition: a response to Nancy Fraser. In: FRASER, Nancy; HONNETH, Axel. **Redistribution or recognition? A political-philosophical exchange**. London; New York: Verso, 2003, p. 110-197.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Tradução de Luiz Repa; apresentação de Marcos Nobre. São Paulo: Editora 34, 2009.

HONNETH, Axel. A dinâmica social do desrespeito: para a situação de uma teoria crítica da sociedade. **Política & Sociedade**, v. 17, n. 40, p. 21-42, 2018.

JOVCHELOVITCH, Sandra.; BAUER, Martin W. A entrevista narrativa, In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. – Petrópolis: Vozes, 2008. p. 90-113.

LONGO, Clerismar Aparecido. **Gestão Cristóvam Buarque: a redemocratização na Universidade de Brasília (1985-1989)**. 2014. 119 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

LORDON, Frédéric. **A sociedade dos afetos: por um estruturalismo das paixões**. Trad. Rodolfo Eduardo Scachetti e Vanina, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3ª edição, 1997.

MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. tradução: Cláudio Marcondes, In: Marialice M. Foracchi (org). **Karl Mannheim: Sociologia**, São Paulo, Ática, 1982, pp. 67-95.

MARCELO, Gonçalo. Consciência Moral e Reivindicação Social: em Torno do Paradigma do Reconhecimento. **Krisis -Actas das Jornadas de Jovens Investigadores de Filosofia**, p. 1-11, 2009.

MARTINS, Heloisa Helena T. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e pesquisa**, v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004.

MAYORGA, Cláudia. Pesquisar a juventude e sua relação com a política: notas metodológicas. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 18, n. 2, p. 343-350, 2013.

MELLO, Fabrício Cardoso de. **Assimetria e contestação: uma sociologia pragmatista das subjetividades coletivas**. 2017. 263 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MELO, Livia Veleda de Sousa e. **A concepção e a implantação de novos campi da UnB no DF e seus efeitos sobre a democratização do acesso**. 2013. 315 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MELO, Livia Veleda de Sousa e; SOUSA, José Vieira. Democratização do acesso à educação superior: o caso da Universidade de Brasília–Campus de Planaltina. **REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ANPED)**, v. 32, p. 1-16, 2009. Disponível em: < <http://www.anped11.uerj.br/32/gt11-5476--int.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2022

MESSEMBERG, Débora. O paradoxo da democracia: a participação política dos alunos da Universidade de Brasília. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 15, n. 1, p. e1-e23, 2015.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. Darcy Ribeiro e UnB: intelectuais, projeto e missão. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, v. 25, p. 585-608, 2017.

NEVES, Paulo Sérgio Costa; DE SOUZA, Luiz Gustavo da Cunha. Redistribuição ou reconhecimento, 15 anos depois. **Política & Sociedade**, v. 17, n. 40, p. 7-20, 2018.

OLIVEIRA, Sandra Maria de. **A melancolia na constituição político-identitária da juventude**. 2015. 203 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude—alguns contributos. **Análise social**, vol. 25, p. 139-165, 1990.

PETERS, Gabriel. A virada praxiológica. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 123, p. 167-188, 2020.

QUÉRÉ, Louis; MOTLOW, David. From an epistemological model of communication to a praxeological approach. **Réseaux. The French journal of communication**, v. 3, n. 1, p. 111-133, 1995.

RIBEIRO, Darcy. UnB: invenção e descaminho. In: RIBEIRO, Darcy. **Carta: falas, reflexões, memórias: informe de distribuição restrita do Senador Darcy Ribeiro**. Brasília: Gabinete do Senador Darcy Ribeiro, Senado Federal, 1995. p. 121-166.

ROSENTHAL, Gabriele. **Pesquisa social interpretativa: uma introdução**. Tradução de Tomás da Costa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

RUSKOWSKI, Bianca de Oliveira. **Do incômodo à ação beneficente e da indignação à ação contestatória: estudo sobre condições e mecanismos de engajamento nas Tribos nas Trilhas da Cidadania e no Levante Popular da Juventude**. 2012. 153f. Dissertação (mestrado em sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de pós-graduação em sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SAFATLE, Vladimir; DA SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian (Orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SANDOVAL, Salvador AM. Considerações sobre aspectos micro-sociais na análise dos movimentos sociais. **Psicologia & Sociedade**, v. 4, n. 7, p. 61-72, 1989.

SANT'ANNA, Chico; NEGRÃO, João. Esquerda retoma o DCE da UnB. **CHICO SANT'ANNA**, 2019. Disponível em: <https://chicosantanna.wordpress.com/2019/10/19/esquerda-retoma-o-dce-da-unb/>. Acesso em: 15 fev.2022.

SAWICKI, Frédéric; SIMÉANT, Johanna. Inventário da sociologia do engajamento militante: nota crítica sobre algumas tendências recentes dos trabalhos franceses. **Sociologias**, v. 13, p. 200-255, 2011.

SEGATO, Rita Laura. **Raça é signo**. Brasília: UnB, 2005. (Série Antropologia nº 372). Disponível em: <http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/segatoracaesigno.pdf>. Acesso em: 17 de maio de 2021.

SEIDL, Ernesto. (Re)pensar os movimentos sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 26, n. 75, p. 178-181. 2011.

SILVA, Eugénio Alves da. As metodologias qualitativas de investigação nas Ciências Sociais. **Revista Angolana de Sociologia**, n. 12, p. 77-99, 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ras/740>. Acesso em: 08 set. 2022

SILVA, Marcelo Kunrath; RUSKOWSKI, Bianca de Oliveira. Condições e mecanismos do engajamento militante: um modelo de análise. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 21, p. 187-226, 2016.

SILVA FILHO, Sidney Oliveira Santos. **Juventudes e participação política: a participação convencional e não convencional dos jovens universitários da Grande Recife**. 2017. 90f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

SOARES, Katlen Dayane Alves. **Instituição de Ensino Superior: expansão horizontal ou vertical? Racionalidade econômica de novos Campi: lições da experiência da UnB**. 2017. 98 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Economia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SOLANO, Esther; ROCHA, Camila (Coords). Juventudes e democracia na América Latina. **Fundação Luminare**, p. 1-52, jan. 2022. Disponível em: <https://luminaregroup.com/posts/research/youth-and-democracy-in-latin-america/pt>. Acesso em: 01 jul. 2022.

SPOSITO, Marília Pontes; TARÁBOLA, Felipe de Souza. Experiência universitária e afiliação: multiplicidade, tensões e desafios da participação política dos estudantes. **Educação & Sociedade**, v. 37, n. 137, p. 1009-1028, 2016.

SPOSITO, Marília Pontes; TARÁBOLA, Felipe de Souza; GINZEL, Flávia. Jovens, participação política e engajamentos: experiências e significados. **Linhas Críticas**, v. 27, p. 1-20, 2021.

TAYLOR, Charles. **Human Agency and Language: philosophical papers I.** Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

TAYLOR, Charles. **As fontes do self: a construção da identidade moderna.** Tradução Adail Ubirajara Sobral e Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

UnBTV. **UnB 60 anos: Da redemocratização à criação de um ambiente inspirador #2.** Youtube, 02 jun. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DFTx08hQ9UQ&t=1s>. Acesso em: 30 jun. 2022.

VAN DETH, Jan W. Studying political participation: Towards a theory of everything? **Paper presented at the Joint sessions of workshops of the European consortium for political research – Workshop “Electronic democracy: mobilisation, organisation and participation via new ICTs”.** Grenoble, April 6-11<sup>th</sup>, 2001.

WEISHEIMER, Nilson. Apontamentos para uma Sociologia da Juventude. **REVISTA CABO-VERDIANA DE CIENCIAS SOCIAIS**, v. 1, p. 9-26, 2013.

WEISS, Julia. What is youth political participation? Literature review on youth political participation and political attitudes. **Frontiers in Political Science**, v. 2, p. 1-13, 2020.

WERNECK, Alexandre. Sociologia da moral como sociologia da agência. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 12, n. 36, pp. 704-719, 2013.

ZURN, Christopher F. **Axel Honneth: a critical theory of the social.** Cambridge: Polity Press, 2015.

## ANEXOS

### Roteiro das Entrevistas

**Apresentação:** O objetivo da presente entrevista é responder à questão sobre o que motiva as(os) jovens, atualmente, a se interessarem pela política e dela participarem ativamente através de formas institucionalizadas de participação, nesse caso específico, em participar de grupos ligados à disputa da entidade máxima de representação discente, representada pelo DCE, no ano de 2019 na Universidade de Brasília (UnB). Para tanto será realizada, agora, uma conversa sobre a trajetória da(o) entrevistada(o) até a entrada no grupo político do qual se faz parte e suas percepções sobre o grupo ao qual se filiou e os motivos de seu engajamento.

1. Para começar, gostaria que você me falasse da história acerca da sua trajetória de vida até o momento em que você começou a participar de grupos políticos e em que você chegou ao grupo político em questão e resolveu se associar a ele.

#### Socialização na Família e na Escola

2. Como a sua família vê sua participação nesse grupo político?
3. Sua família costuma debater sobre política?
4. E se envolver com a política? Você possui algum familiar filiado a partidos políticos ou envolvidos em grupos políticos associativos (de bairro, movimentos sociais, grupos culturais)?
5. Você sente que isto teve alguma influência em sua postura política e seu envolvimento com grupos associativos?
6. Durante seu período escolar, você se envolveu em algum grupo de representação ou algum grupo político? Você já costumava debater sobre política?
7. Seus amigos costumam debater sobre política e se envolver em grupos políticos?
8. Você sente que isto teve alguma influência em sua postura política e seu envolvimento com grupos associativos?

#### Universidade

9. Agora me conte como foi sua trajetória até a entrada na Universidade
10. O que a Universidade representa para você e o que você espera da Universidade?
11. A realidade que você encontrou na Universidade correspondeu ou não às suas expectativas? De que forma?

#### Os Grupos Políticos

12. O que te levou a procurar entrar no grupo político do DCE?
13. E o que você acha que motivou a sua entrada efetiva no grupo?
14. Por que você decidiu fazer parte do A Gente que Lute e não de outro grupo?
15. Algum acontecimento político nacional, estadual ou do ambiente da Universidade influenciou a sua entrada no grupo? Qual/Quais?
16. O que você esperava do grupo ao qual você se integrou?
17. Quais valores e/ou princípios desse grupo político te chamaram atenção para entrada no grupo?
18. Contra o que você luta com a adesão ao grupo? E a favor de que você luta?

19. Qual a importância do grupo na sua trajetória?
20. Como você acha que seria a sua trajetória se você não tivesse feito parte do grupo?
21. Qual a função desse grupo do DCE para você?
22. Você se sente valorizado(a) nesse grupo?
23. Como você via sua participação política dentro do grupo? Quero dizer, para você, qual era sua função e seus desejos enquanto parte do grupo?
24. Para você, qual a função do DCE?
25. Você acha que o DCE conseguia cumprir essa função naquele contexto?
26. Quais eram os temas em cheque para você durante o tempo que ficou na A Gente que Lute?
27. Qual sua visão sobre o movimento estudantil da Universidade de Brasília?
28. O que você espera do movimento estudantil?

### **Questionário Socioeconômico**

- 1) Idade \_\_\_\_\_ (em anos)
  
- 2) Identidade de Gênero

Observações: \*Cisgênero(a) é a identidade da pessoa que permanece vivendo no gênero que lhe foi atribuído no nascimento. Por exemplo: uma pessoa que possui características biológicas típicas do gênero feminino e que se identifica como uma mulher. \*\*Transgênero(a) é a identidade da pessoa que transita ao longo da vida para um gênero diferente daquele que lhe foi atribuído no nascimento. Por exemplo: uma pessoa que nasce com características biológicas típicas do gênero masculino, mas que é pertencente/se identifica como mulher. \*\*\*Não-Binário é o termo associado a pessoas cuja identidade ou expressão de gênero não se limita às categorias "masculino" ou "feminino".

- ( ) Mulher Cisgênero
- ( ) Mulher Transgênero
- ( ) Homem Cisgênero
- ( ) Homem Transgênero
- ( ) Não-Binário

- 3) Cor/Raça:  
 Branco(a)     Pardo(a)     Preto(a)     Amarelo(a)     Indígena  
 Não Informado
- 4) Estado Civil:  
 Casado(a)     Solteiro(a)     Viúvo(a)  
 divorciado(a)     União estável     Outro: \_\_\_\_\_
- 5) Possui Religião?  Sim  Não    Qual? \_\_\_\_\_
- 6) Em qual Região Administrativa do DF você mora atualmente? \_\_\_\_\_
- 7) Fez Ensino Fundamental em:  
 Escola Pública     Escola Particular     Não Informado
- 8) Fez Ensino Médio em:  
 Escola Pública     Escola Particular     Não Informado
- 9) Em qual curso você está/estava matriculado(a) na UnB: \_\_\_\_\_
- 10) Está em qual período você estava quando ingressou no grupo? \_\_\_\_\_
- 11) Qual a sua forma de ingresso na UnB:  
 Programa de Avaliação Seriada (PAS)  
 Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)  
 Vestibular Tradicional  
 Vestibular Indígena  
 Outro. Qual \_\_\_\_\_
- 12) Você entrou por meio de qual sistema:  
 Ampla concorrência     Cotas     Não Informado     Outro \_\_\_\_\_
- 13) Você é filiado a algum partido político?  
 Sim    Qual? \_\_\_\_\_  
 Não

- 14) Quando você se filiou ao partido político?  
Ano: \_\_\_\_\_  
Qual era sua Escolaridade: ( ) Ensino Fundamental ( ) Ensino Médio ( )  
Universidade ( ) Não Informado
- 15) Além da participação no grupo do DCE ao qual você está vinculado(a), você é/era associado(a) a algum outro grupo político ou associativo (associação de bairro, movimento social, voluntariado, grupo religioso, grupo cultural)?  
( ) Sim Qual/Quais? \_\_\_\_\_  
( ) Não
- 16) Quando você se associou a esses grupos políticos/associativos? Você possuía qual escolaridade (Ensino Fundamental, Ensino Médio ou Universidade)?  
\_\_\_\_\_ (pergunta aberta para o caso de mais de um grupo)
- 17) Você continua atuando nesses grupos?
- 18) Como você mora?  
( ) Pais ( ) Republica ( ) Parentes ( ) Esposo(a)/Namorado(a) ( ) Não Informado
- 19) Você trabalha?  
( ) Sim Que tipo de trabalho você realiza? \_\_\_\_\_  
( ) Não
- 20) Como você se sustenta?  
( ) Pais ou Parentes ( ) por conta própria ( ) conta própria com ajuda ( ) Não informado
- 21) Qual sua renda mensal aproximada?  
( ) Não possui renda individual  
( ) Menos de 1 salário mínimo (menos de R\$ 1.212,00)  
( ) De 1 salário mínimo a 3 salários mínimos (de R\$ 1.212,00 a R\$ 3.636,00)

- De mais de 3 salários mínimos a 6 salários mínimos (de R\$ 3.636,01 a R\$ 7.272,00)
- De mais de 6 salários mínimos a 9 salários mínimos (de R\$ 7.272,01 a R\$ 10.908,00)
- Mais de 9 salários mínimos ou mais (R\$ 10.908,01 ou mais)

**Sobre os pais/família**

22) Qual a profissão do seu pai? \_\_\_\_\_ (Caso não saiba escreva “Não sei”)

23) Qual a profissão da sua mãe? \_\_\_\_\_ (Caso não saiba escreva “Não sei”)

24) Qual a escolaridade do seu pai?

- Analfabeto
- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo
- Pós- Graduação
- Não Informado

25) Qual a escolaridade da sua mãe?

- Analfabeto
- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo
- Pós- Graduação
- Não Informado

26) Qual a renda média da sua família?

- Menos de 1 salário mínimo (menos de R\$ 1.212,00)
- De 1 salário mínimo a 3 salários mínimos (de R\$ 1.212,00 a R\$ 3.636,00)
- De mais de 3 salários mínimos a 6 salários mínimos (de R\$ 3.636,01 a R\$ 7.272,00)
- De mais de 6 salários mínimos a 9 salários mínimos (de R\$ 7.272,01 a R\$ 10.908,00)
- Mais de 9 salários mínimos ou mais (R\$ 10.908,01 ou mais)

27) Seu pai é filiado a: (possível marcar mais de uma opção)

- Partido Político
- Associação Profissional
- Sindicato
- Associação de Moradores
- Outros. Qual/Quais? \_\_\_\_\_
- Não possui filiação

28) Sua mãe é filiada a: (possível marcar mais de uma opção)

- Partido Político
- Associação Profissional
- Sindicato
- Associação de Moradores
- Outros. Qual/Quais? \_\_\_\_\_
- Não possui filiação

**Obrigada pela sua participação em minha pesquisa de mestrado!**

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Eu, \_\_\_\_\_

RG \_\_\_\_\_ declaro que concordei em ser entrevistado(a) e em participar, como voluntário(a), da pesquisa de campo referente ao projeto de pesquisa intitulado **A política institucional morreu para juventude? O ativismo político dos estudantes da Universidade de Brasília**, vinculado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da

Universidade de Brasília (PPGSOL/UnB), e desenvolvido pela pesquisadora **Flávia de Sousa Oliveira** e orientada por **Débora Messenberg Guimarães**. A presente pesquisa tem por objetivo responder as seguintes questões: Qual o perfil dos jovens estudantes da UnB que se interessam e exercem a política institucional universitária? O que os move para atuarem nessa política institucional, bem como, quais os afetos se encontraram mobilizados para o exercício desta atividade? Uma vez que a política e o campo político convencionais são tão malvistas e desacreditados atualmente pela sociedade brasileira e juventude em particular.

Minha participação consistirá em fornecer dados relativos à minha trajetória até a entrada na Universidade e no grupo político ligado a disputa do espaço de representação discente do DCE Honestino Guimarães do qual faço parte, bem como fornecer dados sobre minhas percepções sobre o grupo e a Universidade, dados relativos às vivências familiares, escolares e sobre minha formação acadêmica, bem como informações relativas à perfil socioeconômico. Dessa forma, afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Compreendo que este estudo possui finalidade de pesquisa, que os dados obtidos serão divulgados seguindo as diretrizes éticas da pesquisa. E que minha participação **se fará de forma anônima**, por meio de entrevista (a ser gravada a partir da assinatura deste termo). Sei que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos e que o acesso e análise dos dados se fará apenas pela pesquisadora e orientadora da pesquisa.

---

Assinatura do(a) Participante

---

Assinatura da Pesquisadora

Brasília, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.